

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR JOSÉ ALOÍSIO DE CAMPOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
CIÊNCIAS E MATEMÁTICA- NPGEICIMA



PAULA FERNANDA DE CARVALHO DANTAS

**A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ESTADO DE SERGIPE: CONCEPÇÕES E
AÇÕES DOS PROFISSIONAIS DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

São Cristóvão – Se
2014

PAULA FERNANDA DE CARVALHO DANTAS

**A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ESTADO DE SERGIPE: CONCEPÇÕES E
AÇÕES DOS PROFISSIONAIS DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe – UFS como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Juvenal Carolino da Silva Filho

São Cristóvão – Se
2014

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

D192e Dantas, Paula Fernanda de Carvalho
A educação não formal no estado de Sergipe : concepções e ações dos profissionais dos cursos de licenciatura em química / Paula Fernanda de Carvalho Dantas ; orientador Juvenal Carolino da Silva Filho. – São Cristóvão, 2014.
169 f. ; il.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) Universidade Federal de Sergipe, 2014.

1. Química. 2. Educação não-formal. 3. Química – estudo e ensino. 4. Professores – formação - Sergipe. I. Silva Filho, Juvenal Carolino da, orient. II. Título.

CDU 54:374(813.7)

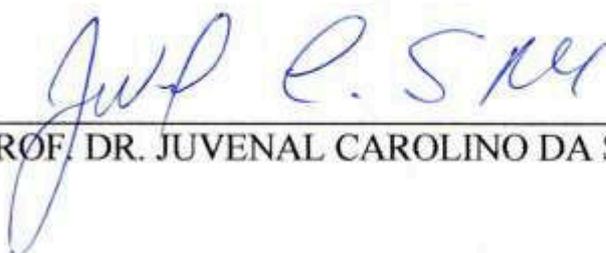


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS
E MATEMÁTICA - NPGEICIMA

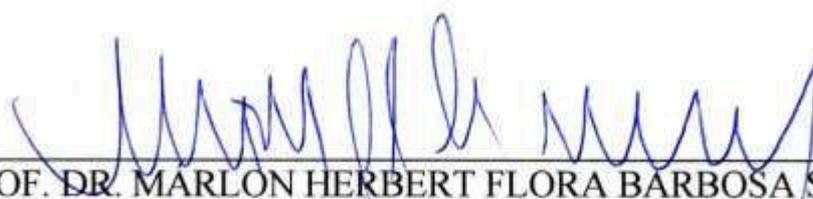


**“A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ESTASDO DE SERGIPE:
CONCEÇÕES E AÇÕES DOS PROFISSIONAIS DOS CURSOS DE
LICENCIATURAS EM QUÍMICA.”**

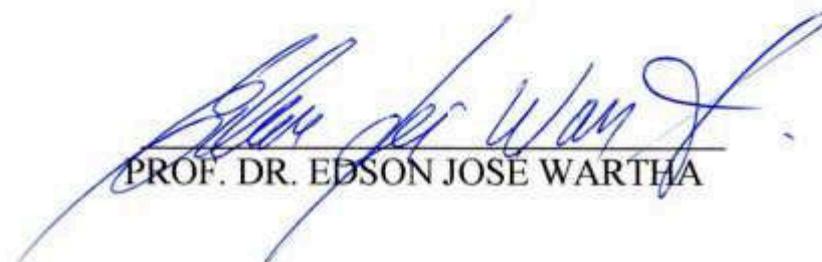
APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
28 DE FEVEREIRO DE 2014



PROF. DR. JUVENAL CAROLINO DA SILVA FILHO



PROF. DR. MARLON HERBERT FLORA BARBOSA SOARES



PROF. DR. EDSON JOSÉ WARTHA

Para meus pais Edilma e Antônio e meus avós (in memoriam)
Cecília e Paulo na certeza de que melhores dias virão e por tudo
de maravilhoso que representam para mim.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus pelo dom da vida, saúde, serenidade e lucidez ao longo da pesquisa. Obrigada por estar sempre ao meu lado, segurando a minha mão!!!

Aos meus pais Edilma e Antônio pelo exemplo de vida, e por me propiciar o acesso à educação, não medindo esforços e sacrifícios para esse fim. Aos meus pais e familiares o meu MUITO OBRIGADA pela atenção e apoio incondicional no decorrer do curso!!!

Ao professor Dr. Juvenal, meu orientador, pela paciência e orientação atenciosa, instigadora e rigorosa durante toda a jornada do mestrado. Foram muitos os aprendizados nesta caminhada.

A professora Valéria Garcia, obrigada pela contribuição.

Aos professores das Instituições de Ensino Superior do Estado de Sergipe que se dispuseram participar desta investigação.

Aos professores que participaram das bancas de qualificação e defesa, Dr^a Zélia Macedo, Dr. Márlon Soares e Dr. Edson Wartha, obrigada pelas contribuições e sugestões apresentadas nas bancas.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram nessa jornada com um incentivo, uma palavra de apoio e que torceram por esta vitória. Em especial a colega de curso Gisleine, pelas conversas, risadas e congressos compartilhados, enfim sintam-se todos agradecidos.

A Fapitec pelo apoio.

De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!

Fernando Sabino

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo conhecer as concepções sobre o campo da Educação Não Formal dos profissionais atuantes nos cursos de Licenciatura em Química das Instituições de Ensino Superior do Estado de Sergipe e mapear as ações que são desenvolvidas por esses profissionais. Para a obtenção das informações, foi utilizada a técnica da entrevista. Os resultados mostraram que os profissionais envolvidos nos cursos de Licenciatura em Química ainda são carentes de um embasamento teórico sobre a Educação Não Formal para que realmente possam inferir sobre as atividades deste tipo de educação. Os representantes das instituições de ensino, professores, coordenadores e diretores relatam que as ações não formais não são em grande volume devido à falta de valorização das atividades de extensão, pela instituição de ensino que é o local onde se encontra atualmente a maior parte das ações não formais. A falta de financiamento pelas agências de fomento estadual e nacional e conseqüentemente o número reduzido de profissionais para a divulgação das atividades de Educação Não Formal são alguns dos fatores que também inibem este tipo de ação pelos profissionais de Química. Apesar de todas as dificuldades relatadas, verifica-se que há um número expressivo de projetos das Universidades e Faculdades no estado de Sergipe que foram classificados como ações de Educação Não Formal e estão contribuindo para o ensino de ciências, em especial o Ensino de Química. É importante que haja uma valorização da Educação Não Formal no Ensino de Ciências, o que irá com certeza, contribuir para a divulgação e aquisição do conhecimento das ciências, e é de suma importância que tal fato perpassa pela inserção nos currículos dos cursos de licenciatura em ciências, de temas relacionados à Educação Não Formal.

Palavras chave: Educação Não Formal, Educação Formal, Educador (a) Social, Ensino de Química, Instituição de Ensino Superior no Estado de Sergipe.

ABSTRACT

This study aimed to understand the conceptions about the field of Non-Formal Education of professionals working in the Degree in Chemistry of Institutions of Higher Education of the State of Sergipe and map the actions developed by these professionals. To obtain the information, the interview technique was used. The results showed that the professionals involved in undergraduate courses in Chemistry are still lacking a theoretical foundation on Non Formal Education so they can actually infer the activities of such education. Representatives of education, teachers, coordinators and directors institutions report that no formal actions are not in large volume due to lack of appreciation of the extension activities, the educational institution that is where it is currently the most actions not formal. The lack of funding for state and national funding agencies and hence the reduced number of professionals for the dissemination of the Non-Formal Education activities are factors that also inhibit this type of action by the professionals of Chemistry . Despite all the difficulties reported, it appears that there is a significant number of projects of Universities and Colleges in the state of Sergipe which were classified as shares of Non-Formal Education and are contributing to the teaching of science, particularly the Teaching of Chemistry. It is important to have an appreciation of the Non-Formal Education in Science Teaching, which will certainly contribute to the dissemination and acquisition of knowledge of the sciences, and is of paramount importance that this fact pervades the inclusion in the curricula of undergraduate courses in science -related topics Non-Formal Education.

Keywords: Non-Formal Education, Formal Education, Educator (a) Social, Chemistry Teaching, Higher Education Institution in the State of Sergipe.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definições de Educação Formal, Educação Não Formal e Educação Informal.....	26
Quadro 2 - Diferenças entre Educação Formal, não formal e informal, adaptado de Gohn (2006 e 2010).....	29
Quadro 3 - Comparação entre Educação Formal e não formal adaptado de Afonso (1992)....	30
Quadro 4 - Mapeamento dos entrevistados.	41
Quadro 5 - Concepção dos colaboradores dos grupos 1 e 2 em relação ao conceito de Educação Não Formal.	48
Quadro 6 - Ações no campo da Educação Não Formal promovidas pelas instituições pesquisadas segundo a visão do grupo 1.	64
Quadro 7 - Ações no campo da Educação Não Formal promovidas pelos departamentos de Química nas instituições pesquisadas segundo a visão do grupo 2.	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O conceito de ENF, segundo a visão dos colaboradores.	52
Figura 2: Espaços utilizados para o desenvolvimento das ações de ENF.	54
Figura 3: Principais dificuldades encontradas pelos colaboradores para o desenvolvimento das ações de ENF.	58
Figura 4 - Pessoas que segundo os colaboradores podem atuar nas ações de ENF.	60
Figura 5- Público alvo das ações de ENF realizadas no estado de Sergipe.....	70
Figura 6 - Concepções dos colaboradores a cerca das formas de acompanhamento das ações de ENF realizadas.	71
Figura 7 - Visão geral de atividades do projeto Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão. A- Povoado Cajaíba/Itabaiana 2012 e B- Frei Paulo 2013.	78
Figura 8 - Visão dos stands do projeto Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão – Frei Paulo 2013.	78
Figura 9 - Início das atividades do projeto Ciência na Feira – Itabaiana 2013.	79
Figura 10 - Desenvolvimento de atividades de Química no projeto Ciência na Feira – Itabaiana 2013.....	80
Figura 11: - Cerimônia de abertura da OCMEA – Itabaiana 2012.....	81
Figura 12 - Atividades do projeto OCMEA – Itabaiana 2012.....	81
Figura 13 - Atividades do Química também é cultura: Show da Química com teatro III – Frei Paulo 2013.	82
Figura 14 - Teatro de Mamulengos do Química também é cultura: Show da Química com teatro III – Itabaiana 2013.	83
Figura 15 - Atividades da OSEQUIM, 2010.	84
Figura 16 - Atividades do Química Itinerante – Pedrinhas 2013.	85
Figura 17 - Oficinas Temáticas do Projeto Química Itinerante – Pedrinhas 2013.	85
Figura 18 - Atividades do ENSEQ – São Cristóvão 2013.....	86
Figura 19 - Oficinas temáticas para alunos da educação básica no ENSEQ – São Cristóvão 2013.	86
Figura 20 - Oficina Temática para Professores da Educação Básica e Graduandos na Escola de Verão – São Cristóvão 2013.	87
Figura 21 - Oficina Temática para Alunos da Educação Básica na Escola de Verão - São Cristóvão 2013.....	88

Figura 22 - Atividades do ENESQUIM – Itabaiana 2012.....	89
Figura 23 - Cidades do estado de Sergipe visitadas pelas atividades itinerantes de Educação Não Formal.....	90

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENESQUIM	Encontro Estadual de Química
ENF	Educação Não Formal
ENSEQ	Encontro Sergipano de Química
EVEQUIM	Escola de Verão em Educação Química
FAPITEC	Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96)
OCMEA	Oficinas de Ciências, Matemática e Educação Ambiental
ONGs	Organizações Não Governamentais
OSEQUIM	Olimpíada Sergipana de Química
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	16
1 – Introdução	17
1. 1 – Aspectos Gerais da Investigação	17
1. 2 – Objetivos e Problema de Investigação	18
1. 3 - Hipóteses de Investigação	18
1. 4 – Justificativa de Investigação	19
CAPÍTULO II	20
2 – Revisão da Literatura.....	21
2. 1 – Educação	21
2. 2 - O Surgimento da Educação Não Formal	22
2. 3 – Educação Formal, Não Formal e Informal	24
2. 3. 1 – Diferenças entre Educação Formal, Não Formal e Informal	28
2. 4 - Entendendo a Educação Não Formal.....	31
2. 4. 1 - Características Intrínsecas a Educação Não Formal	33
2. 5 - Primeiras ações de Educação Não Formal no Brasil.....	35
2. 6 – Algumas Ponderações sobre a Educação Não Formal.....	36
CAPÍTULO III.....	38
3 – Trabalho Desenvolvido.....	39
3. 1 – Aspectos Metodológicos	39
CAPÍTULO IV	43
4 – Resultado e Discussões	44
4. 1 – Entrevistas.....	44
4. 2 – O conceito de Educação Não Formal.....	47
4. 3 – Espaços para realização das ações no campo da Educação Não Formal	53
4. 4 – Evidências das ações no campo da Educação Não Formal.....	55

4. 4. 1 – Semelhanças entre Educação Formal e Educação Não Formal segundo a visão dos colaboradores do grupo 3.....	56
4. 5 – Dificuldades na realização das ações no campo da Educação Não Formal.....	57
4. 6 – Pessoas e/ou profissionais que podem atuar como educador (a) social no campo da Educação Não Formal na visão dos colaboradores.....	60
4. 7 – Contribuições das ações de Educação Não Formal para o Ensino de Ciências.....	62
4. 8 - O que esta sendo feito de Educação Não Formal no Ensino de Química no Estado de Sergipe	64
4. 8. 1 – Fontes de financiamento das ações no campo da Educação Não Formal	67
4. 8. 1. 1 – A instituição e o financiamento para ações ou espaço permanente da Educação Não Formal.....	69
4. 8. 2 - Públicos alvo das ações de Educação Não Formal voltadas para o Ensino de Química no estado de Sergipe	69
4. 8. 3 – Acompanhamento das ações no Campo da Educação Não Formal no Ensino de Química no estado de Sergipe	71
4. 8. 4 – Procedimentos metodológicos e o processo de aprendizagem nas ações de Educação Não Formal voltas ao Ensino de Química no Estado de Sergipe	72
4. 8. 5 – Um pouco mais sobre cada ação de Educação Não Formal no Ensino de Química promovidas por Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe.....	76
4. 9 – Como melhor dinamizar a relação escola-espacos/ações no Campo da Educação Não Formal	91
CAPÍTULO V.....	94
5 – Considerações Finais	95
BIBLIOGRAFIA	97
APÊNDICE	101
Apêndice A - Apresentação da Proposta de Pesquisa.....	102
Apêndice B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	103
Apêndice C - Roteiro de Entrevista / Dirigido ao Diretor ou Representante de Direção das Instituições	104

Apêndice D - Roteiro de Entrevistas / Dirigido ao Coordenador do Curso de Licenciatura em Química.....	105
Apêndice E - Roteiro de Entrevista / Dirigido aos Professores	106
Apêndice F - Transcrições das Entrevistas	108

CAPÍTULO I

1 – Introdução	1.1 – Aspectos Gerais da Investigação
	1.2 – Objetivos e Problema de Investigação
	1.3 - Hipóteses de Investigação
	1.4 – Justificativa de Investigação

1 – Introdução

1.1 – Aspectos Gerais da Investigação

No Brasil, até ano de 1980, quando se falava de aprendizagem em ciências tinha-se em mente somente o espaço da escola, o chamado espaço “formal”. Mas o ato de ensinar pode se apresentar em diferentes momentos, formas e espaços, sejam eles oficiais ou não. Nesse contexto, é que é discutida as questões da Educação, em especial a Educação Não Formal.

Em leituras sobre o tema, é perceptível que os adjetivos mais utilizados como complementares ao termo educação são: formal, não formal e informal. No entanto não é uma tarefa simples distinguir e caracterizar os três tipos de educação, que se diferenciam principalmente na proposta metodológica e na utilização do espaço-temporal.

A conceituação para os três modos de educação ainda não é uma unanimidade entre os pesquisadores da área. É possível identificar diferentes pesquisadores, tais como: Coombs e Ahmed (1975), Afonso (1992), Libâneo (1998), Bianconi e Caruso (2005), Gohn (2006), propondo diferentes definições, sendo que ainda há lugar para discussões, pois há definições sobre o tema que são abrangentes e outras mais concisas.

A Educação Não Formal (ENF) é uma modalidade de ensino que vem se estabelecendo como um novo campo educacional de investigação, o qual apresenta como principais características a flexibilidade de conteúdos, horários e metodologias no processo de ensino e de aprendizagem, sendo assim ao longo dos anos a ENF passou a ser mais estudada, discutida e até mesmo mais divulgada por muitos pesquisadores (GOHN, 2011).

A ENF, em geral, é realizada em espaços bastante diversificados, como museus, praças, museus itinerantes, centros de ciência, feiras, mostras de ciências, dentre outros (GADOTTI, 2005). Estes espaços/ambientes revelam-se como uma grande e variada fonte de conhecimento da educação científica não só para os estudantes dos vários níveis, entendido aqui prioritariamente como alunos do Ensino Fundamental e Médio, mas também para a sociedade como um todo (MARANDINO, 2004, 2005). Nessa visão, a ENF pode possibilitar a aprendizagem e/ou aprofundamento dos conceitos vistos na Educação Formal, porém em espaços diferenciados nos quais as atividades são elaboradas e desenvolvidas com objetivos específicos (GASPAR, 2002).

O campo da ENF obteve bastante visibilidade nos últimos anos, podendo ser considerado como parte integrante da formação do ser humano, independentemente de idade, classe social e cultura. No entanto, mesmo com toda visibilidade e divulgação, a ENF ainda é carente de inventários bem organizados, através dos quais se possa fazer uma divulgação mais efetiva das ações existentes, bem como das ações específicas para o ensino de ciências, em especial o Ensino de Química (GOHN, 2006, 2010; TRILLA, 2008).

1. 2 – Objetivos e Problema de Investigação

O presente trabalho teve como objetivo geral identificar as ações no campo da ENF no ensino de Ciências/Química, promovidas pelas Instituições de Ensino Superior do Estado de Sergipe e conhecer a concepção dos professores de Química atuantes nessas instituições e responsáveis pelas respectivas ações, sobre o que se entende por ENF, realçando as questões:

- ✓ quais são os espaços mais apropriados para realização das ações no campo da ENF;
- ✓ o que evidencia as ações no campo da ENF;
- ✓ qual o público alvo das ações realizadas no campo da ENF promovidas pelas instituições pesquisadas;
- ✓ qual a contribuição das ações no campo da ENF para o ensino Química;
- ✓ quais as pessoas ou profissionais que podem atuar no campo da ENF;
- ✓ quais as principais dificuldades para realização das ações no campo da ENF.

Sendo assim, o problema de investigação foi definido da seguinte forma: como se dá as iniciativas no campo da ENF no Ensino de Química, pelas Instituições de Ensino Superior do Estado de Sergipe?

1. 3 - Hipóteses de Investigação

O mapeamento das ações de ENF em Ensino de Química no estado de Sergipe possibilitará não só o conhecimento dessas ações, mas a maior divulgação das ofertas no

campo da ENF no estado. Sendo assim, pensa-se que haverá maior consolidação destas ações de ensino não formal, o que despertará amplas reflexões sobre o Ensino de Química/ciências.

1.4 – Justificativa de Investigação

A ENF é uma modalidade de ensino que vem sendo proposta desde a década de 60, principalmente nos países que possuem tradição em investigação sobre práticas educacionais diferenciadas tais como, Espanha, Portugal, França e Alemanha. No Brasil começou-se a discutir a ENF no final da década de 80. Apesar dos estudos sobre este tipo de educação, muitas ações no campo da ENF não são percebidas pela sociedade. No estado de Sergipe, não há registro do mapeamento das ações de ENF em Ensino de Química nas Instituições de Ensino Superior.

O termo ENF ainda é pouco usual no meio acadêmico, principalmente quando relacionado ao Ensino de Ciências. No entanto as ações no campo da ENF são reconhecidas pelos órgãos que desenvolvem as políticas públicas brasileiras na área de educação, desde a década de 90, quando foi instituída a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996). Essa foi uma das primeiras leis no âmbito educacional que apresenta um amplo conceito de educação no qual podem ser englobados tanto a Educação Formal, como outras formas de educação, como pode ser constatado no artigo 1º:

a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Logo, as discussões ao longo dessa pesquisa possibilitaram o conhecimento de dados até então pouco explorados no que diz respeito à ENF no estado de Sergipe. É necessária a criação e disponibilização de inventários bem estruturados e atualizados com as ofertas existentes no campo da educação, em especial da ENF. Assim, não somente os estudantes dos vários níveis, mas a sociedade em geral poderá conhecer o que se tem feito em relação à educação no ensino de ciências em uma perspectiva não formal (GOHN, 2006, 2010; TRILLA, 2008).

CAPÍTULO II

<p>2 – Revisão da Literatura</p> 	<p>2. 1 – Educação 2. 2 - O Surgimento da Educação Não Formal 2. 3 - Educação Formal, Não Formal e Informal 2. 3. 1 - Diferenças entre Educação Formal, Não Formal e Informal 2. 4 - Entendendo a Educação Não Formal 2. 4. 1 - Características Intrínsecas da Educação Não Formal 2. 5 - Primeiras Ações de Educação Não Formal no Brasil 2. 6 – Algumas Ponderações sobre a Educação Não Formal</p>
---	---

2 – Revisão da Literatura

2.1 – Educação

A palavra educação, segundo o dicionário míni Aurélio designa o “ato ou efeito de educar (-se)”, ou seja, ação na qual conhecimentos, experiências, costumes, crenças são transmitidos através das relações sociais (FERREIRA, 2010). A educação abrange uma série de ações e experiências tanto educacionais quanto formativas e não restritas apenas ao universo escolar, sendo assim a educação serve de suporte para as mudanças sociais bem como ao desenvolvimento econômico de uma região ou de países (SIMSON; PARK; FERNANDES, 2007).

O desenvolvimento tecnológico e a globalização exigem da educação um embasamento necessário e indispensável para compreensão e entendimento desse novo mundo que é apresentado à sociedade (GOHN, 2011). A educação é inerente ao desenvolvimento de toda a sociedade, e talvez por ser um processo de grande complexidade a discussão sobre ela é realizada prioritariamente por alguns setores dessa sociedade, tais como universidades, escolas e o terceiro setor, que compreende associações e entidades sem fins lucrativos, como é o caso das Organizações Não Governamentais (ONGs).

Segundo Gohn (2001) com a ampliação do entendimento do conceito de educação, não há mais restrição das ações que se desenvolvem nos sistemas de ensino formais, estas ações estão traspondo os muros da escola para os mais variados espaços, constituindo assim o que pode ser chamado de um novo campo da educação, o chamado campo da ENF. Logo, a ampliação do conceito de educação foi um acontecimento bastante significativo aos processos sociais contemporâneos, nos quais os educadores reconhecem que as práticas educativas se dão em vários locais e de formas diversas (LIBÂNEO, 2010).

A educação pode ser entendida como uma forma de ensino-aprendizagem que acontece de forma ativa ao longo da vida (VIEIRA; BIANCONI; DIAS, 2005). Nesse sentido a escola não é mais o único ambiente promotor de aprendizagem, já que a educação é constituída de um processo plurifacetado.

A educação ainda pode ser definida como: “[...] o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na

sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais” (LIBÂNEO, 2010, p.30). Assim a educação pode ser compreendida como um fenômeno social, que se dá em meio à interação sociocultural, como um direito de todo cidadão e ao mesmo tempo condição necessária para que o cidadão possa pleitear os direitos constitucionais, logo, tanto a educação quanto o direito a ela deve estender-se por toda a vida (GADOTTI, 2005).

O processo educacional não pode ficar restrito ao tempo e aos espaços escolares, ele deve ser entendido como uma ação permanente e composta por uma grande variedade de ações. A educação acontece na escola, em casa, no trabalho, na feira, em museus, entre tantos outros espaços, onde acontece a interação para transmissão de saberes diversos (PASTOR HOMS, 2011b). Assim, faz-se necessário diferenciar e conceituar as várias modalidades de educação e os espaços onde elas podem ser aplicadas.

2. 2 - O Surgimento da Educação Não Formal

Alguns pesquisadores, em especial o espanhol Jaume Trilla (1999), afirmam que a ENF sempre existiu, ao contrário da Educação Formal, institucionalizada. Porém, Trilla aponta a crise na escola formal como o marco inicial para reflexões mais profundas sobre o campo da ENF. Pode-se melhor compreender seu pensamento através da passagem:

o marco institucional e metodológico da escola nem sempre é o mais idôneo para atender a todas as necessidades e demandas educacionais. A estrutura escolar impõem limites que devem ser reconhecidos. E mais: além de não ser apta para todo tipo de objetivo educacional, a escola mostra-se particularmente imprópria para alguns deles.

Do ponto de vista anterior deriva a necessidade de criar, paralelamente à escola, outros meios e ambientes educacionais. Meios e ambientes que, claro, não devem ser vistos necessariamente como opostos ou alternativos á escola, mas como funcionalmente complementares a ela. Esses recursos são, em grande medida, justamente aqueles que a partir de certo momento passaram a ser chamados de “não formais” (TRILLA, 2008, p.18).

A escola sempre foi vista pela sociedade como o lugar ideal para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, mas essa nem sempre foi acessível a toda população. Inicialmente aqueles que não faziam parte das camadas sociais mais favorecidas financeiramente não tinham acesso ao sistema formal de ensino. Como o passar do tempo esta situação foi se modificando e a sociedade buscou participar de maneira mais efetiva do sistema formal de ensino, e no momento em que a sociedade passou de fato a ter acesso a

Educação Formal, adveio a “enxergar” o sistema formal de ensino de uma forma diferenciada e assim percebeu-se que este sistema não estava mais conseguindo atender satisfatoriamente as demandas de toda sociedade (TRILLA, 2011).

Coombs (1986) destacou a necessidade de se buscar novas formas de ensinar. Essa necessidade foi gerada por fatores sociais, econômicos e tecnológicos que propiciaram o surgimento de novas metodologias educacionais, que propiciam o desenvolvimento de novas formas de se fazer educação as quais buscaram sanar as necessidades da sociedade, dentre elas:

- ✓ o crescente aumento da demanda por educação de qualidade e acessível a toda a sociedade;
- ✓ as transformações no mundo do trabalho, o qual passou a pedir maior capacitação;
- ✓ ampliação do tempo livre, que pode ser utilizado em ações educacionais;
- ✓ novas instituições educacionais que passaram a assumir funções antes exercidas pelas famílias de maneira informal;
- ✓ os meios de comunicação de massa passaram a dar ênfase à onipresença da ação educativa, antes centrada exclusivamente na escola;
- ✓ o desenvolvimento de novas tecnologias passíveis de serem utilizadas no sistema escolar;
- ✓ maior consciência social, da necessidade de implementar ações educacionais voltadas aos setores desfavorecidos da população (TRILLA, 2008).

Os fatores mencionados acima contribuíram para o surgimento, ou mesmo visibilidade de novos espaços educacionais, que atendessem a demanda social a qual o sistema escolar formal não estava mais suprindo. Nesse contexto iniciou-se o processo de reconhecimento de que a escola, juntamente com o sistema escolar adotado já não podia continuar sendo (e de fato não era mais!) a panaceia da educação (TRILLA, 2008). Tal afirmação é posteriormente retomada por Trilla (2011):

um dos diagnósticos que se deriva das análises sobre a crise era de que os sistemas educativos se mantinham com os mesmos meios e instituições convencionais, com os quais haviam funcionado até o momento, e por mais que estes cresçam em quantidade e capacidade, dificilmente aqueles sistemas teriam condições de satisfazer a demanda social de educação. Ou seja, somente a expansão do sistema escolar não serviria para atender as expectativas sociais de formação e aprendizagem (TRILLA, p. 14, tradução nossa).

A ENF se desenvolveu nesse cenário de crise, questionamentos e deficiência do sistema formal de ensino, talvez venha daí a possível relação de complementariedade, que atribui também à ENF à capacidade de sanar deficiências e lacunas deixadas pela Educação Formal (COOMBS, 1986). Porém é indispensável ressaltar que as ações no campo da ENF não devem ser entendidas como uma proposta que vai contra o sistema formal de ensino. Tais ações compõem um campo de conhecimento que deve ser entendido e reconhecido pelas características que lhes são próprias, valorizado como um espaço promotor de formação, aprendizagens, saberes e divulgação científica que visa o aperfeiçoamento da vida social (GOHN, 2009b).

Garcia (2009) afirma que o movimento educacional não formal desenvolveu-se num cenário no qual, as ações eram mediadas por processos educacionais, mas que não eram reconhecidas como tal, pois não apresentavam a formalidade que rege as práticas educacionais formais, mas que mesmo assim estavam se mostrando como novas maneiras de se fazer educação, contribuindo para o surgimento de práticas eficazes no processo ensino-aprendizagem (GARCIA, 2003).

Outros jeitos de se “fazer” educação foram percebidos como válidos e, a partir de então, ganharam espaço, status e uma nova área educacional, por oposição ao que estava (e está) em crise. Parece ser esse o momento do nascimento não da ação da Educação Não Formal, mas desta como área conceitual (GARCIA, 2009, p. 92).

Como foi comentado anteriormente a ENF no Brasil, começa a ser discutida na década de 80, momento no qual alguns educadores passaram a refletir sobre suas práticas fora do espaço formal, pois até então este era um campo de menor importância, tanto nas políticas públicas como entre os educadores, pois todas as atenções estavam voltadas para o ensino institucionalizado (GOHN, 2011; SOUZA, 2008).

2.3 – Educação Formal, Não Formal e Informal

Ao realizar leituras em artigos e livros que tratam sobre educação, é possível diferenciar três tipos de educação que são: Educação Formal, Não Formal e Informal. Esses três conceitos constituem as formas de ensino mais usuais nos dias de hoje. Entretanto, não há consenso na distinção dos termos nos estudos da literatura. Vários pesquisadores propõem diferentes definições, dentre eles: Coombs e Ahmed (1975), Afonso (1992), Libâneo (1998), Bianconi e Caruso (2005), Trilla (2008), Gohn (2006, 2009, 2011). A concepção histórico-

política de sociedade e educação adotada pelo pesquisador é que irá estabelecer e caracterizar a definição para cada tipo de educação (LOPES; OLIVEIRA, 2010).

Segundo Colley, Hodkinson e Malcolm (2002), os limites entre Educação Formal, não formal e informal e as relações entre elas, só podem ser elaborados e entendidos de forma significativa, dentro de um contexto com objetivos específicos, já que não há fronteiras rígidas entre os diferentes tipos de educação (GADOTTI, 2005). Buscou-se uma passagem em Garcia para ressaltar e melhor compreender essa ideia: “a fronteira entre eles não é estática, se modifica de acordo com seus fazeres” (GARCIA, 2008, p. 66).

Jaume Trilla é outro pesquisador que compartilha da mesma ideia e diz que: “[...] os conceitos de Educação Formal e informal apresentam uma clara relatividade histórica e política; o que era não formal pode, então, passar a ser formal, da mesma maneira que algo pode ser formal em um país e não formal em outro” (TRILLA, 2011, p. 29, tradução nossa).

A denominação de ENF tornou-se popular na década de 60 com a publicação do livro de Philip H. Coombs “The world educational crisis” (1968) no qual ele discutia a necessidade de se buscar novos meios educacionais distintos da escola convencional (TRILLA, 2008; PASTOR HOMS, 2001b).

Em 1975 com a publicação do livro “La lucha contra la pobreza rural el aporte de la educación no formal” de Coombs e Ahmed, foi que houve a distinção dos três tipos de educação. E mesmo sendo a primeira definição proposta, ela ainda continua a ser utilizada nos dias atuais, como pode ser vistos nos trabalhos de Jaume Trilla (2008, p. 32 e 33) e Maria da Gloria Gohn (2011, p. 99).

No quadro a seguir é possível acompanhar as definições das três formas de educação ao longo dos anos:

Quadro 1 - Definições de Educação Formal, Educação Não Formal e Educação Informal.

	Educação Formal	Educação Não Formal	Educação Informal
Coombs e Ahmed – 1975 (p, 27), Tradução nossa.	É o sistema educativo altamente institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado que se estende desde os primeiros anos da escola primaria até os últimos anos da universidade.	É toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial, para facilitar determinadas classes de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto adultos como crianças.	Um processo que dura toda a vida, no qual as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento mediante as experiências diárias e de sua relação com o meio.
Afonso – 1992 (p. 86 e 87)	Entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas.	Obedece também a uma estrutura e uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto	Informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado.
Libâneo - 1998 (2010, p. 90)	Refere-se a tudo o que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura. Educação Formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática.	Por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, não formalizadas.	É mais adequado para indicar a modalidade de educação que resulta do “clima” em que os indivíduos vivem, envolvendo tudo o que do ambiente e das relações socioculturais e políticas impregnam a vida individual e grupal.
Gaspar – 2002 (p. 171 e 173)	A educação com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, costuma ser chamada de Educação Formal.	Formas de transmissão cultural originárias da complexidade e do avanço contínuo da nossa civilização. Muito próximas da Educação Formal, mas não oferecem graus ou diplomas oficiais.	Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência.
Gohn – 2006 (p. 28)	É aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados.	É aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.	Aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.

Apesar da maioria dos pesquisadores adotarem a definição de Coombs e Ahmed para diferenciar os três tipos de educação, alguns teóricos possuem outras definições, entre eles Almerindo Janela Afonso (1992) citado por Carnicel (2005, p.56); Fernandes e Garcia (2006, p.16); Príncipe e Diamante (2011, p.4) e vários outros.

Libâneo defende que antes de se propor um conceito para os três tipos de educação, faz-se necessário, de início, distinguir duas modalidades de educação: a intencional que engloba a Educação Formal e a Não Formal e a não intencional que corresponde a informal (LIBÂNEO, 2010).

Maria Glória Gohn, pesquisadora muito reconhecida no campo da ENF no Brasil, referência em trabalhos sobre esse tipo de educação, em especial no contexto do terceiro setor e da sociedade civil, considera a “Educação Não Formal como uma área de conhecimento ainda em construção” (GOHN, 2006, p.27). Na definição de Educação Formal, informal e não formal ela parte do princípio de que cada um dos três tipos de educação atua em um campo de desenvolvimento diferente.

Sendo ainda possível dizer que os conceitos descritos anteriormente podem ser considerados como aqueles que são mais recorrentes em publicações sobre a classificação dos três tipos de educação. Logo, a proposta para definir as modalidades de educação e qual delas adotar, vai depender do contexto específico em que cada ação educacional está ou será desenvolvida conforme a necessidade e características do processo, como é defendido por Colley, Hodkinson e Malcolm (2002), Garcia (2008) e ratificado por Trilla (2011).

Diante de tantas definições para o conceito de ENF, tendo apresentado características tanto semelhantes quanto distintas, percebe-se que apenas uma definição não é suficiente para caracterizar uma ação como pertencente ao campo da ENF. Afinal as definições de Educação Formal e ENF muitas vezes são tão próximas e semelhantes que se confundem, o que mostra que ainda não há um consenso entre os pesquisadores da área, em alguns momentos é possível até dizer que tais definições encontram-se apenas escritas com palavras diferentes, mas que trazem em si o mesmo significado.

Assim tem-se que o conceito de ENF é tão amplo que neste podem ser integrados um grande conjunto de ações que possam contribuir para o processo de formação dos indivíduos. Sendo assim para que não se perdesse a riqueza da magnitude do termo ENF e diante da relação de proximidade entre as definições presentes no quadro 1, sentiu-se a necessidade de

estabelecer uma conceitualização para ser utilizada no presente trabalho de investigação e a partir desta, caracterizar e identificar no campo não formal as ações de ENF promovidas por Instituições de Ensino Superior do Estado de Sergipe e voltadas para o Ensino de Química.

No presente trabalho de investigação, entende-se a ENF como: toda atividade organizada, sistemática, educativa, intencional (distintas do ensino institucionalizado) que pode ocorrer tanto dentro do sistema formal de ensino quanto fora, compartilhando experiências, em geral através de ações coletivas. Possui total flexibilidade de adequação de tempo, espaço, conteúdo, linguagem e público, possibilitando a aquisição de conhecimentos não só para os estudantes dos vários níveis, mas também para as pessoas que não estão inseridas no sistema formal de ensino. Nesse momento é importante destacar que na definição de ENF apresentada acima assim como as definições existentes na literatura, é possível identificar algumas características que existem também na Educação Formal, mas o que irá permitir classificar uma ação como pertencente ou não ao campo da ENF é o grau de intensidade com que cada uma das características apresentadas acima se concretiza nas ações.

2. 3. 1 – Diferenças entre Educação Formal, Não Formal e Informal

As definições dos três tipos de educação, presentes na literatura, possuem pontos em comuns entre os três conceitos, fato este que acaba por ressaltar aspectos marcantes em cada tipo de educação. Sendo assim, é possível através de perguntas norteadoras ressaltar as diferenças mais acentuadas entre as modalidades de educação:

Quadro 2 - Diferenças entre Educação Formal, não formal e informal, adaptado de Gohn (2006 e 2010).

	Educação Formal	Educação Não Formal	Educação informal
Quem é o educador em cada campo do saber?	São os professores.	Tem a figura do educador (a) social ou qualquer outra pessoa que tenha como objetivo transmitir conhecimentos.	São os pais, familiares e a comunidade no geral.
Qual o ambiente de aprendizagem em cada um das modalidades de educação?	A escola constitui o ambiente de transmissão de conhecimento.	Qualquer local onde possam ocorrer processos interativos intencionais.	Os espaços são demarcados por referências de nacionalidade e cultura.
Como se dá o processo de aprendizado?	Em ambiente normatizado.	Através de situações interativas.	De forma espontânea, principalmente no círculo familiar e de amigos.
Qual a finalidade ou objetivo de cada modalidade de educação?	Objetiva a aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados e normatizados por leis.	Visa à capacitação dos indivíduos para que tornem-se cidadãos do mundo, no mundo.	Anseia socializar os indivíduos, valorizar e desenvolver hábitos e comportamentos culturais.
Quais os principais atributos de cada modalidade?	Requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização, regulamentos e leis, além da supervisão por órgãos superiores.	Não é organizado por séries/idade/conteúdo, tão pouco supervisionado por instâncias superiores, atua sobre aspectos subjetivos do grupo.	Não é organizada, atua no campo das emoções e sentimentos.
Quais os resultados esperados em cada modalidade?	Aprendizagem efetiva, certificação e titulação que capacite os indivíduos a seguir para graus mais avançados no sistema de escolarização.	Os resultados advêm do conhecimento da sua própria prática.	Não há uma definição de quais os resultados são esperados, eles ocorrem visando uma formação geral do indivíduo.

Como já citado anteriormente ao analisar a literatura sobre a ENF é perceptível que não há um consenso entre os pesquisadores da área. No quadro 2, é apresentado segundo as ideias da pesquisadora Gohn (2006; 2010) algumas diferenças entre a Educação Formal, ENF e Educação Informal, no entanto nota-se que muitas vezes tais diferenças se dão de forma tão sutil que muitas vezes não fica evidente a diferença entre as três formas de Educação.

Pastor Homs (2001b) ainda diferencia os tipos de educação quanto ao financiamento, frequência das atividades, público e o tempo de duração das atividades. As semelhanças inferidas entre as modalidades educacionais consistem nos tipos de planejamentos e os objetivos de melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos cidadãos, sendo que em alguns casos as formas e métodos utilizados nas diferentes modalidades educacionais são muito parecidos.

Realçando algumas características marcantes nas diferentes formas de educação, Afonso (1992) apresentou alguns aspectos referentes à Educação Formal e ENF:

Quadro 3 - Comparação entre Educação Formal e não formal adaptado de Afonso (1992).

Educação Formal	Educação Não Formal
Possui caráter obrigatório	Possui caráter voluntário
Prioriza a instrução	Objetiva a socialização
Propicia o individualismo e a competição	Dissemina a solidariedade
Foco na reprodução cultural e social	Foco na mudança social
Hierárquica e intensamente formalizada	Pouco estruturada e formalizada
De difícil participação	Incentiva a participação
Baseia-se em metodologias centradas no professor	Favorece a investigação-ação bem como o desenvolvimento coletivo
Submissa a um poder centralizado	Constitui formas de participação descentralizada

No quadro acima, considerando as diferenças entre os dois tipos de modalidade de educação nota-se que estes possuem finalidades diferentes e por consequência usos diferentes. Na Educação Formal prioriza-se a formação e a certificação do cidadão para que o mesmo

possa prosseguir as etapas de escolarização, enquanto na ENF é priorizada a interação sócio cultural e também a formação do indivíduo no mundo. No entanto faz-se importante citar que Afonso (1992) para enfatizar as diferenças existentes entre a Educação Formal e a ENF, acabou por criticar demasiadamente o Ensino Formal, fazendo assim com que a ENF fosse acendida, acabando por induzir que o ensino formal é algo ruim, e na prática vê-se que a Educação Formal não se dá como descrita por Afonso (1992).

Garcia (2008) faz uma crítica no entendimento destes tipos de educação, na qual discute que quando a ENF é desenvolvida para as camadas mais elitizadas da educação ela é entendida como algo adicional, ou mesmo diferencial na formação dessa classe, enquanto que se essa mesma ação é desenvolvida para a camada menos favorecida economicamente, ela é tida como algo complementar, que vai tentar suprir as faltas do processo de formação.

Assim faz-se necessário rever esse posicionamento, as ações no campo da ENF devem ser compreendidas como algo capaz de promover mudanças, novos conhecimentos e experiências para a sociedade como um todo, independente do público ao qual está direcionada, assim todas as ações no campo da ENF devem ser reconhecidas com o mesmo prestígio (GOHN, 2008).

2. 4 - Entendendo a Educação Não Formal

Algumas décadas atrás quando se falava em aprendizagem, vinha logo à mente o espaço formal, porém foi necessário expandir esse pensamento. O processo de ensino/aprendizagem era responsabilidade apenas dos pais e da escola, entretanto, hoje já se sabe que tal ação não acontece apenas nas instituições de ensino e/ou em casa. O ato de ensinar se apresenta em diferentes momentos e formas e em espaços variados que podem ser classificados como ações de ENF. No Ensino de Ciências os principais espaços para desenvolvimento da ENF são: museus, centros de ciência, feiras e mostras de ciências, museus itinerantes, entre outros, que são importantes meios de aprendizagem (GASPAR, 2002). Este é um processo que comumente é chamado de popularização da ciência, capaz de impulsionar a melhoria das condições de vida dos envolvidos e participar na formação social de cidadãos mais críticos e participativos, mediante a interação com os responsáveis pelas ações de ENF, os quais são chamados de educador (a) social (GOHN, 2010).

No Brasil, nas últimas décadas apesar do maior desenvolvimento de ações voltadas à divulgação científica, através da criação de centros e museus de ciências e da maior divulgação de jornais sobre os temas relacionados à ciência, grande parcela da população ainda não tem acesso à educação científica de qualidade e informações relevantes sobre ciência e tecnologia.

O acesso da população aos museus e feiras de ciências constitui uma ação de ENF, entretanto, tais espaços estão comumente localizados nos grandes centros urbanos, fato que dificulta o acesso de toda a população, principalmente a população de cidades do interior a informações de qualidade sobre ciências. Nesse sentido as ações de ENF são importantes para a popularização da ciência, já que ela pode ser realizada com flexibilidades de locais, horários e com atividades e projetos itinerantes.

Apesar das ações de ENF serem populares, essas ações demoraram a ser reconhecidas como válidas. O reconhecimento das ações no campo da ENF deu-se apenas após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Essa lei reconhece a existência de novas formas e novos meios de se fazer educação, fora do contexto escolar, como pode ser constatado no artigo 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996) (GARCIA, 2008; GOHN, 2010). Então, pode-se pensar que “[...] a Educação Não Formal cresceu, ampliou seu escopo, divulgação e uso em diferentes meios e objetivos” (GOHN, 2011, p. 10).

O reconhecimento acadêmico das atividades científicas de popularização da ciência e divulgação científica em conjunto com a ENF, se deu de forma tardia, concretizando-se no momento em que houve uma maior atenção por parte das políticas públicas voltadas para tais ações, através da divulgação de editais e aprovação de projetos de popularização da ciência e divulgação científica como também da ampliação do número de museus, centros de ciências e incentivos a ações desta natureza.

A ENF com características que lhe são intrínsecas possibilita sensações e experiências únicas, sendo aceita com grande facilidade perante os estudantes dos vários níveis e a sociedade, avançando em relação às ações do setor formal (LIMA; DIAS, 2008).

2. 4. 1 - Características Intrínsecas a Educação Não Formal

A ENF possui um campo de atuação extremamente vasto e heterogêneo e como consequência é difícil sistematizar as práticas não formais, bem como criar formas gerais de categorização que sejam válidas e rigorosas (PASTOR HOMS, 2001b).

As ações no campo da ENF são mais difusas, pouco burocráticas, menos hierárquicas e possuem flexibilidade nas ações e a dispensa da formalidade de currículos e horários (GADOTTI, 2005).

Os espaços para a realização das ações no campo da ENF são diversificados. Os objetos, as funções e as finalidades também fazem parte de um parâmetro importante para caracterizar ações deste tipo de educação. A junção de espaços e funções tão diversificadas leva a outra classificação, dessa vez em termos dos métodos na utilização das ações, que também são muito variados. Tais diversificações e variedades são bem definidas por Trilla (2011):

as funções educativas abordadas na Educação Não Formal possuem numerosos aspectos desde a educação permanente (incluído certas formas de alfabetização de adultos, programas de expansão cultural, etc.) a tarefas de complementariedade escolar; desde atividades próprias da pedagogia do ócio, a outras que estão relacionadas com a formação profissional. A Educação Não Formal assume compromisso com a formação cívica, social e política, ambiental e ecológica, física, sanitária, etc.

A diversidade não é menor em relação aos métodos, procedimentos e instituições nas quais a Educação Não Formal atua. Há sistemas individualizados e coletivos, alguns que são presenciais e outros a distancia, algumas vezes se utilizam de sofisticadas tecnologias e em outras ocasiões se resume a instrumentos artesanais e rudimentares, há atividades que são minuciosamente programadas e outras em que se parte apenas de uma genérica definição de finalidades (TRILLA, 2011, p.31, tradução nossa).

O pensamento de Trilha (2011) apresentado acima ratifica que devido à diversidade de locais para desenvolvimento das ações e das metodologias para atingir os objetivos, é tênue a linha que pode definir uma lista de critérios e características específicas através das quais seja possível classificar, sem penalidade de errar, uma ação realizada como sendo de ENF ou não. Pode-se inferir que uma ação educacional pode ser caracterizada como um tipo ou mais de um tipo de educação, dependendo do contexto no qual a ação está inserida. Para melhor compreender tal dualidade buscou-se uma passagem em Pastor Homs (2001b), que afirma que as definições de Educação Formal e não formal passam por influências históricas e políticas, já que uma ação em um país pode ser considerada como pertencente ao campo da ENF e em

outro país como Educação Formal, da mesma forma que em uma mesma localidade, atividades antes tidas como de ENF passam a ser consideradas formais e vice-versa.

Logo, é importante a realização de pesquisas que discutam as reflexões e críticas dos pesquisadores que trabalham com o tema, já que é um campo carente de pesquisas científicas (GOHN, 2009b). Nesse sentido Gohn propõe que as ações de ENF possuam cinco campos ou dimensões, sendo eles:

[...] a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc (GONH, 2006, p. 28).

Outra característica marcante da ENF é que a ela apresenta, em geral, um caráter coletivo que tem como princípio a ideia de que a aprendizagem se faz por meio da prática social, na qual o convívio social em meio a situações-problemas fornece os subsídios necessários para que se chegue ao conhecimento (GOHN, 2011).

É importante ressaltar que a liberdade de criação é um aspecto positivo da ENF: usar e criar novas metodologias para encontrar novas formas de comunicação; aprofundar conhecimentos; escolher novos lugares para a prática do processo de ensino-aprendizagem e, acima de tudo, respeitar o tempo de aprendizagem de cada participante da ação, mesmo em uma ação coletiva.

As ações no campo da ENF têm variadas finalidades, ampla gama de funções, podendo atender a inúmeros objetivos. Em geral, não se utiliza de critérios para escolha de público, prontificando-se a atender a todo e qualquer cidadão. Em termos de conteúdos possui ampla diversidade, que varia de acordo com os objetivos aos quais se deseja alcançar, não fica condicionada a metodologias específicas; o contexto é que intervém para determinar os métodos e técnicas a serem utilizadas em cada caso (TRILLA, 2011).

Em relação a essas dimensões, segundo Gohn, temos:

quando presente na fase de escolarização básica de crianças, jovens/adolescentes ou adultos, [...], ela potencializa o processo de aprendizagem, complementando-o com outras dimensões que não tem

espaço nas estruturas curriculares. Ela não substitui a escola, não é mero coadjuvante para simplesmente ocupar os alunos fora do período escolar – chamada por alguns de escola integral ou educação permanente. A educação não formal tem seu próprio espaço- forma cidadãos, em qualquer idade, classe socioeconômica, etnia, sexo, nacionalidade, religião etc., para o mundo da vida! Ela tem condições de unir cultura e política (aquí entendidas como *modus vivendi*, conjunto de valores e formas de representações), dando elementos para uma nova cultura política (GOHN, 2009b, p. 42).

Contudo, depreende-se que as ações no campo da ENF costumam acontecer em meio à interação sociocultural e é capaz de levar os participantes e educador (a) social a aprender juntos, bem como a respeitar as diferenças, afinal “[...] a Educação Não Formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade” (GOHN, 2009b, p. 42).

As ações no campo da ENF apresentam ainda como característica marcante a possibilidade de usos diferenciados da lógica espaço/temporal, dispensa a definição clara de um currículo a priori e assim o campo educacional não formal está aberto a receber novos e diversificados temas, tendo ainda o diferencial de proporcionar a cada ação e a cada projeto desenvolvido uma experiência única (SIMSON; PARK; FERNANDES, 2007).

2. 5 - Primeiras ações de Educação Não Formal no Brasil

As ações no campo da ENF no Brasil, em termos de pesquisas e estudos publicados podem ser consideradas como uma nova área de atuação que se encontra em fase de formação. Os trabalhos sobre ENF no País são escassos, a maioria tem como base pesquisas realizadas em outros países (GARCIA, 2008; GOHN, 2010).

As primeiras ações deste tipo de educação no Brasil estavam voltadas para a população menos favorecida economicamente e visava auxiliar esta parte da população na conquista de seus direitos. O objetivo era contribuir para inclusão das pessoas no âmbito social e educacional, tais ações eram realizadas prioritariamente pelas ONGs. Pastor Homs, diz que:

preocupamo-nos em transmitir a ideia de que a Educação Formal não é somente empregada na educação de adultos e na educação aplicada aos setores mais desfavorecidos da população, a Educação Não Formal é a educação para "todos", independentemente de condição social, econômica,

cultural, de gênero, idade, nacionalidade, etc (PASTOR HOMMS, 2001a, p.90, tradução nossa).

No Brasil, pode-se dizer ainda, que algumas das primeiras ações reconhecidas como pertencentes ao campo da ENF encontravam diretamente relacionadas com a alfabetização de adultos, bem como atividades para o terceiro setor e para as classes mais carentes e/ou marginalizadas da sociedade. O objetivo principal consistia que a educação formasse o cidadão para atuar socialmente (GOHN, 2008).

As ações no campo da ENF não pressupõem distinção de classes sociais, podem ser desenvolvidas e aplicadas com todos os grupos etários, independentemente de classe social e nos mais variados contextos socioculturais (SIMSON; PARK; FERNANDES, 2007).

Na década de 90 as ações Não Formais, passaram a apresentar outro caráter. As ações passaram a ser vistas como promotoras de aprendizagem, que valorizavam os aspectos culturais, bem como possíveis fontes de promoção do aprendizado das habilidades extraescolares que são exigidas pela sociedade em virtude das mudanças econômicas, sociais e no mundo do trabalho (GOHN, 2011).

Com a mudança de paradigmas da ENF, esse foi um momento propício para entender tais ações como uma prática educacional que deve estar acessível a toda a sociedade, independente de classe social, idade, gênero e cultura, enfim uma prática educacional feita pelo povo e para o povo. Assim, esse é o cenário de características que são intrínsecas ao campo da ENF no Brasil.

2. 6 – Algumas Ponderações sobre a Educação Não Formal

É importante ressaltar que a ENF constitui um campo emergente e em ascensão, ampliando seu escopo, divulgação e utilização nos mais variados meios e com diversos objetivos (GOHN, 2011). Ela não é apenas caracterizada por aspectos positivos, ela como qualquer outro método de ensino-aprendizagem é passível de falhas.

Mesmo no início de sua divulgação, na década de 80, foi evidenciada a necessidade de uma formação sólida dos agentes envolvidos nas ações de ENF, ou seja, do educador (a) social (TRILLA, 1988). Entretanto, é possível dizer que mesmo depois de mais de duas décadas da identificação desta deficiência, ela ainda não foi solucionada. No Brasil não há

cursos de capacitação para aqueles que atuam neste campo do saber, como ressaltado por Fernandes e Garcia,

a formação profissional específica nem sempre é exigida pelas instituições, associações, organizações, que desenvolvem trabalhos nessa área, e mesmo quando é exigida alguma formação/qualificação básica, não existem cursos que os capacitem, apesar de serem necessários (FERNANDES; GARCIA, 2006, p.19).

Também é necessário que na ENF sejam desenvolvidos formas e instrumentos metodológicos através dos quais seja possível realizar o acompanhamento, a avaliação e análise das ações que estão sendo realizadas. Há também pouca clareza quanto às reais funções e objetivos das ações de ENF e não há mapeamentos das diferentes formas e ações existentes neste campo, o que não favorece uma divulgação maior e mais eficiente da ENF (GOHN, 2006, 2010).

Até o momento da realização do presente trabalho foram realizadas pesquisa em periódicos on-line, tais como: Portal de periódicos da capes; Scientific electronic libray online - Scielo e no Google Acadêmico, a partir das seguintes palavras chaves: Educação Não Formal, Ensino de Ciências, Ensino de Química e Sergipe. Desses portais a pesquisa foi direcionada para base de dados das seguintes revistas: Investigações em Ensino de Ciências – Ienci; CIÊNCIAS da EDUCAÇÃO - UNISAL - Americana/SP; Ibero-americana de Educação; Educação em Revista; Acadêmica Eletrônica Sumaré; Química Nova na Escola – Qnesc; Ciências & Cognição e Revista Ensaio. Entretanto não foi identificado nem um artigo sobre a Educação Não Formal no Ensino de Química, entre os anos de 2009 a 2012.

No levantamento realizado foram identificados 56 artigos que continham os termos: educação não formal, ensino de ciências e/ou ensino de química, Sergipe no título, palavras chaves e/ou resumo, sendo que após a leitura destes ficou evidenciado que nem um deles focava o ensino de química em ações de ENF. Os artigos identificados relatam ações no campo da ENF nas seguintes áreas: Física, Biologia, Matemática, TICs, Pedagogia, Jovens e Adultos, Educação física, artes, Educação Ambiental, Formação de Professores, Divulgação Científica, Educação social e Saúde.

CAPÍTULO III

3 – Trabalho Desenvolvido



3.1 – Aspectos Metodológicos

3 – Trabalho Desenvolvido

O terceiro capítulo é destinado à apresentação do percurso metodológico desenvolvido.

3.1 – Aspectos Metodológicos

O presente estudo foi iniciado com a fase de pesquisa documental, realizada a partir de leituras em livros, artigos científicos e periódicos on line. Neste período também foram realizadas visitas a algumas ações desenvolvidas no campo da ENF no estado de Sergipe. Tais visitas foram registradas através do uso de uma máquina fotográfica digital. Em uma segunda fase foi realizado um levantamento das Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe que ofertam o curso de Química Licenciatura. A terceira fase compreendeu a elaboração e a validação do roteiro de entrevista. Na quarta fase foi realizada visita a tais instituições, para agendamento das entrevistas, bem como a realização destas, em seguida foram realizadas as análises dos dados obtidos.

No presente trabalho optou-se pela metodologia o estudo de caso e como técnica para obtenção das informações, a entrevista.

A entrevista constitui uma forma alternativa para coleta de informações não documentadas. As quais podem ser anotadas ou gravadas (e depois transcritas), desde que autorizada pelo entrevistado. Se utilizadas como constatação dos dados obtidos com a pesquisa, as mesmas devem estar como apêndices ao final do trabalho de pesquisa, devidamente autorizadas pelos entrevistados (PÁDUA, 2004).

Para realização das entrevistas foi utilizado um roteiro de entrevista (o qual se constituiu de uma lista com perguntas, que foram seguidas pelo entrevistador no momento da entrevista) padronizado e previamente confeccionado, ao mesmo tempo em que o objeto de pesquisa era conhecido antecipadamente e quais as informações que se vislumbrava obter com as entrevistas a respeito das ações no campo da ENF no Ensino de Química, no estado de Sergipe.

O roteiro de entrevista foi confeccionado e validado previamente, momento no qual buscou-se aperfeiçoar o roteiro de entrevista para que na coleta de dados, o entrevistado compreendesse perfeitamente todas as perguntas que lhes seriam feitas, podendo assim

expressar-se melhor, evitando ao máximo a intervenção do entrevistador no discurso do entrevistado.

Antes da validação propriamente dita o roteiro de entrevista, foi submetido à avaliação por uma pesquisadora da Universidade de Campinas (UNICAMP). Tal pesquisadora é renomada na área de estudos sobre ENF. A pesquisadora sugeriu pequenas alterações no texto das questões e a inclusão de quatro novas questões, inferindo desta maneira que o roteiro de entrevista seria satisfatório para a obtenção de dados na pesquisa. Após tais modificações o roteiro de entrevista foi validado.

Na validação professores dos cursos de Pedagogia, Física e Matemática, foram entrevistados, um de cada curso respectivamente. Sendo importante citar que todos são ou já foram atuantes na área a ser pesquisada, ou seja, todos possuem experiência no campo da ENF.

A próxima etapa consistiu em selecionar as Universidades participantes da pesquisa. Das Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe, somente quatro ofertam o curso de Licenciatura em Química, sendo elas: a Universidade Federal de Sergipe – Campi Professor José Aloisio de Campos (São Cristóvão) e Professor Alberto Carvalho (Itabaiana); o Instituto Federal de Sergipe – Campus Aracaju e a Universidades Pio Décimo (Aracaju).

Nas quatro instituições foram realizadas um total de 14 entrevistas. Os participantes das entrevistas foram:

- os diretores (as) ou representantes de direção de cada instituição, estes foram denominados de grupo 1;
- coordenadores (as) dos cursos que foram denominados como grupo 2;
- professores (as) dos respectivos cursos que foram denominados de grupo 3.

Cada entrevistado foi denominado aqui como colaborador, sendo que os grupos 1 e 2 receberam os códigos com números romanos (Colaborador I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII e IX) e o entrevistados do grupo 3, códigos com números cardinais (Colaborador 1, 2, 3, 4 e 5), tais códigos foram utilizados porque os roteiros de entrevistas foram diferentes para os grupos. Os roteiros estão nos Apêndices 3, 4 e 5. O número total de entrevistados em cada campo de investigação, bem como a quantidade de colaboradores de cada instituição é mostrado no Quadro 4:

Quadro 4 - Mapeamento dos entrevistados.

	Representante de direção	Coordenador de curso	Professor
Instituição 1	1	1	2
Instituição 2	1	2	2
Instituição 3	1	1	1
Instituição 4	1	1	---

Supõe-se que os professores que realizam ações de ENF, são os que prioritariamente realizam ações de extensão. Sendo assim, optou-se também por entrevistar diretores e coordenadores dos cursos para verificar se eles possuem reais conhecimentos em relação às ações que são realizadas dentro e/ou pela instituição. Em relação aos professores foram selecionados para serem entrevistados todos os indicados pelos diretores e/ou coordenadores dos cursos como atuantes no campo da ENF.

As entrevistas foram realizadas no período que compreende os meses de março a agosto de 2013 e tinham como meta identificar as ações no campo da ENF no Ensino de Química no estado de Sergipe nos anos de 2012 e 2013 bem como conhecer a concepção de professores de Química atuantes nestas instituições e responsáveis pelas respectivas ações, sobre o conceito de ENF.

As entrevistas encontram-se transcritas na íntegra no Apêndice F. As normas utilizadas para transcrição estão explícitas no livro “O discurso oral culto”, organizado por Preti (1999). Entretanto, é importante citar que os fragmentos das falas dos colaboradores apresentados ao longo do texto encontram-se na forma de transcrições, neste caso são suprimidos o que pode ser considerado erro de grafia e até mesmo trechos das falas, sem, no entanto, comprometer a ideia original expressa pelo colaborador. A ideia é expressar no texto de uma melhor forma o que foi dito e gravado no momento da entrevista.

O presente trabalho de investigação configura-se como um estudo de caso, o qual poder ser entendido como: “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real” (Yin, 2010, p. 39).

As perguntas realizadas nas entrevistas buscam identificar o “que” é a ENF e “como” as ações no campo da ENF ocorrem no estado de Sergipe. Outra evidência do estudo de caso

é a entrevista como fonte de dados, esta por sua vez é “direcionada - foca diretamente os tópicos do estudo de caso e perceptíveis- fornecem inferências e explicações casuais percebidas” (YIN, 2010, p. 129), tais evidências configuram o presente trabalho como estudo de caso.

De posse dos resultados obtidos com a realização das entrevistas, optou-se por seguir as perguntas das entrevistas para organizar os resultados em seções que estão relacionadas aos objetivos do presente trabalho de investigação. Tais seções surgiram da necessidade de compactar as ideias fragmentadas que foram coletadas com a realização das entrevistas.

CAPÍTULO IV

<p>4 - Resultado e Discussões</p> 	<p>4.1 – Entrevistas</p> <p>4.2 – O Conceito de Educação Não Formal</p> <p>4.3 – Espaços para realização das ações no campo da Educação Não Formal</p> <p>4.4 – Evidências das ações no campo da Educação Não Formal</p> <p>4.4.1 – Semelhanças entre Educação Formal e Educação Não Formal segundo a visão dos colaboradores do grupo 3</p> <p>4.5 – Dificuldades na realização das ações no campo da Educação Não Formal</p> <p>4.6 – Pessoas e/ou profissionais que podem atuar no campo da Educação Não Formal na visão dos colaboradores</p> <p>4.7 – Contribuições das ações de Educação Não Formal para o Ensino de Ciências</p> <p>4.8 - O que está sendo feito de Educação Não Formal em Química no Estado de Sergipe</p> <p>4.8.1 – Fontes de financiamento das ações no campo da Educação Não Formal</p> <p>4.8.1.1 – A instituição e o financiamento para ações ou espaço permanente da Educação Não Formal</p> <p>4.8.2 - Públicos alvo das ações de Educação Não Formal voltadas para o Ensino de Química no estado de Sergipe</p> <p>4.8.3 – Acompanhamento das ações no Campo da Educação Não Formal no Ensino de Química no estado de Sergipe</p> <p>4.8.4 – Procedimentos metodológicos e o processo de aprendizagem nas ações de Educação Não Formal voltas ao Ensino de Química no estado de Sergipe</p> <p>4.8.5 – Um pouco mais sobre cada ação de Educação Não Formal no Ensino de Química promovidas por Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe</p> <p>4.9 – Como melhor dinamizar a relação escola-espaços/ações no campo da Educação Não Formal</p>
--	---

4 – Resultado e Discussões

4.1 – Entrevistas

A realização das entrevistas constituiu um fator essencial no processo de investigação, afinal através destas foi possível coletar dados não documentados e de extrema relevância para o presente trabalho de pesquisa. Esses dados foram condizentes com a hipótese formulada inicialmente e forneceram os subsídios necessários para melhor entender à atual situação das ações no campo da ENF no estado de Sergipe, ações estas que estão direcionadas ao Ensino de Química.

Os resultados serão apresentados em consonância com os objetivos propostos conforme descrito na metodologia, estando assim, divididos em seções para melhor compreensão. É importante ressaltar que os fragmentos das falas dos entrevistados, aqui chamados de colaboradores, que são apresentados ao longo do texto encontram-se na forma de transcrição. As discussões que serão apresentadas neste capítulo foram realizadas com base nos roteiros de entrevistas que se encontram a seguir e também nos Apêndices 3, 4 e 5.

Roteiro de Entrevista / Dirigido ao Diretor ou Representante de Direção das Instituições

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?
2. A instituição promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?
3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pela instituição?
4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?
5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o (a) senhor (a) pode citar quais são as ações oferecidas pela instituição (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Roteiro de Entrevistas / Dirigido ao Coordenador do Curso de Licenciatura em Química

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?
2. O departamento de Química promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?
3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pelo departamento de Química?
4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?
5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o (a) senhor (a) pode citar quais são as ações oferecidas pelo departamento de Química (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):
6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Roteiro de Entrevista / Dirigido aos Professores

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?
2. Como o (a) senhor (a) classifica seu grau de interesse por ações campo da Educação Não Formal? Nenhum, pouco, médio, grande, muito grande, explique sua resposta.
3. Para o (a) senhor (a) há alguma semelhança entre a Educação Formal e a Educação Não Formal?
4. O que evidencia as ações no campo da Educação Não Formal?
5. O (a) senhor (a) promove ações no campo da Educação Não Formal? Se sim, com que frequência o (a) senhor (a) costuma realizar estas ações considerando os anos de 2012 e 2013? São ações permanentes (projetos) ou casuais (datas e/ou períodos específicos)? A

instituição em que trabalha incentiva a realização destas ações? Se sim, quais ações e com frequência. Se não, por quê?

6. O (a) senhor (a) sabe se as agências de fomento, tais como: CNPq, CAPES, FAPITEC, FINEP entre outras, costumam incentivar e/ou financiar ações no campo de Educação Não Formal?
7. Para o (a) senhor (a), qual (is) a (s) principal (is) dificuldade (s) para realização de ações de Educação Não Formal? (Em termos de divulgação, apoio e/ou formas de atrair público para as atividades no campo da Educação Não Formal).
8. Qual o seu grau de envolvimento ao desenvolver as ações no campo da Educação Não Formal: orienta, monitora ou envolve-se de outra forma?
9. Quais os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da ação no campo da Educação Não Formal? (Elas podem ser definidas como descritas abaixo):
 - Interativas (requer a atenção e a manipulação do visitante);
 - Demonstrativas;
 - Dinâmicas;
 - Outros (quais):
10. Para o (a) senhor (a) como se dá o processo de aprendizagem a partir das ações no campo da Educação Não Formal?
 - Os conceitos são apresentados de forma simples e clara;
 - A interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva ao conceito;
 - O conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes.
 - Outros:
11. Quais são as pessoas ou profissionais que podem atuar em ações no campo da Educação Não Formal?
12. Qual a contribuição que o (a) senhor (a) atribui às ações no campo da Educação Não Formal para o ensino de Ciências (Química, Física, Biologia e/ou Matemática) na educação básica? Justifique.
13. Quais são os espaços mais apropriados para se desenvolver ações no campo da Educação Não Formal?

14. Sua instituição recebe incentivos para o financiamento das ações no campo da Educação Não Formal ou para um espaço permanente das mesmas?
15. Como explicar/justificar afirmações do tipo: “a Educação Formal é mais importante que a Educação Não Formal” ou mesmo que “a Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal”?
16. O que o (a) senhor (a) sugere para melhorar (dinamizar) a relação escola-espacos/ações no campo da Educação Não Formal?

4. 2 – O conceito de Educação Não Formal

Neste item foi discutido o que se entende por ENF pelos três grupos de colaboradores. Esta foi à primeira categorização realizada em relação aos objetivos.

O conceito de ENF é um ponto que desde a década de 70 há pesquisadores propondo tal conceituação, em geral com base em concepções histórico-políticas da sociedade e da educação (GARCIA, 2008; LOPES; OLIVEIRA, 2010).

Em relação ao conceito de ENF é perceptível que grande parte dos entrevistados nos grupos 1 e 2, demonstraram dificuldades em definir o que seria o conceito de Educação Não Formal. No quadro a seguir encontram-se destacados fragmentos das falas dos colaboradores dos grupos 1 e 2.

Quadro 5 - Concepção dos colaboradores dos grupos 1 e 2 em relação ao conceito de Educação Não Formal.

Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?		
Instituição	Grupo 1	Grupo 2
1	“a educação não sistematizada dentro do sistema educacional (colaborador I)”	“até então eu não sabia esse conceito, mas entendo que seja algo fora das paredes da sala de aula (colaborador V)”
2	“desconheço um conceito formal para a Educação Não Formal imagino que sejam métodos de educação que estejam fora do que digamos é o padrão do que se ensina nos cursos de pedagogia (colaborador II)”	“formas de levar não só o ensino, mas também a ciência para os leigos ou as pessoas que não estão diretamente ligadas à instituição ou algum centro educacional (colaborador VI)”
		“é aquela que ocorre num espaço diferente da escola, normalmente, e pode ocorrer também no espaço da escola, mas que não segue um rigor pré-estabelecido na Educação Formal (colaborador VII)”
3	“ações digamos assim não propedêuticas (colaborador III)”	“na verdade nunca havia escutado o que seria Educação Não Formal, pelo termo é o que não esteja no projeto pedagógico do curso (colaborador VIII)”
4	“é uma forma de o aluno ter acesso à educação sem ter a condição de estar em sala de aula (colaborador IV)”	“é uma forma de o aluno ter acesso à educação sem ter a condição de estar em sala de aula (colaborador IX)”

De acordo com as definições apresentadas no quadro acima é possível fazer a inferência de que tais definições muitas vezes não estão pautadas em aportes teóricos, bem definidos e explícitos, mas sim como uma interpretação etimológica do termo ‘não formal’. Este fato pode ser constatado através das falas dos colaboradores que dizem desconhecer o conceito de ENF, ou mesmo nunca ter ouvido falar sobre este, mas que mesmo assim fizeram

uma conceituação. Nota-se que alguns fragmentos das falas estão de acordo com aquelas propostas por pesquisadores da área.

Um dos critérios adotados para a definição de ENF é quanto aos espaços para sua realização, assim os colaboradores dos grupos 1 e 2 utilizaram-se mais desta característica para expressar o que entendiam por ENF. Outro critério perceptível nas respostas foi de que a ENF é um tipo de educação não sistematizada e explícita no projeto pedagógico do curso, com métodos diferentes dos utilizados na Educação Formal, possibilitando assim levar conhecimentos às pessoas que não estão inseridas no cenário acadêmico ou dentro dos quadros formais de ensino. Pode-se dizer que tais colaboradores apresentam concepções em partes coerentes com as de alguns pesquisadores da área.

Os entrevistados em suas respostas, apesar de reconhecerem que a ENF pode ser realizada em qualquer espaço, eles também possuem a concepção de que esse tipo de educação não é organizada e nem estruturada. Entretanto, Coombs e Ahmed (1975, p. 27) e Libâneo (2011, p.89), são pesquisadores que defendem que tais ações são estruturadas, porém de forma diferente das ações do ensino formalizado (Ver Capítulo II). Portanto, a ENF possui objetivos pautados e organizados em uma sequência lógica.

Em relação aos professores entrevistados, nota-se que a maioria, apesar de discorrer bastante sobre o tema, ainda apresenta pouco embasamento teórico sobre o conceito de ENF, como pode ser constatado pelas transcrições a seguir:

“Educação Não Formal, eu entendo que seja a educação feita fora do âmbito institucional, àquela que não é reconhecida, pela parte governamental, aquilo que não é mantido pelos governos seja na esfera municipal, estadual ou federal, a educação feita pelo povo, para o povo (Colaborador 1)”.

No fragmento acima o colaborador 1 tem a ideia de que as ações no campo da ENF não são reconhecidas pelo governo, pode-se inferir que tal situação seja decorrente da insuficiente divulgação e mesmo popularização do conhecimento empírico do campo da ENF no Ensino de Ciências, em especial no Ensino de Química. Porém é importante frisar que a ENF é reconhecida perante a legislação educacional, sendo a LDB (Lei 9394/96) a primeira lei a reconhecer essas novas formas de se fazer educação. Tal ideia, pode ser melhor compreendida pelo artigo primeiro da respectiva lei: “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas

instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

Nesse sentido o decreto de número 7.083/2010, vem reforçar o que está explícito na LDB. Este decreto afirma que as ações no campo da ENF têm muito a contribuir com o ensino institucional formalizado e podem possibilitar a instauração do ensino em tempo integral, no qual em um turno os alunos estariam no ensino formalizado e no outro participando de ações não formais, contribuindo assim tanto para o processo de aprendizagem, como para formação de cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres. Os governos através de políticas públicas e seguindo a LDB e o decreto 7.083/2010 vem reconhecendo a ENF.

O colaborador 2 apresenta uma visão mais abrangente do que seja a ENF se comparado ao colaborador 1, para o primeiro a ENF passa a ser vista tanto como ações que podem ser realizadas fora dos quadros do ensino institucionalizado bem como em parceria com este. A sua resposta encontra-se no fragmento a seguir:

“olha, a Educação Não Formal, ela compreende as ações em que a gente desenvolve fora, mas que pode estar relacionado com os cursos formais de educação; mas que são em espaços com propostas não tão exatamente relacionadas, por exemplo, a um curso, vamos dizer assim, que tem início, meio e fim. Por exemplo, um curso de formação para bacharelado, um curso de formação para licenciatura... A Educação Não Formal, são os outros cursos em que a gente tem outras discussões (Colaborador 2)”.

No fragmento acima, o colaborador apesar de citar que as ações de ENF podem ser desenvolvidas fora da escola, mas também em parceria com esta, pode-se deduzir ele não compreende que as ações de ENF podem ser desenvolvidas fora da escola, pois ele entende a ENF como “outros cursos” que podem acontecer nestes espaços, e isso levar a entender que o colaborador 2 também precisa conhecer melhor o campo da ENF.

Segundo Gohn (2010) pode-se pensar que a ENF auxilia a apreensão do conhecimento na Educação Formal, contemplando dimensões não trabalhadas no ensino institucionalizado (GOHN, 2010). O colaborador 2 diz pensar e buscar trabalhar nas ações de ENF que promove como questões sociais e experiências aprendidas mediante interações socioculturais como defendido por Gohn (2010), mas quando ele afirma que a ENF são “outros cursos” ele

contradiz todas as suas falas, e deixa explícito que ainda precisa conhecer melhor o campo da ENF.

A ENF também é tida por alguns colaboradores do grupo 3 como a educação que é desenvolvida fora dos marcos da escola ou de instituições formais de ensino, algo em consonância com as concepções apresentadas pelos colaboradores do grupo 1 e 2, nesse sentido o colaborador 3 diz que:

“qualquer forma de educação, de atividade que a gente realize fora da instituição, ou até mesmo fora da escola, seja em praças, em pátios, em grandes centros... Eu acho que podemos considerar como uma Educação Não Formal”.

Nota-se que as definições de alguns colaboradores do grupo 3, levam consigo informações etimológicas do termo ‘não formal’ e não aportes teóricos, pois as ações de ENF normalmente são desenvolvidas fora, mas também podem ser realizadas dentro dos marcos da escola (BIANCONI; CARUSO, 2005).

Já o colaborador 4 corrobora da mesma ideia e afirma ainda que:

“a Educação Não Formal é a que acontece ou pode acontecer fora do espaço da escola sem que exista uma programação pré-definida, com uma ementa pré-definida”.

A concepção do que é a ENF apresentada pelo colaborador 4 ao mesmo tempo que condiz com o que é apresentado por pesquisadores da área em relação aos espaços para o desenvolvimento de tais ações, diverge ao passo em que ele diz que as ações no campo da ENF não apresentam uma programação pré-definida. De acordo com Coombs e Ahmed (1975), Afonso (1992), Bianconi e Caruso (2005), Libâneo (2010) as ações no campo da ENF possuem estrutura, organização, sistematicidade e caráter de intencionalidade pré-definidos, porém tais aspectos não aparecem com o mesmo rigor que na Educação Formal e por isso algumas vezes não são percebidos.

Ainda em relação à definição de ENF o colaborador 5 em sua definição, foi o que mais distanciou, tanto das concepções dos colaboradores anteriormente apresentados, quanto das definições presentes na literatura. A sua definição para a ENF foi:

“algo que não estaria formalizado no projeto pedagógico do curso”.

Este é um conceito muito limitado da ENF e não traz em si aspectos inerentes das atividades que são desenvolvidas neste tipo de educação. Tais ações não se encontram formalizadas no projeto pedagógico do curso, devido a sua natureza de não estar atrelada a currículos, não ser hierarquizada e não ter como meta concessão de graus e diplomas (GASPAR, 2002). Na figura a seguir é possível ver as concepções predominantes, dos colaboradores, para o conceito de ENF:

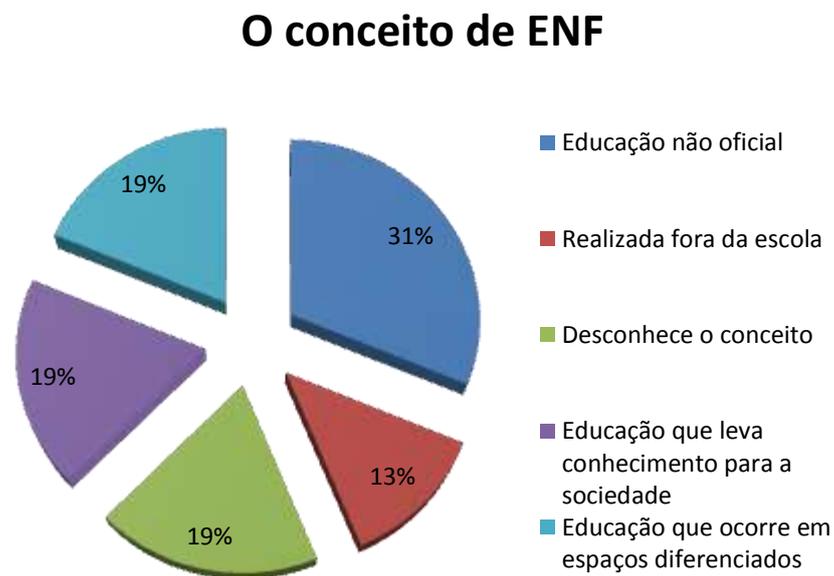


Figura 1: O conceito de ENF, segundo a visão dos colaboradores.

É importante ressaltar que mesmo com tantas disparidades em relação à compreensão do que seja a ENF, quando foi perguntado aos colaboradores sobre o grau de interesse nesse tipo de ação, todos responderam que tinham grande interesse na área e já participaram de experiências com a ENF na graduação e estão desenvolvendo projetos neste campo de atuação.

Entretanto algumas falas dos colaboradores afirmam que falta respaldo teórico para fundamentar as ações desenvolvidas.

“eu ainda careço de muita leitura, de referencial teórico para poder avançar mais (colaborador 1)”.

“o conceito de Educação Não Formal, claro que a gente ainda precisa reelaborar, ou até melhorar nossas concepções (colaborador 3)”.

Em relação ao grau de envolvimento nas ações de ENF quanto à orientação ou monitoramento, grande parte dos colaboradores do grupo 3 afirma envolver-se de várias formas nessa ações:

“faço a coordenação do projeto, monitoro, carrego caixas, vou divulgar junto com os alunos, eu faço tudo. Acho que quem se envolve na Educação Não Formal e realmente quer, tem que fazer tudo porque se a gente não fizer tudo não acontece o projeto, eu faço tudo, meu envolvimento é em todos os níveis (Colaborador 2)”.

“a gente faz de tudo um pouco, a gente orienta, se envolve, está presente no momento das apresentações, nós vamos até a escola... Então a gente acompanha desde o planejamento da ação até sua execução e até a coleta de dados (colaborador 3)”.

As falas acima revelam que os profissionais que trabalham com a ENF assumem o status de educador (a) social, desempenhando e assumindo várias funções para que o projeto seja desenvolvido. Entretanto, é necessário um maior conhecimento teórico para pautar suas ações em Educação Não Formal.

4.3 – Espaços para realização das ações no campo da Educação Não Formal

Gadotti (2005) defende que as ações no campo da ENF têm como uma de suas características a possibilidade do desenvolvimento das atividades nos mais variados lugares. Assim sendo, esse vasto leque de opção em relação aos locais de realização das ações, configura-se como uma possibilidade de acesso aos conhecimentos científicos pela sociedade como um todo, independente de idade, gênero, cultura e classe social, fato que acaba por contribuir para um processo de divulgação científica mais eficaz perante a sociedade (MARANDINO, 2004, 2005).

É nítida a diferença de ideias ou mesmo concepções por parte dos colaboradores quando o tema se refere ao espaço de realização das ações intrínsecas ao campo da ENF. As falas a seguir ilustram tais ideias.

“feiras livres (colaborador 1)”.

“*não tem nem um espaço que não seja possível de fazer, desde a própria instituição, a escola, a penitenciária, um hospital, não tem restrição... Pelo contrário. (colaborador 2)*”.

“*lugar que ofereça como oportunidade um ambiente de silêncio, que não seja um ambiente, por exemplo, próximo a uma avenida movimentada... Numa praça próxima a uma avenida movimentada você não tem como fazer esse tipo de ação. Eu vejo a sala de aula como o espaço mais adequado (colaborador 3)*”.

“*todos os espaços que eu trabalhei foram os espaços das escolas da educação básica, mas eu acho que no contexto atual, onde você tem muito mais estrutura, as comunidades, ela pode ocorrer nesse contexto (colaborador 4)*”.

“*não tem aquele espaço mais apropriado, tem aquele que esteja adequado para desenvolver, a gente tenta adequar o local (colaborador 5)*”.

Os colaboradores mostram-se bem objetivos quando questionados sobre os espaços para realização das ações de ENF. Entretanto os colaboradores 1 e 3 concordaram anteriormente quanto à necessidade de um maior aporte teórico para subsidiar a compreensão e as ações de ENF, discordam quanto aos espaço para realização das ações, o colaborador 1 vê as feiras livres como espaço mais adequado enquanto o colaborador 3 ressalta que o espaço mais adequado é a sala de aula. Assim tem-se que o colaborador 1 busca uma maior interação em um ambiente acessível a toda a sociedade, assumindo assim a função realmente de um educador (a) social; o colaborador 3 considera a passividade e a comodidade do espaço da escolarização formal. Na figura a seguir os espaços mais citados pelos colaboradores como utilizados para realização das ações de ENF.

Espaços para realização das ações de ENF

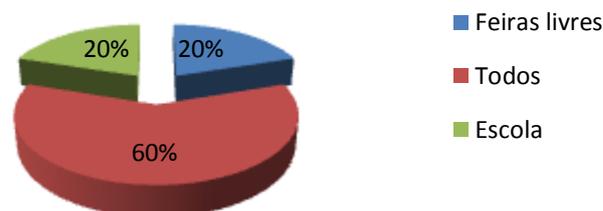


Figura 2: Espaços utilizados para o desenvolvimento das ações de ENF.

Em suma, todos os colaboradores estão em consonância com a definição de ENF proposta no presente trabalho, a qual defende que são inúmeros os espaços que podem ser utilizados para realização das ações no campo da ENF, os quais devem apresentar características diferentes e variadas possibilidades de uso da lógica espaço-temporal, o que permite experiências únicas em todas as atividades realizadas. Assim as ações provenientes do campo da ENF não só podem, mas devem ser realizadas em todo e qualquer espaço, desde que estas priorizem sempre a interação entre os mediadores da ação (aqui tidos como educador (a) social) realizada e o público alvo.

4.4 – Evidências das ações no campo da Educação Não Formal

As ações no campo da ENF possuem características que lhes são próprias, o que permite reconhecer e caracterizar as ações desenvolvidas através das especificidades inerentes a este campo do saber e não através de comparação com características que são próprias de outros campos de atuação, como por exemplo, a Educação Formal.

Os fragmentos a seguir expressam as falas dos colaboradores em relação às evidências de ENF e estão condizentes com o referencial teórico apresentado no Capítulo II.

“A grande característica da Educação Não Formal é a busca de alternativas pra falar de ciências, para quem não está no mundo da ciência; acho que é a grande tentativa de encontrar meios pra falar sobre ciência; o que acontece na Educação Não Formal eu acho muito interessante, na Educação Formal isso não tem o mínimo de cuidado (colaborador 1)”.

“Podem ter muitas características, os profissionais se sentem vamos dizer... Mais livre para propor metodologias diferenciadas, escolher públicos diferenciados, então isso vai evidenciando algumas ações que a gente não consegue fazer na Educação Formal até pelo fato de ela ter certo engessamento e limitação (colaborador 2)”.

“O que evidencia uma ação no campo da Educação Não Formal é a não obrigatoriedade de cumprir uma ementa, você discute aquilo diretamente, que está no contexto das pessoas que estão envolvidas nesta educação (colaborador 4)”.

Nos fragmentos acima estão evidenciados os motivos pelos quais as ações no campo da ENF são aceitas perante a sociedade. Tais ações caracterizam-se pela não obrigatoriedade

de seguir uma ementa pré-definida, pela liberdade para trabalhar com metodologias e espaços diferenciados, e também pela preocupação com a linguagem, que deve ser acessível ao público alvo, possibilitando as pessoas que não estão inseridas no ensino formal adquirir conhecimentos científicos que lhes permitam entender os eventos do cotidiano, bem como multiplicar este aprendizado com as pessoas que o cercam (GOHN, 2010).

Nota-se aí que é a própria estrutura do sistema formal de ensino que favorece o desenvolvimento e a disseminação das ações no campo da ENF. Já que o primeiro encontra-se fortemente formalizado, estruturado e hierarquizado. E o ensino não formal apresenta como característica flexibilidade no conteúdo, na metodologia e no uso da lógica espaço-temporal.

Em suma faz-se necessário classificar, caracterizar e definir a ENF pelo que ela realmente é, ou seja, através de características que lhes são próprias e não em comparação com o setor formal.

4. 4. 1 – Semelhanças entre Educação Formal e Educação Não Formal segundo a visão dos colaboradores do grupo 3

As ações no campo da ENF surgiram ou começaram ser observadas de forma mais eficaz em meio à crise do sistema educacional formal de ensino, popularmente conhecido como crise mundial da educação (COOMBS, 1986; TRILLA, 1999), momento no qual a sociedade tornou-se mais consciente dos seus direitos e começou a exigir dos governos melhores políticas públicas em educação.

O sistema formal de ensino não atendia a grande demanda que lhe era exigida e começou-se a proliferar ações que mais tarde vieram a ser conhecidas como ações de ENF.

Dentre os colaboradores do grupo 3, um não acredita haver semelhança entre o campo da Educação Formal e o Não formal. Ele afirma que:

“infelizmente ou felizmente, tornaram a Educação Formal em algo tão rígido, ruim, que a Educação Não Formal tá sobressaindo, tá se tornando prazerosa, a Educação Formal tinha que ser prazerosa e não esta sendo (colaborador 1)”.

Na fala desse colaborador está implícita que a ENF torna-se mais prazerosa devido a características como: flexibilidade de horários, dispensa de currículos determinados a priori, adequação do conteúdo ao público alvo e a possibilidade de ser desenvolvida nos mais

diversos lugares, o que tem tornado o campo não formal mais atraente perante os olhos dos estudantes dos vários níveis (GADOTTI, 2005; MARANDINO, 2004, 2005; TRILLA, 2011).

Os outros colaboradores percebem semelhanças sutis entre a Educação Formal e a Não Formal.

“São espaços de aprendizagem e nós não temos toda a população dentro do espaço da Educação Formal, então nós temos a necessidade de trabalhar a ENF (colaborador 2)”.

“Há semelhanças nas pessoas que estão envolvidas em todo o processo, acho que deve haver bastante semelhança na organização do trabalho pedagógico. Acho que tanto a Educação Formal como a não formal exige muito planejamento não só do professor, mas de todos que estão envolvidos (colaborador 3)”.

“Acho muito semelhante, com a diferença de que a Educação Formal ela existe seguindo um protocolo de intenções, estabelecidos nos projetos político pedagógico dos cursos e a Educação Não Formal depende do contexto que você esteja, mas os princípios da ciência que a gente discute são os mesmos (colaborador 4)”.

Nos fragmentos acima há concordância de que os dois tipos de educação constituem ações promotoras da aprendizagem nas quais os princípios científicos que são discutidos são os mesmos. A metodologia empregada pode possuir enfoques diferenciados, sendo assim, há necessidade de cuidados por partes daqueles que estão envolvidos na organização do trabalho pedagógico, principalmente no planejamento das ações.

Os colaboradores concordam que há muitas semelhanças nas diferentes modalidades de educação, as quais foram discutidas no parágrafo anterior. Entretanto nota-se um problema de concepção por parte dos entrevistados em relação ao público alvo das ações realizadas, os colaboradores acreditam que o público alvo de cada segmento do saber são diferentes, entretanto é importante ressaltar que não são. Acontece que o sistema formal de ensino tem como foco atender os estudantes dos vários níveis, enquanto que a ENF, tem como meta atender os estudantes dos vários níveis e a sociedade como um todo.

4.5 – Dificuldades na realização das ações no campo da Educação Não Formal

Em geral, são poucas as ações em ENF, e isso pode ser constatado pelos poucos trabalhos sobre este tipo de atividade. As maiores dificuldades para a prática das ações de ENF, segundo os dados analisados, a partir das falas dos colaboradores consistem em:

- ✓ falta de interesse neste tipo de ação.

Eles discutem que os profissionais de ensino não se interessam pela ENF e, tal fato, é devido principalmente à falta de reconhecimento no mérito do trabalho, pela escassez de recursos e pela falta de espaços físicos na instituição e fora dela. Tais aspectos são evidenciados na figura abaixo:

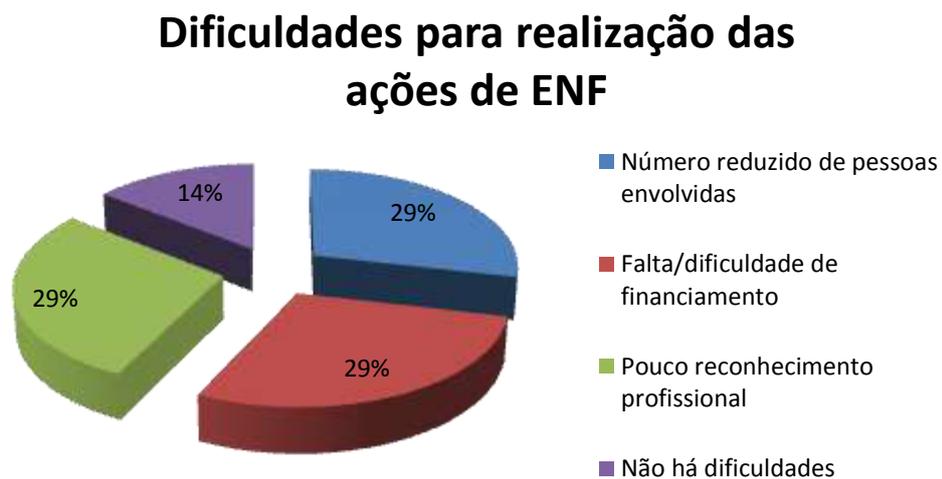


Figura 3: Principais dificuldades encontradas pelos colaboradores para o desenvolvimento das ações de ENF.

Em relação aos discentes do ensino formal, a falta de interesse em participar dessas ações, se dá devido ao número limitado de bolsas de extensão, a falta de informações e conhecimento sobre as ações no campo da ENF.

As falas a seguir evidenciam as dificuldades apresentadas pelos docentes:

“há um empenho, mas eu acho que ainda muito na fala, mas não em ações concretas, e aí o trabalho não se concretiza muito bem, por uma questão de não ter muita gente pra trabalhar, o número de pessoas ainda é muito reduzido, porque toda vez que nós temos uma atividade de divulgação científica aqui, a gente tem que correr atrás dos alunos que podem ir, e aí há uma rotatividade de aluno. O apoio institucional via direção ainda é tímido, embora tenha as falas, embora o apoio dos professores aqui

tem ajudado muito para que essas ações ocorram. O grande problema ainda é o dinheiro (colaborador 1)”.

“a primeira dificuldade é a concepção dentro das instituições do que seja extensão e de valorização desse trabalho, tá! A segunda dificuldade é a questão do financiamento da extensão, acho que são essas duas coisas que facilitariam e muito a questão da divulgação, eu não acho muito difícil à questão da divulgação eu pelo menos não enfrento dificuldade (colaborador 2)”.

“dentro das principais dificuldades que eu vejo, é mais a questão de organizar as atividades do número de pessoas envolvidas para orientar esses trabalhos, o número de pessoas envolvidas com esse tipo de projeto, ainda é muito reduzido (colaborador 3)”.

“sempre teve espaço, eu acho que quando você faz qualquer projeto, qualquer ação que vá contribuir para o conhecimento, essas dificuldades são fáceis de serem vencidas, por você ter o poder de mostrar para as pessoas a importância do que você vai fazer nessa Educação Não Formal para a melhoria da qualidade de vida do indivíduo (colaborador 4)”.

Pela análise das falas acima, tem-se que para amenizar as dificuldades encontradas para realização das ações de ENF, faz-se importante rediscutir as diretrizes que rege o sistema educacional formal, em especial o sistema de ensino superior. Este sistema de ensino se encontra pautado no tripé ensino, pesquisa e extensão, portanto, as ações de extensão e os profissionais atuantes neste segmento devem ser devidamente reconhecidos e valorizados. É necessária uma política pública mais clara, principalmente nas Universidades, e que os currículos institucionais tragam explícito e forneçam condições para o que será feito nos três vértices desse triângulo, em especial na extensão.

Tais ações contribuiriam para maior consolidação do campo da ENF bem como para maior valorização e reconhecimento dos profissionais envolvidos nestas ações. Outro aspecto relevante para consolidação deste cenário seria o desenvolvimento de ações de ENF em parceria com o setor privado, como ocorre em diversos países, como a Espanha. Afinal no estado de Sergipe todas as ações identificadas são financiadas apenas por órgãos de fomento estaduais e federais.

É importante ressaltar que é consenso entre os colaboradores o anseio e a preocupação por mais valorização dos profissionais envolvidos com a extensão e dentro desta com a ENF. Todos os colaboradores reclamam do produtivíssimo associado às ações de extensão e a supervalorização da produção científica.

Também foi necessário identificar quais os profissionais que podem atuar como educador (a) social nas ações de ENF, tal discussão será aprofundada no próximo tópico.

4.6 – Pessoas e/ou profissionais que podem atuar como educador (a) social no campo da Educação Não Formal na visão dos colaboradores

O campo da ENF tem como uma de suas características a não obrigatoriedade de comprovação de títulos acadêmicos por parte daqueles que irão desenvolver as atividades. Nesse sentido faz-se importante investigar quais são as pessoas e/ou profissionais que podem atuar como educador (a) social no campo da ENF.

Para o grupo 1 (composto pelos diretores ou representantes de direção das instituições pesquisadas) e grupo 2 (coordenadores dos cursos) prevalece que o profissional mais habilitado para realizar tais ações é o professor. A figura 4 mostra as respostas:

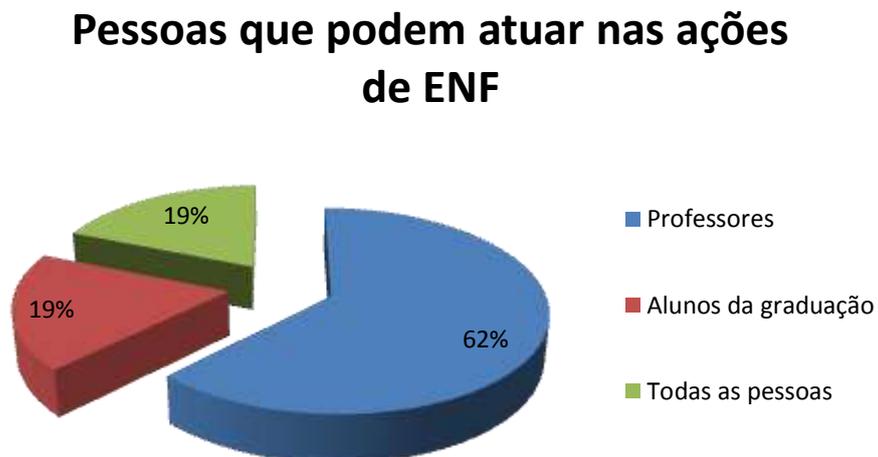


Figura 4 - Pessoas que segundo os colaboradores podem atuar nas ações de ENF.

É importante ressaltar, que o colaborador I afirma que professores, técnicos e alunos da instituição devem atuar juntos nas ações, isso mostra uma visão mais abrangente das

possibilidades de atuação no campo da ENF. As falas a seguir ilustram a ideia dos dois grupos sobre quais são os profissionais mais aptos a desenvolverem ações de ENF:

“no departamento hoje quem trabalha muito com isso são os professores envolvidos na extensão. As pessoas que estão mais envolvidas são os professores de ensino, os outros professores dão um apoio, mas quem encabeça essas atividades são os professores da área de Ensino de Química (colaborador V)”.

“professores do nosso corpo docente que se encontram mais ativos na área são os professores da área de educação (colaborador VI)”.

De acordo com as falas dos colaboradores dos grupos 1 e 2, pode-se inferir que para os colaboradores desse grupos a pesquisa para educadores químicos é a extensão, enquanto que os coordenadores, diretores e professores que não sejam da área de educação ou ensino não precisam fazer extensão. Nota-se que os coordenadores e diretores das Instituições de Ensino Superior do Estado de Sergipe adotam uma postura pode-se dizer preconceituosa em relação à extensão e as ações de ENF, quando eles afirmam que “quem trabalha com isso” são os professores da educação/ensino, faz-se importante disseminar no meio acadêmico que todos podem se envolver e atuar como educador (a) social no campo da ENF.

O grupo composto por professores defendem uma ideia mais ampla dos profissionais que podem atuar neste campo de educação:

“alunos de graduação, principalmente porque isso contribui para a formação deles, acho que o professor da universidade é vital, mas os alunos são o esplendor disso tudo, porque os alunos começam a entender que o conhecimento científico... Ele não é produzido para ficar dentro das paredes da instituição (colaborador 1)”.

“todas as pessoas podem atuar no campo da Educação Não Formal eu penso que desde a pessoa que tem formação, o graduado, o mestrando, o doutorando, que tem pós-doutorado como também as pessoas que não tem formação, vamos dizer instrução escolar mais específica (colaborador 2)”.

“profissionais de diversas áreas do conhecimento, de diversas engenharias, o pessoal da área de saúde, professores, os próprios estudantes da licenciatura, acho que todo mundo tem como dar sua contribuição e se envolver nesse tipo de ação, cada um

olhando sua especialidade, contribuindo para um projeto de melhor qualidade cada vez mais (colaborador 3)”.

“toda pessoa que tem conhecimento, competência sobre um determinado tema pode fazer isso, na Educação Não Formal, muito mais do que na Educação Formal, porque na Educação Formal você tem um rigor, deve ter um rigor mais amplo de técnicas, de abordagens, de conteúdo, de profundidade de conteúdos, enquanto que na Educação Não Formal isso não precisa ser tão profundo quanto na formal (colaborador 4)”.

“todos aqueles que têm interesse tanto, os professores das Instituições de Ensino Superior, quanto os bolsistas dessas instituições assim como os professores da escola estadual (colaborador 5)”.

Como respaldado nas falas acima, a participação nas ações de ENF é um fator que agrega conhecimento e contribui para formação dos graduandos. Tal experiência faz-se importante também para que estes adquiram conhecimentos no presente campo de atuação, já que no Brasil não há cursos de formação específicos para atuação nesta área do saber, sendo que em alguns países já há a preocupação em formar os profissionais que vão atuar neste tipo de Educação.

Devido à falta de cursos de formação específicos no País e profissionais altamente qualificados na área de ENF, há uma quantidade relativamente grande de pessoas sem formação específica que estão atuando neste campo. Nesse sentido procurou-se também identificar, segundo a concepção dos colaboradores do grupo 3, qual seria a contribuição das ações pertencentes ao campo da ENF para o sistema formal de ensino, as respectivas discussões serão aprofundadas no próximo tópico.

4.7 – Contribuições das ações de Educação Não Formal para o Ensino de Ciências

As ações no campo da ENF têm muito a oferecer e contribuir para a comunidade acadêmica e comunidade geral, tanto quanto o ensino formal. Neste contexto, o campo da ENF revela-se uma fonte de conhecimentos científicos acessíveis à sociedade como um todo e ainda contribui para o processo de divulgação científica (GASPAR, 2002; MARANDINO, 2004). É importante conhecer a interligação entre os dois tipos de educação segundo a visão dos colaboradores do grupo 3:

“importantes porque eu acredito que ela seria a energia de ativação, digamos assim, para um processo de aprendizagem, sabe? Sem esse click, a pessoa não aprende e para o ensino de ciências isso é muito importante (colaborador 1)”.

“bastante relevante... Dependendo do caso até acho que tem determinados momentos que a Educação Não Formal possibilita construir conceitos que na Educação Formal não se constrói... Que como eu falei, a Educação Formal ela ainda está muito engessada (colaborador 2)”.

“essa ação no campo não formal pode despertar o interesse pelas ciências, na Educação Formal a gente passa a ideia de que aprender Química é trabalhar com fórmulas, na Educação Não Formal eu não preciso de fórmulas, nem preciso de matemática, eu preciso de compreensão dos conceitos e esses conceitos estão dentro de um contexto do cotidiano das pessoas (colaborador 4)”.

“o desempenho dos alunos aumenta, eles se tornam mais interessados pela Química porque na Educação Não Formal eles estão colocando a mão na massa e aí ficam mais ativos, tem mais interesse pela disciplina (colaborador 5)”.

Em geral, as ações no campo não formal são pertinentes a assuntos que estão mais próximos do cotidiano das pessoas e devido a maior flexibilidade na sua estrutura, há maior possibilidade de interação entre o público participante e as atividades que estão sendo realizadas. Este fato pode despertar maior interesse e impulsionar a busca por novos conhecimentos. Baseando-se em tal afirmação, pode-se questionar: se a ENF traz tantos benefícios e contribui para a Educação Formal, possibilitando até mesmo a construção de conceitos que deveriam ser desenvolvidos no ensino formal, mas que em alguns momentos não os são, porque que a ENF não é amplamente difundida e reconhecida no ensino de ciências, em especial no Ensino de Química? Talvez a resposta esteja na pouca divulgação e no pouco conhecimento sobre o significado real da ENF, seja pelos profissionais da área de ciências, seja pelo público alvo.

Diante de tantas possibilidades de contribuições que a ENF oferece, tanto para a sociedade como ao sistema formal de ensino, faz-se necessário criar meios concretos para a divulgação das ofertas das ações existentes no campo da ENF, para que as pessoas possam usufruir de tais ações (GOHN, 2006, 2010; TRILLA, 2008).

Neste sentido, no próximo tópico serão apresentadas as ações de ENF, em Ensino de Química, que foram identificadas no estado de Sergipe.

4.8 - O que esta sendo feito de Educação Não Formal no Ensino de Química no Estado de Sergipe

Buscando-se identificar quais são as ações desenvolvidas no campo da ENF no Ensino de Química nas instituições pesquisadas, perguntou-se aos colaboradores dos grupos 1 e 2 quais são as ações promovidas pela sua instituição neste campo do conhecimento. E as respostas foram bastante diversificadas, como pode ser vistas no quadro a seguir:

Quadro 6 - Ações no campo da Educação Não Formal promovidas pelas instituições pesquisadas segundo a visão do grupo 1.

A instituição promove ações no campo da Educação Não Formal?	
Colaborador I	Todos os cursos promovem esse tipo de educação por meio das ações voltadas basicamente para extensão, voltadas a projetos de extensão.
Colaborador II	Formalmente não, porém justamente por isso, por ser não formal em sua natureza tudo isso é feito de forma informal .
Colaborador III	Promove. A gente tem algumas ações, alguns projetos nessa linha de extensão.
Colaborador IV	Principalmente na questão dos materiais alternativos, mas não é uma questão abrangente.

Através da análise dos fragmentos das falas dos colaboradores do grupo 1 é possível afirmar que eles são conhecedores das ações que são promovidas pelas suas respectivas instituições, mas como eles tem dificuldades em definir o que é a ENF, eles não reconhecem as ações que são desenvolvidas na instituição como pertencentes ao campo da ENF. Embora o colaborador III justifique que a falta de financiamento é o fator limitante para a realização de tais ações:

“tudo depende de recurso financeiro, isso é evidente, e hoje estamos começando a ter recurso para que a gente aplique nessa linha não formal (colaborador III)”.

Em relação ao grupo 2 as respostas são relatadas no quadro 7.

Quadro 7 - Ações no campo da Educação Não Formal promovidas pelos departamentos de Química nas instituições pesquisadas segundo a visão do grupo 2.

O departamento de Química promove ações no campo da Educação Não Formal?	
Colaborador V	Busão da Ciência, Show da Química, OCMEA
Colaborador VI	Química Itinerante, Enseq
Colaborador VII	Essa Educação Não Formal ela está dentro dos projetos que os professores da área de Ensino de Química promove, por exemplo, a gente tem um projeto agora que é o Química Itinerante.
Colaborador VIII	O programa de bolsa de iniciação a docência que é um projeto de extensão.
Colaborador IX	No departamento de Química ela é invisível

Nota-se que os coordenadores dos departamentos estão mais inteirados das ações promovidas pelo seu grupo de professores. Aqui é importante ressaltar que o colaborador VIII cita o PIBID, mas que este no presente trabalho não é considerado como uma ação de ENF. De acordo com a forma como ele é executado ele pode até promover ações de ENF, o que não é o caso da Instituição pesquisada na qual o projeto do PIBID não apresenta atividades que possam ser consideradas como pertencentes ao campo da ENF.

No entanto, para buscar ainda mais informações sobre as ações citadas pelos colaboradores do grupo 2, bem como de outras possíveis ações, decidiu-se questionar os professores envolvidos em tais ações, sobre a frequência da realização dessas atividades.

Os colaboradores 1 e 2 (integrantes do grupo 3) relatam que atuam no campo da ENF há muito tempo e que atualmente estão envolvidos nos projetos de extensão da instituição:

“aqui na instituição eu estou envolvido com projetos de extensão, acho que isso é necessário, acho que a instituição incentiva sim, tanto que saiu algum dinheiro, pouco mais sai... Tem o reitor que tá inclinado a nos ajudar, eu acredito que a instituição, eu não sei se de forma ordenada e correta, mas a instituição tenta e nós professores tentamos. Acho que a tendência é a gente conseguir efetivar mais visitas e fazer essa divulgação científica ocorrer de uma melhor forma (colaborador 1)”.

“em relação à instituição na realidade a gente tem o seguinte dentro da Instituição: o que eu percebo que primeiro é à Educação Não Formal ela está mais relacionada à

extensão, primeiro a gente tem uma concepção de não valorização da extensão. Então até pela própria instituição... Até incentivar em pontuação de currículo, mesmo sabendo que socialmente e até cientificamente é muito relevante à extensão, há pouca valorização do pesquisador que se dedica também a extensão, ele perde muito enquanto currículo (colaborador 2)”.

Nota-se nos fragmentos acima, que é possível afirmar que as ações de ENF estão aos poucos se tornando mais efetivas, e que as ações estão de acordo com a opção ideológica do professor.

Segundo o colaborador 3, há uma contradição: não há incentivo por parte da instituição e do departamento, entretanto ocorre a cobrança para participação em tais ações, ponto passível de amplas reflexões sobre a concepção deste tipo de atividade

Um fator importante a ser analisado é a falta de divulgação das leis educacionais que reconhecem as ações de ENF tais como a LDB - Lei 99394/96 e o Decreto 7.083/2010. Talvez assim, a ENF possa ser vista com outros olhos perante a sociedade e a comunidade educacional no cenário atual.

“A instituição na verdade... Não há um estímulo próprio da instituição, há uma cobrança nesse sentido de você realizar as ações de Educação Não Formal, principalmente vinculadas às ações de extensão e alguns projetos mantidos pela instituição (colaborador 3)”.

O colaborador 4 diz já ter sido mais ativo nas ações no campo da ENF do que é atualmente, porém faz questão de afirmar que:

“uma instituição ela dá espaço sempre para que a gente execute tanto ações formais e não formais, já que o nosso eixo de educação é fundamentado no tripé ensino, pesquisa e extensão (colaborador 4)”.

Nota-se uma contradição entre os professores: todos reconhecem que o trabalho na Universidade esta baseado no tripé ensino, pesquisa e extensão, porém enquanto os colaboradores 2 e 3 dizem não haver incentivo por parte da instituição, o colaborador 4 afirma que na realidade há incentivo da instituição.

O colaborador 5 reconhece que os incentivos oferecidos pela instituição são basicamente as bolsas dos programas como o PIBID e Pibix.

Pode ser percebido que a dificuldade de financiamento para as ações de ENF é sinônimo da falta de incentivo por parte das instituições, tido também como justificativa para o número reduzido de ações no campo da ENF em cada instituição.

Assim no tópico seguinte será discutida a origem do recurso para financiar as ações no campo não formal, bem como se os colaboradores do grupo 3 conhecem quais são as fontes de financiamento para tais ações.

4. 8. 1 – Fontes de financiamento das ações no campo da Educação Não Formal

O financiamento para a realização das ações de ENF constitui um fator preponderante, segundo as falas dos colaboradores citadas anteriormente. E há um consenso que há mais recursos atualmente para projetos de extensão do que em tempos passados.

“Sinceramente eu acho que hoje está tendo até um bom dinheiro pra essas atividades, porque como eu te disse, se eu estava desde 2001 e eu vi meia dúzia de projetos no país acontecerem e hoje eu vejo em 2013 que nós temos caminhões e busões da ciência por esse país... Eu acho que aumentou bastante (colaborador 1)”.

No entanto é importante ressaltar que há poucos órgãos de fomento que financiam tais ações e o montante financeiro ainda é insuficiente para atender toda a demanda.

No estado de Sergipe tais ações estão se destacando e são financiadas por várias fontes:

“por parte do CNPq, CAPES e Finep tem saído editais não tanto quanto a gente gostaria e que dê tanto acesso assim, mas tem saído editais que visam o que chamam de popularização da ciência mais voltado para a divulgação da ciência. A Fapitec, ela tem sido assim bastante importante dentro do estado em relação aos programas de popularização da ciência que se enquadram dentro da Educação Não Formal, então eu considero que a Fapitec tem tido uma função muito importante dentro do estado em relação à Educação Não Formal, principalmente no campo das ciências naturais, com os editais de popularização da ciência, tem os editais também de olimpíadas... (colaborador 2)”.

O órgão de fomento do estado de Sergipe, a Fapitec vem ao longo dos últimos 5 anos contribuindo com as ações de extensão, lançando editais específicos para divulgação e popularização da ciência.

O colaborador 3 também reconhece a importância da Fapitec em relação ao financiamento de ações de ENF no estado de Sergipe, afirmando ter projetos nesta área com financiamento desta agência, e completa afirmando que a CAPES e CNPq também contribuem:

“apoiando projetos com essa iniciativa de Educação Não Formal e acho que a tendência é ampliar, porque há uma carência em áreas científicas na Química, na física e biologia não só para atuar na indústria, mas também professores nas Instituições de Ensino Superior como também na educação básica, acho que essa preocupação é constante e acho que só tende a aumentar o financiamento em torno desse tipo de ação (colaborador 3)”.

Percebe-se pela fala do colaborador 3, que as ações no campo da ENF contribuem para redescobrir o gosto por estudar e pelas ciências, pois é possível verificar na prática alguns princípios científicos, antes vistos apenas de forma teórica, que pode gerar futuros pesquisadores na área de ciências como fruto dessas ações não formais.

O colaborador 4 afirma que a divulgação científica deve ocorrer mesmo na ausência do financiamento:

“faço a divulgação científica independente de financiamento, se a gente quer popularizar a ciência, tornar a ciência uma coisa cultural no país, a gente precisa da Educação Não Formal”.

Em suma, tem-se que as principais agências financiadoras das ações no campo da ENF são CAPES, CNPq e no estado de Sergipe a Fapitec.

4. 8. 1. 1 – A instituição e o financiamento para ações ou espaço permanente da Educação Não Formal

Os professores concordam que não há financiamento direto da instituição para as ações de ENF, tais financiamentos estão diretamente ligados aos editais das agências de fomento nacionais e estadual.

“Não vêm recursos específicos... Tudo é por edital, mas é aquilo... Às vezes não é aprovado ou se é aprovado não significa necessariamente que o dinheiro vem, assim não tem algo seguro relacionado a um financiamento (colaborador 2)”.

“A gente perde muito tempo com isso... Se tivéssemos uma via direta de financiamento que desse suporte... Nós não temos nem espaço físico, as coisas do projeto de extensão elas vivem de um lado pro outro porque não tem lugar para colocar a gente tem que ter um espaço aqui que seja um espaço de congregar pelo menos os projetos de extensão pra guardar o que a gente conseguiu até agora adquirir e a gente não tem lugar pra isso, então não tem nem espaço físico (colaborador 2)”.

“os incentivos estão mais associados a projetos de iniciativa dos docentes, do que uma ação permanente, um financiamento permanente dentro das rubricas estabelecidas pelo MEC para as despesas dentro da Instituição de Ensino Superior (colaborador 4)”.

Pode-se concluir então que as instituições não recebem financiamento para a realização de ações itinerantes no campo da ENF ou mesmo para montar um espaço permanente para realização destas ações dentro da própria instituição.

4. 8. 2 - Públicos alvo das ações de Educação Não Formal voltadas para o Ensino de Química no estado de Sergipe

As ações no campo da ENF tornaram-se mais populares no Brasil a partir da década de 80, neste momento tais ações apresentavam como objetivo atender o público menos favorecido economicamente e, portanto tornou-se conhecida como um campo educacional que tem como característica e meta atender a parcela da sociedade excluída socialmente e que residem nas periferias (GOHN, 2011; SOUZA, 2008). Com o passar dos anos as ações no

campo da ENF foram direcionadas a diversos públicos, sem distinção de idade, classe social, local ao qual reside, entre outras características.

É importante verificar qual a concepção dos diretores, coordenadores e professores sobre o público ao quais essas ações de ENF são destinadas. Na figura 5, estão as respostas dos diretores ou representantes de direção de cada instituição e coordenadores dos cursos.

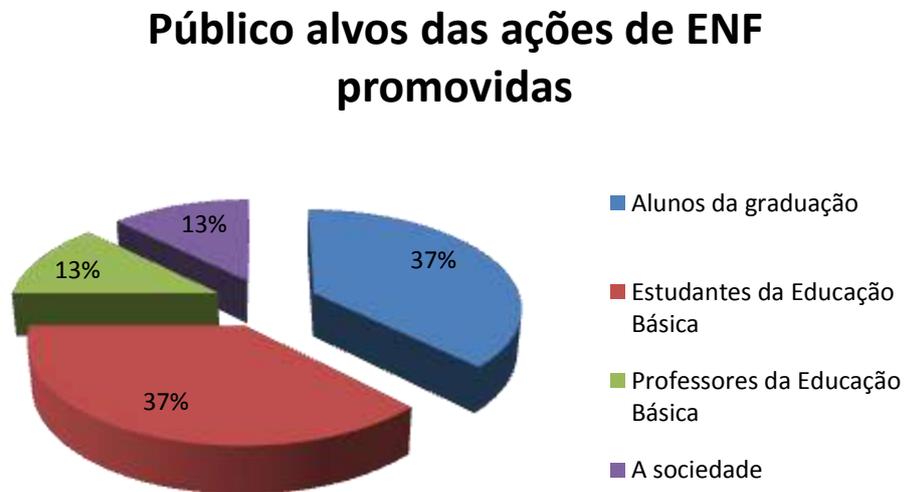


Figura 5- Público alvo das ações de ENF realizadas no estado de Sergipe.

De acordo com o gráfico acima é perceptível que tais colaboradores têm a concepção de que o público alvo das ações de ENF deve constituir-se prioritariamente dos estudantes dos vários níveis. Entretanto é importante ampliar esse pensamento, pois devido às características do campo da ENF neste não deve haver restrição de público, as ações devem atender a todo e qualquer cidadão que manifestar interesse pela ação.

A distinção de público alvo no campo não formal não deve existir, pois esta leva a taxionomias e mesmo a outro tipo de classificação, desta vez em termos de reconhecimento, importância e/ou função de tais ações.

Dentre os professores, o colaborador 2 diz que as ações no campo da ENF apresentam dois públicos: os estudantes dos vários níveis e a sociedade de forma geral. Tais ações não devem ser diferenciadas mediante a condição do público alvo constituir-se ou não de estudantes dos vários níveis, e sim preocupar-se em manter atividades bem planejadas com linguagem simples e acessível a públicos diversificados.

Começando a conhecer melhor as ações no campo da ENF no estado de Sergipe, surgiu a necessidade de verificar se há um acompanhamento de tais ações, ou seja, se é feito

algum tipo de avaliação e acompanhamento e se é possível identificar quais são os pontos positivos e falhos de tais ações. No próximo item é discutido tal contexto.

4. 8. 3 – Acompanhamento das ações no Campo da Educação Não Formal no Ensino de Química no estado de Sergipe

Toda e qualquer ação, projeto ou atividade necessita ser acompanhada, com o objetivo de identificar fatos que precisam ser revistos e melhorados para que as ações tenham resultados mais efetivos perante o público alvo. Assim buscou-se verificar se os diretores, coordenadores e professores possuem instrumentos para aferição dessas ações. Na figura a seguir estão as falas dos colaboradores dos grupos 1 e 2.

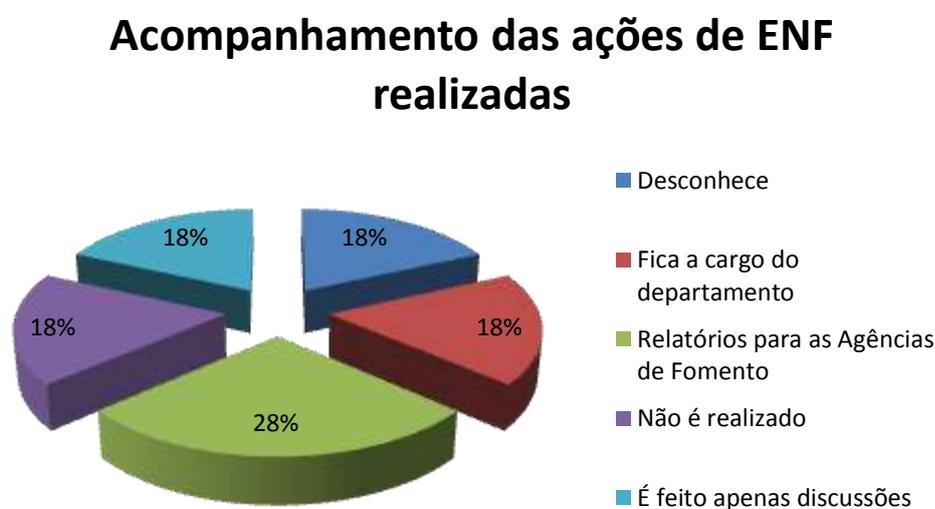


Figura 6 - Concepções dos colaboradores a cerca das formas de acompanhamento das ações de ENF realizadas.

Devido ao que já foi discutido sobre a dificuldade de conceituar e realizar ações de ENF pela comunidade acadêmica, a aferição dos resultados ainda é mais escassa. Segundo os colaboradores dos grupos 1 e 2, não há instrumentos para aferição de tais ações, como pode ser visto no quadro acima.

É também importante relatar que alguns colaboradores dos grupos 1 e 2, citam como ponto negativo das ações que são promovidas pelas instituições, o fato de que os resultados de possíveis acompanhamentos e/ou avaliações não são repassados para direção e coordenação da instituição:

“é bem interessante que seja passado depois para coordenação do curso pra gente ter uma visão das ações que ocorrem aqui na instituição (colaborador I)”.

“o que é interessante é que isso, por exemplo, não é discutido no departamento seria interessante ter esses números, ter esse quantitativo, mas a princípio não é discutido no âmbito do departamento (colaborador V)”.

O diretor ou representante de direção diz que o acompanhamento e/ou avaliação das ações no campo da ENF ficam a cargo dos departamentos. Ao mesmo tempo o chefe do departamento diz que o respectivo procedimento deve estar a cargo dos órgãos de fomento que financiam tais ações. Notavelmente é verificada a falta de comunicação dentro da própria instituição, sobre as ações de extensão. As ações parecem acontecer de forma isolada em cada departamento, podendo ser consideradas como ações de caráter pessoal e pouco departamental e institucional.

De acordo com os dados analisados, um possível motivo para a falta de informações dessas ações pode estar relacionado à concepção da não valorização das ações de extensão e de ENF que prevalece no meio acadêmico. É preciso mudar este cenário o quanto antes, isto pode ser feito valorizando e difundindo a ENF no meio acadêmico.

É importante pensar em estratégias de avaliação sobre o impacto de tais ações perante o público alvo, isso pode ocorrer dependendo da metodologia utilizada na ação. Pode-se utilizar: entrevistas com o público alvo e professores; disponibilizar para o público um questionário avaliativo da ação realizada; disponibilizar um local para sugestão de atividades, bem como de possíveis formas de melhorias; criar um canal interativo entre os responsáveis pelo projeto e o público; realizar seminários informativos e abertos ao público dentro da instituição para divulgar as ações e os resultados destas.

4. 8. 4 – Procedimentos metodológicos e o processo de aprendizagem nas ações de Educação Não Formal voltas ao Ensino de Química no Estado de Sergipe

Uma questão muito discutida no campo da ENF é que não há procedimentos metodológicos que sejam específicos deste campo de atuação, as ações no presente campo podem apresentar os mais variados procedimentos (GOHN, 2011). Neste sentido buscou identificar quais os procedimentos metodológicos que são mais utilizados nas ações

promovidas pelas Instituições de Ensino Superior do Estado de Sergipe, em especial para o Ensino de Química.

Os procedimentos (atividades) mais usuais em ações de ENF são: interativas - ações que além do envolvimento físico, convidam o público a elaborar respostas, propiciando uma relação de dependência entre a atividade e o visitante (PINTO, 2007); demonstrativas - nesta os participantes não as manuseiam, apenas observam sua execução, mas de forma que possibilite o desenvolvimento de interações sociais entre educador (a) social – público e entre o público visitante (EIRAS, 2003; FELICETTI et al, 2012) e dinâmicas - são utilizadas várias metodologias (inclusive a interativa e a demonstrativas juntas) com objetivo facilitar e propiciar melhor a assimilação dos conceitos, possibilitando instigar o interesse por estudar ciência e conseqüentemente melhorando o relacionamento com o mundo científico (FELICETTI et al, 2012).

A averiguação dos procedimentos metodológicos utilizados foi realizada somente com os professores das instituições.

O colaborador 1 diz que nas ações de ENF que promove, busca mesclar os procedimentos metodológicos, onde a plateia pode participar ativamente das ações ou possa receber o conhecimento elaborado em uma linguagem mais acessível:

“de todas as formas a gente tenta ter as atividades, mas o que a gente acaba fazendo mesmo é que o povo, que a plateia manipule. A grande questão da divulgação científica não está no fato da plateia manipular, mas o principal está na fala, na forma o qual você transforma o conhecimento científico elaborado, numa linguagem em que uma pessoa da comunidade possa entender e para isso a interação é extremamente importante”.

É importante enfatizar a questão da interação do público e educador (a) social, buscando uma linguagem fácil e acessível para o desenvolvimento das ações. A linguagem precisa adequar-se ao público alvo, logo todos os envolvidos no processo de ENF devem estar bem preparados e aptos a lidar com os mais diversos públicos e nos mais diversos ambientes.

A mesma ideia é corroborada pelo colaborador 2:

“atividades que tenha envolvimento com o público, diálogo e de preferencia que sejam ações contínuas e tem que ter o olho no olho; a Educação Não Formal exige muito

dessa questão interativa dialógica de respeito ao outro e muito do contato olho no olho o máximo que puder”.

Uma postura diferente das duas apresentadas anteriormente é perceptível na fala do colaborador 3, o qual é adepto de ações interativas, com manipulação por parte do público alvo. O mesmo diz que suas ações estão voltas para alunos do ensino médio:

“o aluno é levado no caso das oficinas, a manipular materiais, a realizar experimentos, a utilizar de softwares, a participar de jogos didáticos, participar de debates, isso eu acho que é essencialmente importante, então considero como uma relação bastante interativa”.

Os colaboradores 4 e 5, mostram-se bem ecléticos em relação aos procedimentos metodológicos utilizados nas ações que promovem, eles dizem que trabalham os procedimentos metodológicos de acordo com os objetivos das ações que estão sendo desenvolvidas:

“interativa, em algumas situações, porque a gente queria mostrar aos alunos fenômenos que ocorrem na natureza, demonstrativas, dado a não habilidade de executar determinadas tarefas e dinâmica, porque a gente sempre procurou ouvir e discutir a partir do contexto, então eu acho que essas três satisfaz, sempre satisfaz e satisfará minhas ações seja na Educação Formal ou na Educação Não Formal (colaborador 4)”.

É perceptível a variedade de procedimentos metodológicos nas ações de ENF, voltadas ao Ensino de Química no estado de Sergipe, todos os colaboradores afirmaram utilizar nas ações que promovem metodologias interativas, demonstrativas e dinâmicas.

É consenso entre os colaboradores a preocupação com a linguagem utilizada neste campo de atuação. Ela pode ser considerada como o principal elo entre participante e educador (a) social. A seguir serão discutidos os processos de aprendizagem nestas ações não formais de educação.

O colaborador 1 diz ser difícil falar sobre aprendizado em ações no campo da ENF que não ocorrem de maneira contínua, nestas só há tempo hábil pra transmissão de informações, o que pode configurar tais iniciativas como ações de ENF com ênfase em divulgação científica.

“Na Educação Não Formal não há tempo pra isso, você vai lá passa uma manhã, uma tarde às vezes você provoca uma série de situações de fenômenos em que a pessoa leva tempo pra maturar e entender aquilo, ele leva a informação e se ele tiver uma base pra tentar entender essa informação aí gera um conhecimento, se não fica pela informação (colaborador 1)”.

O campo da ENF é muito vasto e diversificado, possibilitando assim o desenvolvimento de diversas ações, nesse sentido o colaborador 2 diz que devido a tais características os processos de aprendizagem neste campo também são múltiplos, já que podem ser adotadas metodologias diferenciadas para cada público alvo tendo-se consequentemente processos de aprendizagem diferenciados.

“No sentido de jamais negar o conhecimento popular, o conhecimento tradicional, cotidiano, mais pensar no sentido de ampliação dos conhecimentos, todas as pessoas já tem seus conhecimentos então nós só vamos ampliar esse conhecimento (colaborador 2)”.

“Eu acho que tem muito isso... É o público que a gente vai trabalhar, qual o objetivo que a gente tem então não dá pra classificar (colaborador 2)”.

Os colaboradores 3 e 4 dizem que as ações que desenvolvem no campo da ENF apresentam duas principais formas procedimentais de aprendizado:

“a interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva o conceito e o conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes, eu acredito que esse dois pontos são contemplados no momento das ações (colaborador 3)”.

“os conceitos devem ser trabalhados de forma simples e clara, mas usando a linguagem científica, outra coisa importante e eu observei e cria muita expectativa é quando envolve a interação com os fenômenos a partir da experimentação (colaborador 4)”.

O colaborador 5 diz que o aprendizado nas ações no campo da ENF é proveniente do desenvolvimento de atividades que são trabalhadas a partir das concepções prévias dos participantes. Dessa forma é importante que o processo de aprendizagem ocorra de formas diversas e que estejam interligados com os processos metodológicos. Tal concepção encontra-

se em consonância com Gohn, a qual defende que a aprendizagem nas ações de ENF pode ocorrer de diversas formas: “prática, teórica, técnico-instrumental, política, cultural, linguística, sobre a economia, simbólica, social, cognitiva, reflexiva e ética” (GOHN, 2011, p. 42-44). No campo da ENF, como também na Educação Formal, a liberdade no uso de metodologias diferenciadas possibilita processos de aprendizagem variados.

4. 8. 5 – Um pouco mais sobre cada ação de Educação Não Formal no Ensino de Química promovidas por Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe

Como até o momento foi discutido aspectos teóricos das ações desenvolvidas no campo da ENF e voltadas para o Ensino de Química no estado de Sergipe, é necessário apresentar informações mais concretas a respeito de cada ação identificada e considerada como pertencente ao campo de ENF, segundo o referencial teórico apresentado no Capítulo II.

Baseando-se nas diversas concepções sobre ENF defendidas por diferentes autores (apresentadas no Capítulo II), neste trabalho foi adotado um conceito de ENF amplo, o que permitiu identificar as ações de ENF em Ensino de Química no estado de Sergipe.

As ações de ENF foram consideradas como: toda atividade organizada, sistemática, educativa, intencional (distintas do ensino institucionalizado) que pode ocorrer tanto dentro do sistema formal de ensino quanto fora, compartilhando experiências, em geral através de ações coletivas. Possui total flexibilidade de adequação de tempo, espaço, conteúdo, linguagem e público, possibilitando assim levar conhecimentos não só aos estudantes dos vários níveis, mas também a pessoas que não estão inseridas no sistema formal de ensino.

No estado de Sergipe foram identificadas ações classificadas com base nos critérios e concepções de ENF, adotados no presente trabalho. As ações identificadas como ENF promovidas por Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe foram:

- ✓ Ciências sobre rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão;
- ✓ Ciência na Feira;
- ✓ Oficina de Ciências, Matemática e Educação Ambiental - OCMEA;
- ✓ Química também é cultura: Show da Química com teatro III;
- ✓ Olimpíada Sergipana de Química – OSEMQUIM;
- ✓ Química Itinerante;

- ✓ Encontro Sergipano de Química – ENSEQ;
- ✓ Escola de Verão – EVEQUIM;
- ✓ Encontro Estadual de Química – ENESQUIM;

A seguir serão descritas todas as atividades consideradas como ações de ENF.

◆ O projeto **Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão**, popularmente conhecido como Busão da Ciência, é um projeto coordenado pelos professores do curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto Carvalho, mas que envolve professores das áreas de Matemática, Biológica, Física e Geografia e quem vem sendo desenvolvido desde o ano de 2012. O projeto realiza uma série de atividades de divulgação e popularização da ciência, através de exposições itinerantes. Essas exposições possuem características semelhantes às atividades realizadas em museus e centros de ciências. O diferencial dessa ação, é que essas atividades são realizadas em diversos povoados e cidades do agreste sergipano. Os locais que as ações ocorrem são diversos, por exemplo: praças, colégios e outros espaços públicos. Para a viabilidade do projeto, foi adquirida uma van, através do financiamento das agências de fomento e adaptada para desenvolver as atividades (com prateleiras, kits de ciências, caixas de som, toldos). O financiamento foi realizado através da participação pelo coordenador, em edital específico para popularização da ciência. Desse modo a ação contribui para a diminuição da distância entre o pesquisador, a ciência, o desenvolvimento tecnológico e a vida das pessoas.

O projeto tem como meta promover a conscientização do público em geral, sobre a função da ciência na vida cotidiana e sobre os recursos naturais da região, além de conscientização da população sobre doenças endêmicas nas comunidades visitadas. Também são realizadas ações sobre a flora e fauna regionais, enfim, a pretensão é atingir todos os municípios do agreste e sertão Sergipano bem como as comunidades rurais, estimulando o aprendizado e conhecimento não somente da Química, mas também a relação com a Física, Biologia e Geografia.

A ação foi considerada como pertencente ao campo da ENF pelas suas características, dentre elas: aberta aos estudantes dos vários níveis e a sociedade; total flexibilidade para escolha dos temas a ser trabalhados; busca a interação sócio cultural entre o educador (a) social e o público; apresentação organização e sistematicidade em graus distintos do ensino formalizado.

Já a metodologia utilizada nas atividades no projeto Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão variam de acordo com o tema a ser trabalhado e com a cidade a ser visitada, buscando sempre uma forma de trabalho que possibilite maior compreensão dos princípios científicos por parte do público alvo, assim conta-se com atividades interativas, demonstrativas e dinâmicas. A seguir são mostradas figuras de algumas exposições do projeto Busão da Ciência.



Figura 7 - Visão geral de atividades do projeto Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão. A- Povoado Cajaíba/Itabaiana 2012 e B- Frei Paulo 2013.



Figura 8 - Visão dos stands do projeto Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão – Frei Paulo 2013.

♦ **A Ciência na Feira é um subprojeto do Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão.** Neste subprojeto são realizadas incursões nas feiras livres das cidades do agreste do estado de Sergipe, sendo que a cada exposição na feira são realizadas atividades de uma área do saber, por exemplo: em uma data são desenvolvidas atividades inerentes à Química, na qual são discutidas com os feirantes e pessoas que encontram-se na feira conceitos químicos, com aplicação voltada para o cotidiano. Em outras datas são realizadas atividades das outras ciências, a saber: biologia, física e matemática.

O Ciência na Feira é considerado como ação de ENF, pois tem como meta atender a sociedade que vai a feira. Este busca através de atividades simples, mostrar aos feirantes e aos frequentadores da feira os princípios científicos que existem por trás de coisas simples no dia-a-dia. Para tal faz-se uso de atividades iterativas, dinâmicas e na inviabilidade da realização destas, atividades demonstrativas, em geral busca substituir vidrarias mais elaboradas por matérias do cotidiano, como elo entre educador (a) social e o público uma linguagem bem simples e acessível ao nível de escolaridade daqueles que ali se encontram. E como toda atividade de ENF possui uma organização e planejamento prévio. A seguir figuras da exposição da Química na feira:



Figura 9 - Início das atividades do projeto Ciência na Feira – Itabaiana 2013.



Figura 10 - Desenvolvimento de atividades de Química no projeto Ciência na Feira – Itabaiana 2013.

♦ **A OCMEA (Oficina de Ciências, Matemática e Educação Ambiental)**, é um projeto com coordenação geral de uma professora do Curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto Carvalho, além da participação de profissionais de diversos cursos. É um projeto voltado para transmissão de conhecimentos em várias áreas, para os alunos da educação básica (Fundamental I, II, e Ensino Médio), principalmente das escolas públicas da cidade de Itabaiana e região. As atividades compreendem um conjunto de oficinas, que são ofertadas, em geral, pelos alunos dos cursos de graduação, no caso, quase todos os cursos do campus Prof. Alberto Carvalho, que são atualmente dez cursos. A duração da atividade é de dois dias é ofertada uma série de oficinas nas seguintes áreas do saber: Química, matemática, biologia, pedagogia, física, letras, geografia, administração e sistemas de informação, com a supervisão de um professor orientador. Dessa forma a OCMEA contribui também para a formação profissional do graduando.

O projeto é realizado nas dependências da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto Carvalho, uma vez por ano, ocorre no segundo semestre de cada ano, e teve início em 2006.

A OCMEA constitui-se uma atividade de ENF, pois é uma atividade organizada, sistemática, educativa, intencional e tem flexibilidade para trabalhar diversos temas nas oficinas que são ofertadas para os estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Em termos de

metodologia tem tanto oficinas dinâmicas, quanto demonstrativas e interativas, vai depender muito a qual área pertence esta oficina. Na química em especial as oficinas são predominantemente dinâmicas e interativas, nas quais o educador (a) social orientados por um professor da graduação buscam mostrar ao público da oficina como se dão alguns princípios químicos, e para isso na maioria das vezes os estudantes são convidados a realizar junto com o educador (a) social todas as etapas metodológicas da oficina. A seguir algumas figuras do projeto:



Figura 11: - Cerimônia de abertura da OCMEA – Itabaiana 2012.



Figura 12 - Atividades do projeto OCMEA – Itabaiana 2012.

♦ **O Química também é cultura: Show da Química com teatro III**, popularmente conhecido como Show da Química, é um projeto do departamento de Química da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto Carvalho, que busca integrar o Ensino de Química com a arte. São realizadas apresentações em escolas de ensino médio da rede pública, e também é realizado em parceria com o Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão, nas quais são realizadas apresentações teatrais ou com mamulengos (tipo de fantoche típico do nordeste brasileiro). As apresentações são desenvolvidas por alunos do curso de Química Licenciatura e coordenadas por professores do respectivo curso. O projeto é desenvolvido na instituição desde o ano de 2010.

O Química também é cultura: Show da Química com teatro III, foi considerado com pertencente ao campo da ENF, pois é uma atividade em geral voltada para alunos do Ensino Fundamental e Médio, mas que quando se dá em parceria com o Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão fica aberto a sociedade. Como metodologia tem-se a demonstração, ou seja, o teatro.

As peças teatrais que são produzidas buscam trabalhar um princípio químico, e para que o público alvo entenda o tema que está sendo trabalho a experimentação se dá na maioria das vezes de forma demonstrativa e mesclada com a apresentação teatral. É uma atividade que organizada, intencional, que pode acontecer nos mais variados espaços e trabalhar com diversos temas e com público de diversas faixas etárias. A seguir algumas figuras do projeto.



Figura 13 - Atividades do Química também é cultura: Show da Química com teatro III – Frei Paulo 2013.



Figura 14 - Teatro de Mamulengos do Química também é cultura: Show da Química com teatro III – Itabaiana 2013.

♦ **A OSEQUIM (Olimpíada Sergipana de Química)**, também é um projeto voltado para estudantes dos vários níveis, em especial para alunos do ensino médio das escolas públicas e particulares do estado. A olimpíada é coordenada pelos professores da Universidade Federal de Sergipe – Campi Professor José Aloísio de Campos e Professor Alberto Carvalho. É realizada desde 2006, sendo que em 2007 firmou-se parceria com o Programa Nacional de Olimpíadas de Química (OBQ), promovido pela Associação Brasileira de Química (ABQ), com o apoio do Conselho Regional de Química (CRQ – VIII). A OSEQUIM é um evento que vem crescendo a cada ano em todo o estado, tendo a participação de aproximadamente 5.000 alunos no ano de 2012. São vários os objetivos da olimpíada de Química, entre eles: incentivar o aluno a gostar de ciências, classificar os alunos para a etapa da Olimpíada Brasileira e também descobrir talentos para a Química.

A OSEQUIM foi classificada como uma ação pertencente ao campo da ENF, por ser uma ação que tem como meta atender a estudantes do ensino básico, por ser uma atividade atemporal, optativa, não institucionalizada, organizada e intencional, porém em graus distintos do sistema formal de ensino, assim acreditamos que esta se enquadra na ENF.

A OSEQUIM é ainda uma atividade educacional intencional que se dá mediante a realização de uma prova. Mas que busca propiciar a educação científica, quando contextualiza

as questões da prova com a realidade do público alvo, configurando assim como uma ENF. A seguir figuras do evento:



Figura 15 - Atividades da OSEQUIM, 2010.

Fonte: Site do OSEQUIM (<http://osequim.blogspot.com.br/p/fotos.html>).

◆ **O Química Itinerante** é um projeto da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor José Aloísio de Campos que começou a ser desenvolvido no ano de 2013. Também é uma atividade voltada para alunos do ensino médio. O projeto busca promover uma maior interação entre os acadêmicos e os estudantes do ensino médio do estado de Sergipe, através da organização e apresentação de oficinas que são pensadas com foco no público alvo, e levando em consideração o contexto que estes estão inseridos, sendo importante que estes percebam que a Química faz parte do seu dia a dia.

O Química Itinerante foi considerado como uma ação de ENF, devido a sua estrutura. É um projeto com oficinas organizadas, sistemáticas e intencionais, que têm como meta aproximar os alunos da educação básica ao universo da Química. Outra característica do projeto é a total liberdade para escolher o tema a ser discutido e a metodologia a ser trabalhada.

A metodologia predominante nas oficinas que são desenvolvidas é interativa, mas que sejam realizadas de forma que priorize o debate e a reflexão sobre os princípios químicos trabalhados na oficina e sua aplicação na sociedade atual. A seguir figuras do evento.



Figura 16 - Atividades do Química Itinerante – Pedrinhas 2013.



Figura 17 - Oficinas Temáticas do Projeto Química Itinerante – Pedrinhas 2013.

♦ **O ENSEQ (Encontro Sergipano de Química)** é um congresso, mas que também possui uma ação de ENF, pois desde 2012 busca a inserção dos alunos da educação básica através da oferta de oficinas temáticas. A ação é realizada na Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor José Aloísio de Campos.

O ENSEQ foi considerado como uma ação pertencente ao campo da ENF por se tratar de um evento que possui organização, sistematicidades e processo educativo intencional,

porem em graus distintos da Educação Formal. Nele há também flexibilidade dos temas a ser discutidos nas palestras, minicursos, mesas redondas e oficinas temáticas, há autonomia também quanto à escolha do espaço para realização das atividades.

Em termos metodológicos no ENSEQ é perceptível atividades de caráter interativo, dinâmico e demonstrativo. Como exemplo das atividades demonstrativas tem-se as palestras e mesas redondas, já de atividades dinâmicas e interativas os minicursos e as oficinas temáticas, destinadas a alunos do Ensino Médio, abaixo fotos do ENSEQ:



Figura 18 - Atividades do ENSEQ – São Cristóvão 2013.



Figura 19 - Oficinas temáticas para alunos da educação básica no ENSEQ – São Cristóvão 2013.

♦ A **EVEQUIM (Escola de Verão)**, também configura-se como um congresso, no qual são desenvolvidas oficinas temáticas voltadas tanto para os alunos de graduação como para estudantes e professores da educação básica. O objetivo é aproximar a universidade e os alunos e professores da educação básica. As atividades são realizadas no período das férias acadêmicas e ocorrem na Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor José Aloísio de Campos.

A EVEQUIM é uma atividade de participação optativa, mas que tem como meta promover o aprendizado. É organizada, mas que não está atrelada a um currículo pré-determinado. E que apresenta flexibilidade da lógica espaço-temporal para realização das atividades.

O evento conta com atividades que podem ser consideradas como: dinâmicas e interativas a exemplo dos minicursos e das oficinas temáticas, destinadas a alunos e professores da Educação Básica; e demonstrativas, como é o caso das palestras e mesas redondas. Entretanto faz-se importante citar que algumas oficinas temáticas podem apresentar metodologia demonstrativa, a escolha pela metodologia a ser aplicada fica a critério da pessoa responsável por ministra à oficina, em geral mestres ou alunos do mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da própria instituição. A seguir fotos das atividades do EVEQUIM:



Figura 20 - Oficina Temática para Professores da Educação Básica e Graduandos na Escola de Verão – São Cristóvão 2013.



Figura 21 - Oficina Temática para Alunos da Educação Básica na Escola de Verão - São Cristóvão 2013.

♦ **O ENESQUIM (Encontro Estadual de Química)** apresenta características em comum com as duas ações citadas anteriormente, todas são promovidas com o intuito de promover o aprendizado. Entretanto, o ENESQUIM não possui ainda ações voltadas para alunos e professores da educação básica, porém os organizadores do evento informam que no ano de 2014 o ENESQUIM contará com oficinas para alunos da Educação Básica. Este é ainda um evento para graduandos da área de ciências básicas e que conta com coordenação pelos próprios alunos do curso de Química Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto Carvalho.

O ENESQUIM é uma ação intencional de educação, que tem organização e sistematicidade, em graus distintos do ensino formalizado. Este se trata ainda de uma ação que possui ações educacionais coletivas, em geral com metodologias dinâmicas, iterativas e demonstrativas. No ENESQUIM é perceptível a liberdade para trabalhar com diversos temas e nos mais variados espaços. É um evento que em geral ocorre em parceria com o projeto Ciências Sobre Rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão. Assim mediante todas estas características o ENESQUIM foi considerado como ação educacional pertencente ao campo da ENF. A seguir fotos da ação:



Figura 22 - Atividades do ENESQUIM – Itabaiana 2012.

As ações de ENF voltadas para o Ensino de Química no estado de Sergipe ocorrem em espaços diversos, o que está de acordo com a fundamentação teórica apresentada no Capítulo II. Há eventos ocorrendo nas dependências da universidade, das escolas, em praças, feiras e outros espaços.

As atividades desenvolvidas têm como público tanto aqueles que estão inseridos no sistema formal de ensino como a sociedade em geral, o que também está em acordo com a concepção de ENF adotada no presente trabalho.

As ações mapeadas como pertencentes ao campo da ENF possuem na maioria das vezes abrangências em nível estadual. As atividades que não são tidas como itinerantes costumam receber público de vários municípios Sergipanos, enquanto que as ações itinerantes visitam diversas localidades. As cidades visitadas até o presente momento podem ser acompanhadas na figura a seguir.

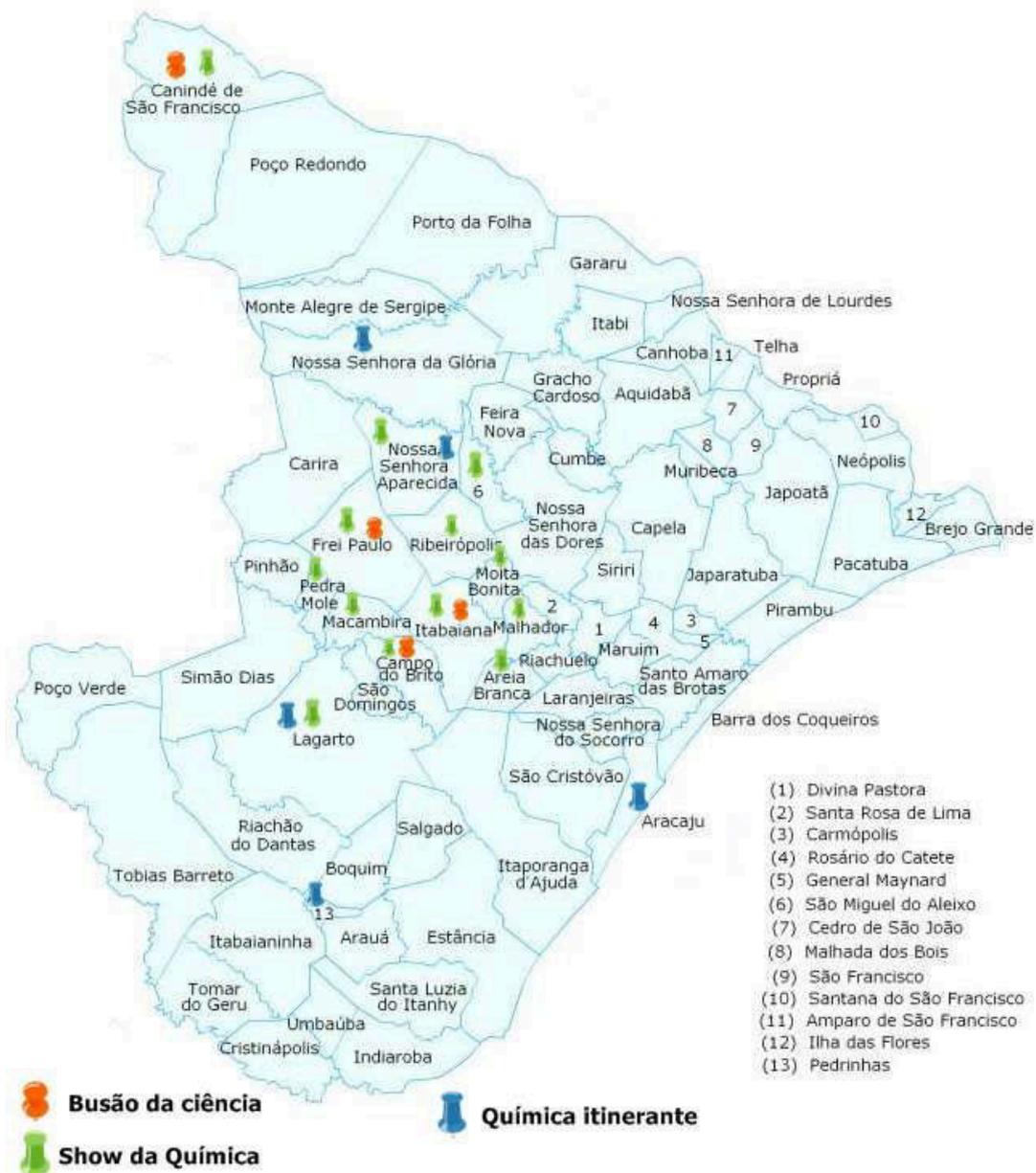


Figura 23 - Cidades do estado de Sergipe visitadas pelas atividades itinerantes de Educação Não Formal.

Fonte: Mapa - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Após a identificação do que está sendo feito neste campo de ensino no estado de Sergipe, buscou-se investigar o que fazer para melhor dinamizar a relação entre ensino formal e as ações de ENF.

4. 9 – Como melhor dinamizar a relação escola-espços/ações no Campo da Educação Não Formal

Nesse tópico identificou-se, segundo a visão dos colaboradores, sugestões de como melhor dinamizar a relação ensino formal institucionalizado e espaços/ações no campo da ENF.

De acordo com os dados analisados a partir das falas dos professores, tem-se que uma maior interação entre ensino formal e não formal se daria através de:

- ✓ uma atenção especial para os cursos de formação de professores, no sentido de capacitar o futuro licenciado em ações de ENF, para atuar em diversos ambientes;
- ✓ promover debates sobre a necessidade de financiamento e divulgação das ações de ENF;
- ✓ reformulação dos currículos dos cursos de graduação em ciências;
- ✓ uma releitura da LDB e do decreto 7.083\2010.

A seguir as falas dos colaboradores que expressam o que está explícito nos tópicos acima:

“a gente precisa formar professores para trabalhar com essas atividades, para conduzir um experimento de forma que seja prazerosa, ações com a comunidade... A instituição ela tá aqui para gerar conhecimento e melhorar a vida das pessoas e a Educação Não Formal, ela é um caminho para isso (colaborador 1)”.

“primeiro é o financiamento que querendo ou não, a gente não faz nada sem financiamento e segundo penso que os currículos de todos os cursos de graduação teriam que ter mais explícito o que vai ser feito de Educação Não Formal (colaborador 2)”.

“uma reformulação dos currículos de graduação pra articular essas diversas maneiras de educar, de construção do ser humano, então seria essa questão mesmo curricular de inserir dentro da proposta da instituição, dos currículos de graduação como que nós vamos fazer a extensão, como que nós vamos fazer a Educação Não Formal porque quando a gente faz a formação principalmente de professores a gente se limita a discutir o espaço da escola, o espaço da Educação Formal e esquece de discutir as possibilidades que tem de Educação Não Formal (colaborador 2)”.

“valorizar as ações de extensão, e eu digo sempre que fazer extensão é muito mais complicado do que fazer artigo e publicar artigo (colaborador 3)”.

“envolver uma série de fatores eu acho que é rever a valorização dos profissionais que estão envolvidos com esse tipo de ação, rever também as estruturas da carreira docente tanto no ensino superior como na educação básica (colaborador 3)”.

“compromisso político e social por parte das instituições de ensino (colaborador 4)”.

Depreende-se das falas apresentadas acima que é preciso ter em mente que o campo de atuação do professor formado nas Instituições de Ensino Superior deve ser mais amplo e não apenas o espaço do sistema formal. Os graduandos em ciências se formam sem ter um conhecimento expressivo deste terceiro setor da sociedade, bem como das possibilidades de atuação no campo não formal de ensino. É necessário dinamizar as relações entre os espaços do ensino formal institucionalizado e as ações no campo da ENF, dentro das próprias instituições, bem como valorizar as ações no campo da ENF.

É importante também buscar formas de melhor dinamizar as ações identificadas como pertencentes ao campo da educação não formal, afinal a ENF prevalece por toda a vida das pessoas ao contrário da Educação Formal que se desenvolve em um breve espaço de tempo. Assim é válido e necessário à busca por melhorias e maior divulgação das ações ENF.

Como bem colocados pelos colaboradores uma das formas de melhorar as ações no campo da ENF é a disponibilidade de mais recursos. Dentre as ações mapeadas algumas delas encontram-se no momento sem bolsistas, dentre elas o projeto Ciências sobre rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão e Ciência na Feira.

A presença dos bolsistas neste projeto possibilita maior organização, bem como disponibilidade maior de oficinas para serem ofertadas, e evitaria a rotatividade dos alunos que atuam como educador (a) social, já que a cada atividade os professores responsáveis pelos projetos tem que convidar vários alunos para ver aquele que tem disponibilidade de participar da ação no dia que está marcada. Para o aluno que atua nestas ações como bolsista regular ele agrega conhecimentos do campo da ENF, possibilitando uma ação pode-se dizer mais aperfeiçoada a cada atividade.

Já entre as ações mapeadas, a OSEQUIM pode ser aprimorada para que possa efetivar as ações educacionais e conseqüentemente proporcionar uma educação científica de melhor

qualidade. Para tal basta que a OSEQUIM enquanto ação de ENF busque sempre a contextualização com a realidade a qual o público alvo está inserido. Assim faz-se necessário que os organizadores da ENESQUIM busquem repensar o papel social da olimpíada para propiciar aos estudantes o desenvolvimento científico. Um caminho para colocar tais proposições em prática é buscar melhoria no principal elo entre estudantes e a OSEQUIM, que é a prova, esta poderia priorizar o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

O apoio da mídia também tem muito a contribuir para as ações no campo da ENF. O rádio, a internet e a TV são meios de comunicação que tem muita expressividade perante a sociedade, se as ações de ENF contassem com a divulgação destes meios tornar-se-iam mais conhecidas no estado possibilitando a concretização desta mediante a sociedade. O projeto Ciências sobre rodas: Busão da Ciência no Agreste e no Sertão teve uma das incursões transmitidas pela TV Sergipe no programa Terra Serigy que foi exibido no dia 20 de Julho de 2013, após a exibição do programa foi perceptível à solicitação de apresentação em várias cidades. Assim tem-se que o apoio periódico da mídia contribuiria bastante para o processo de consolidação das ações de ENF, existentes no estado de Sergipe.

Em termos do número de pessoas envolvidas, os professores que não são da área de ensino e/ou educação poderiam se envolver mais com as ações de ENF. Afinal extensão não é apenas para educadores químicos, mas para químicos orgânicos, inorgânicos, físico-químicos, analíticos enfim para todos os professores atuantes na instituição. Se todos os professores do departamento se comprometessem a ajudar com a orientação de duas atividades, os professores responsáveis pelos projetos de extensão se sentiram mais valorizados. Tudo isso contribuiria para minimizar: a desvalorização da extensão e a valorização da superprodução.

Os professores da Educação Básica também poderiam contribuir para com o campo da ENF, estes poderiam firmar parcerias com as ações de ENF, possibilitando assim uma maior aproximação entre a ENF e a Educação Formal. Já os educadores das Instituições de Ensino Superior do Estado de Sergipe também poderiam contribuir para consolidação do campo da ENF buscando conhecer melhor algumas características inerentes a este campo de atuação. Afinal como é perceptível nos resultados apresentados anteriormente há um problema de conceituação os colaboradores em geral conhecem as ações que são desenvolvidas, mas na maioria das vezes não sabem conceituar ou mesmo não reconhecem tais ações como pertencentes ao campo da ENF.

CAPÍTULO V

5 – Considerações Finais



5 – Considerações Finais

A análise das transcrições das entrevistas realizadas revela que a hipótese formulada está em grande parte confirmada. De fato, agora tem-se em mãos informações acerca das ações no campo da ENF voltada para o Ensino de Química no estado de Sergipe, possibilitando assim uma divulgação mais efetiva, não só perante os estudantes dos vários níveis, mas também à sociedade do Estado.

As ações no campo da ENF têm muito a contribuir para o ensino formal e para a comunidade. As ações despertam o interesse pela busca de novos conhecimentos e muitas vezes despertam o gosto pelas ciências, em especial pela Química, pois este é um campo que tem flexibilidade de uso da relação espaço-temporal e procedimento metodológico. A ENF apresenta ações com foco no cotidiano, que podem ser manipuladas pelos visitantes, facilitando as atividades não formais. Assim é importante uma política de valorização das ações neste campo de atuação e maiores investimentos.

As ações identificadas como pertencentes ao campo da ENF e voltadas para o Ensino de Química no estado de Sergipe, na sua maioria tem como público alvo os estudantes dos vários níveis (ensino superior, médio e fundamental). Poucas são as atividades que promovem a interação com o público da comunidade que não fazem parte do sistema formal de ensino.

Nas instituições pesquisadas duas não promovem nenhum tipo de atividade no campo da ENF, sendo que a maioria das atividades identificadas são desenvolvidas por uma única instituição. Portanto, é necessário e urgente uma reavaliação por parte dessas instituições sobre o campo da ENF.

Depreende-se também de tudo que foi apresentado, que falta um maior conhecimento teórico do campo da ENF, entre os entrevistados, isso foi verificado pela dificuldade na conceitualização do termo e das ações de ENF.

As principais dificuldades para o desenvolvimento de ações no campo da ENF no estado de Sergipe são a falta de valorização, falta de financiamento e interesse dos profissionais da área.

O campo da ENF é evidenciado pela liberdade de desenvolver ações que vão além dos muros dos quadros do sistema formal de ensino, por adequar a linguagem bem como os

procedimentos ao público alvo e aos objetivos que se tem em cada ação, o que possibilita uma experiência única em cada ação no campo da ENF.

Valorizar a ENF perpassa pela inserção nos currículos dos cursos de licenciatura em ciências, de temas relacionados a essa área. Desta maneira haverá profissionais mais qualificados para atuarem em diversos ambientes, e assim promover a efetiva aprendizagem.

As iniciativas no campo da ENF no Ensino de Química no estado de Sergipe encontram-se pode-se dizer restritas a uma única instituição, constituídas basicamente de projetos propostos por professores da área de ensino/educação das Instituições de Ensino Superior do estado, com financiamento predominante da Fapitec. É necessário melhor valorizar as ações no campo da ENF no Ensino de Química para que tais ações tornem-se mais efetivas e que possa valorizar os profissionais envolvidos e ampliar a discussão sobre o financiamento dessas ações.

Através dessa reflexão espera-se que ocorra uma maior consolidação destas ações de ensino não formal no estado de Sergipe, despertando maiores reflexões sobre o Ensino de Química e o campo da ENF.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, A. J.; Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objetivo ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J. e STOER, S. R. (org.); **A Sociologia na Escola professores, educação e desenvolvimento**. Porto: Ed. Afrontamento. 1992, Vol. 6 (Coleção Biblioteca das ciências do homem: Ciências da educação)), p. 81-96.

ARAGÃO, E. M.; BARROS, M. E. B.; OLIVEIRA, S. P. Falando de Metodologia de Pesquisa. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 5, n.2, 2º semestre de 2005.

BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. Educação não-formal. **Cienc. Cult.** [online]. São Paulo, vol.57, n.4, pp. 20-20, 2005. Disponível em: < <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a13v57n4.pdf>> último acesso em 16/07/2013.

BRASIL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: MEC, 2007. p. 76.

CARNICEL, A. B. **O Jornal Comunitário como estratégia de Educação Não-formal**; 2005; p.373; Tese de doutorado- Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação; Campinas, SP; Dezembro de 2005.

COLLEY, H.; HODKINSON, P.; MALCOLM, J. “Non-formal learning: mapping the conceptual terrain”. A consultation report; **Leeds: University of Leeds Lifelong Learning Institute**; 2002. Disponível no endereço: http://www.infed.org/archives/e-texts/colley_informal_learning.htm; último acesso em 16/07/2013.

COOMBS, P. H. **A crise mundial da educação uma análise de sistemas**. 2ª Ed. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1986, p.323.

COOMBS, P. H.; AHMED, M. **La lucha contra la pobreza rural el aporte de la educación no formal**. Madrid: Editorial Tecnos, 1975. 371p.

EIRAS, W. C. S. **Investigando as atividades demonstrativas no ensino de física**; IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – Bauru – OS, 2003. Disponível em: < <http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Orais/ORAL093.pdf>> Último acesso em 07/11/2013.

FELICETTI, S. A.; OLIVEIRA, D. G. de; VOLTOLINI, C. H.; SANTOS, J. M. T. dos; **Atividades demonstrativas e interativas como apoio a licenciatura em ciências e a educação básica**; II Congresso Internacional de Educação Científica e Tecnológica – Santo Ângelo – 2012> disponível em: [,http://www.santoangelo.uri.br/ciecitec/anaisciecitec/2012/resumos/REL_EXP_PLENARIA/pla_exp3.pdf](http://www.santoangelo.uri.br/ciecitec/anaisciecitec/2012/resumos/REL_EXP_PLENARIA/pla_exp3.pdf)>, ultimo acesso em 07/11/2013.

FERNANDES, R. S.; GARCIA, V. A. Educação não-formal: campo de/em formação. **RPD – Revista Profissão Docente**, Uberaba, v.5, nº 13, p. 14-28, jan./set. 2006.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8ª ed.- Curitiba: Positivo, 2010.

GADOTTI, M.; **A questão da educação formal/não-formal**. Institut International Des Droits de L'enfant (ide); Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005.

GARCIA, V. A. A educação não-formal no âmbito do poder público: avanços e limites. In: Olga Rodrigues de Moraes von Simson; Margareth Brandini Park; Renata Sieiro Fernandes. (Org.). **Educação não-formal: cenários da criação**. 1ªed.Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, v. 01, p. 147-165.

_____. Educação não formal do histórico ao trabalho local. In: Park, Margareth Brandini (org). **Formação de educadores: memória, patrimônio e meio-ambiente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, p. 123-145.

_____. **Conjecturas conceituais sobre educação não-formal**. In: Seminário nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil, 2005, Cascavel - PR. Anais do II Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel - PR: Unioeste, 2005. p. 1-13.

_____. O Papel da Questão Social e da Educação Não-Formal nas Discussões e Ações Educacionais. **Revista de Ciências da Educação – UNISAL**, São Paulo. Ano X, nº 18, p. 65-97, 2008.

_____. **A educação não-formal como acontecimento**. 2009. p. 468. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas / Faculdade de Educação. Campinas, 2009.

GASPAR, A. A educação formal e a educação informal em ciências. In: Masssarani, L., Moreira, I. de C., Brito, F. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. 1.ed. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia/UFRJ, 2002.

GOHN, M. da G.; Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan./mar. 2006.

_____. Educação não formal e o educador social. **Revista de Ciências da Educação – UNISAL**, São Paulo. Ano X, nº 18, p. 121-140, 2008.

_____; A- **Movimentos sociais e educação**; 7ª Ed.; São Paulo, Cortez, 2009a; Coleção Questões da Nossa Época; v. 5.

_____; B- Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação** | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009b.

_____; **Educação não formal e o educador social atuação no desenvolvimento de projetos sociais**; São Paulo, Cortez, 2010; Coleção Questões da Nossa Época; v. 1.

_____; **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**; 5ª Ed.; São Paulo, Cortez, 2011; Coleção Questões da Nossa Época; v. 26.

YIN, R. K. **Estudo de Caso Planejamentos e Métodos**. 4ª Ed. - Porto Alegre: Bookman, 2010, p. 248.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para que?** 12ª Ed.- São Paulo: Cortez, 2010, p. 208.

LIMA, P. G.; DIAS, I. de C. G. Educação não-formal: um intertexto sobre sua caracterização. **Revista de Ciências da Educação – UNISAL**, São Paulo. Ano X, nº 18, p. 147-173, 2008.

LOPES, D. A.; OLIVEIRA, L. S. de. Movimentos sociais e a ambiguidade do conceito de educação não formal. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.º 53/4, p. 1-9; Agosto de 2010.

MARANDINO, M.; Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências; **Revista Brasileira de Educação**, Maio-Ago, nº26, 2004.

_____; A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12 (suplemento), p. 161-181, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4ª ed.; São Paulo: Atlas, 1999, p. 260.

MIRANDA, S. **Metodologia Científica: Os Caminhos da Saber**. 2007. Disponível em: <<http://blog.fimes.edu.br/gildomar/files/2011/08/7299971-Pesquisa-e-Metodo.pdf>>. Acessado em 09/07/2013.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C.; análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MOREIRA, M. A. **Pesquisa em Ensino: o vê epistemológico de Gowin**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária LTDA, 1990, p.94.

PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (org.). **Educação Não-formal Contextos, percursos e sujeitos**. Campinas – SP: Unicamp/CMU; Ed. Setembro, 2005.

PASTOR HOMS, M. I. a - Lanecesidad de planificación y evaluación educativas en la educación no formal. Algunas propuestas; **Educació i Cultura**: revista mallorquina de Pedagogia, Ilhas Balears-Espanha; n.º 14, p. 87-99. 2001. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/EducacioCultura/article/view/75853/96448>> último acesso em 16/07/2013.

_____. b- Orígenes y evolución del concepto de educación no formal. **Revista Espanhola de Pedagogia**; Ano LIX, n.º220, p. 525-544, 2001. Disponível em: <<http://revistadepedagogia.org/20070604178/vol.-lix-2001/n%C2%BA-220-septiembre-diciembre-2001/origenes-y-evolucion-del-concepto-de-educacion-no-formal.html>> último acesso em 23/07/2013.

PINTO, V. M. M.; **Módulos Interactivos de Química em Centros e museus de Ciências**. 2007. p. 154; Dissertação – Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Portugal, 2007.

PRETI, Dino (org.), **O discurso oral culto**. 2ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH / USP, 1999. 224p. (Projetos Paralelos, V.2)

PRÍNCEPE, L. M.; DIAMANTE, J. Desmistificando a educação não-formal; **Revista Acadêmica Eletrônica Sumaré**, São Paulo, 6ª Ed., 2º semestre 2011. Disponível em: < http://www.sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/06/raesed06_artigo01.pdf> Último acesso em 16/07/2013.

SIMSON, O. R. M. von; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; Educação não-formal: um conceito em movimento. In: **Visões singulares, conversas plurais/** textos de SIMSON, O. R. de M. von et al; São Paulo: Itáu Cultural (Rumos Educação Cultura e Arte, 3); 2007.

SOUZA, C. R. T.; **A educação não-formal e a escola aberta**; Anais do VIII Congresso Nacional de educação – EDUCERE; III Congresso Ibero-Americano sobre violências nas escolas – CIAVE; 2008. Formação de professores; disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/444_356.pdf; ultimo aceso em 20/06/2013.

TRILLA, J. B.; Animación Sociocultural, Educación y Educación no Formal; **Educar**. Barcelona, nº 13; p. 17-41; 1988. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/2445/22324>> Último acesso em 16/07/2013.

_____; A educación non formal e a cidade educadora. dúas perspectivas (unha analítica e outra globalizadora) do universo da educación. **Revista Galega do Ensino**; Especial: A educación no século XX- Núm. 24; p.199-221, Setembro 1999.

_____; La Educación No Formal y La Ciudad Educadora. In: Casanova, H. e Lozano, C. (Eds). **Educación, universidad y sociedad: El vínculo crítico**. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, 2004; p. 18-44.

_____. **La educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social**. Barcelona: 1ª edição em Ariel Educación: enero de 2003. 3ª impressão 2011.

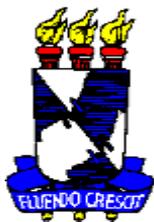
TRILLA, J.; GHANEM. E.; ARANTES, V. A. (org.) **Educação Formal e Não formal: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008, p.168 – (Coleção pontos e contrapontos).

VIEIRA, V.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. **Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências**. Cienc. Cult. [online]. 2005, vol.57, n.4, pp. 21-23. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a14v57n4.pdf>> último acesso em 29/07/2013.

APÊNDICE

Apêndice 	Apêndice A - Apresentação da Proposta de Pesquisa
	Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
	Apêndice C - Roteiro de Entrevista / Dirigido ao Diretor ou Representante de Direção das Instituições
	Apêndice D - Roteiro de Entrevista / Dirigido ao Coordenador do Curso de Licenciatura em Química
	Apêndice E - Roteiro de Entrevista / Dirigido aos Professores
	Apêndice F - Transcrição das Entrevistas

Apêndice A - Apresentação da Proposta de Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS
E MATEMÁTICA – NPGEICIMA



Caro Professor

Venho através desta, apresentar-lhe a proposta de pesquisa científica, intitulada: “Identificação das ações de Educação Não Formal em ensino de ciências nas Instituições de Ensino Superior e/ou outras no estado de Sergipe”, dirigida por Paula Fernanda de Carvalho Dantas, sob orientação do Professor Dr. Juvenal Carolino da Silva Filho. Esta pesquisa faz parte dos créditos para obtenção do título de mestre junto ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (NPGEICIMA), da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo deste projeto é identificar as ações de Educação Não Formal no ensino de ciências, com ênfase em Química, promovida por tais instituições de ensino e/ou outras. Os dados obtidos para a pesquisa serão utilizados somente para fins acadêmicos, garantidos o sigilo e a privacidade do conteúdo.

Gratos pela sua participação,

Paula Fernanda de Carvalho Dantas

Responsável pela pesquisa

Prof. Dr. Juvenal Carolino da Silva Filho

Orientador

Apêndice B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Dados de identificação

Título do Projeto: **Identificação das ações de Educação Não Formal em ensino de ciências nas Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe**

Pesquisador Responsável: **Paula Fernanda de Carvalho Dantas**

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: **Universidade Federal de Sergipe - UFS**

Orientador: **Dr. Juvenal Carolino da Silva Filho**

Telefones para contato: **(79) 9954-9918 - (79) 8124-0395**

E-mail: pfquimica@hotmail.com

Nome do participante: _____

Idade: _____ anos R.G. _____ Email: _____

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **“Identificação das ações de Educação Não Formal em ensino de ciências nas Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe”**, de responsabilidade da pesquisadora Paula Fernanda de Carvalho Dantas.

A presente pesquisa tem por objetivo central “Identificar as ações de Educação Não Formal no Ensino de Química, promovidas por Instituições de Ensino Superior no Estado de Sergipe”. Na coleta de dados utilizaremos os seguintes recursos técnicos: entrevistas gravadas em áudio com os professores, coordenadores dos cursos universitários e diretores dos respectivos cursos, observações das ações desenvolvidas.

Para sanar possíveis dúvidas relacionadas com a pesquisa, o participante poderá entrar em contato com a pesquisadora por meio de e-mail ou telefone, descritos acima.

Fiquem cientes que a participação é voluntária, logo estejam esclarecidos que tem total liberdade em desistir da participação da pesquisa quando achar conveniente. Os dados obtidos com a pesquisa serão utilizados somente para fins acadêmicos. Logo garantimos a confidencialidade das informações geradas e privacidade do sujeito da pesquisa.

Eu, _____,
 declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Assinatura do responsável por
 obter o consentimento – TCLE

Apêndice C - Roteiro de Entrevista / Dirigido ao Diretor ou Representante de Direção das Instituições

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?
2. A instituição promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?
3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pela instituição?
4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?
5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o (a) senhor (a) pode citar quais são as ações oferecidas pela instituição (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):
6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Apêndice D - Roteiro de Entrevistas / Dirigido ao Coordenador do Curso de Licenciatura em Química

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?
2. O departamento de Química promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?
3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pelo departamento de Química?
4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?
5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o (a) senhor (a) pode citar quais são as ações oferecidas pelo departamento de Química (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):
6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Apêndice E - Roteiro de Entrevista / Dirigido aos Professores

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?
2. Como o (a) senhor (a) classifica seu grau de interesse por ações campo da Educação Não Formal? Nenhum, pouco, médio, grande, muito grande, explique sua resposta.
3. Para o (a) senhor (a) há alguma semelhança entre a Educação Formal e a Educação Não Formal?
4. O que evidência as ações no campo da Educação Não Formal?
5. O (a) senhor (a) promove ações no campo da Educação Não Formal? Se sim, com que frequência o (a) senhor (a) costuma realizar estas ações considerando os anos de 2012 e 2013? São ações permanentes (projetos) ou casuais (datas e/ou períodos específicos)? A instituição em que trabalha incentiva a realização destas ações? Se sim, quais ações e com frequência. Se não, por quê?
6. O (a) senhor (a) sabe se as agências de fomento, tais como: CNPq, CAPES, FAPITEC, FINEP entre outras, costumam incentivar e/ou financiar ações no campo de Educação Não Formal?
7. Para o (a) senhor (a), qual (is) a (s) principal (is) dificuldade (s) para realização de ações de Educação Não Formal? (Em termos de divulgação, apoio e/ou formas de atrair público para as atividades no campo da Educação Não Formal).
8. Qual o seu grau de envolvimento ao desenvolver as ações no campo da Educação Não Formal: orienta, monitora ou envolve-se de outra forma?
9. Quais os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da ação no campo da Educação Não Formal? (Elas podem ser definidas como descritas abaixo):
 - Interativas (requer a atenção e a manipulação do visitante);
 - Demonstrativas;
 - Dinâmicas;
 - Outros (quais):
10. Para o (a) senhor (a) como se dá o processo de aprendizagem a partir das ações no campo da Educação Não Formal?

- Os conceitos são apresentados de forma simples e clara;
- A interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva ao conceito;
- O conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes.
- Outros:

11. Quais são as pessoas ou profissionais que podem atuar em ações no campo da Educação Não Formal?
12. Qual a contribuição que o (a) senhor (a) atribui às ações no campo da Educação Não Formal para o ensino de Ciências (Química, Física, Biologia e/ou Matemática) na educação básica? Justifique.
13. Quais são os espaços mais apropriados para se desenvolver ações no campo da Educação Não Formal?
14. Sua instituição recebe incentivos para o financiamento das ações no campo da Educação Não Formal ou para um espaço permanente das mesmas?
15. Como explicar/justificar afirmações do tipo: “a Educação Formal é mais importante que a Educação Não Formal” ou mesmo que “a Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal”?
16. O que o (a) senhor (a) sugere para melhorar (dinamizar) a relação escola-espaços/ações no campo da Educação Não Formal?

Apêndice F - Transcrições das Entrevistas

Apêndice F (I) – Transcrição da entrevista do Representante de Direção da Instituição 1 / Colaborador I

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

Bom à Educação Não Formal é: eu considero a educação não sistematizada dentro do sistema educacional, a educação que vem da escola... do:: que vem de casa, do convívio com as pessoas dos bons costumes dos bons hábitos.

2. A instituição promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

É aqui na Instituição 1, todos os cursos promovem esse tipo de educação por meio de ações voltadas basicamente para extensão, voltadas a projetos de extensão. Então a área de ciências e matemática, na área de letras e pedagógica. Todos os cursos que fazem parte da instituição.

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pela instituição?

Esses ventos e essas ações que acontecem ela tanto atinge a pou:: um público interno da instituição os alunos e professores como também os professores da rede pública e o: os alunos da rede estadual e municipal de ensino.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

Formalmente não tenho conhecimento de avaliação por formulário, mas se ver discussões sobre os resultados alcançados e o que de fato, se os objetivos foram cumpridos ou não. É isso aí acho que cada departamento faz essa análise. E a:: é bem interessante que seja passado depois para coordenação do curso pra gente pode ter uma visão geral das ações que ocorrem aqui na instituição.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o (a) senhor (a) pode citar quais são as ações oferecidas pela instituição (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Seriam: exposição temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, formação continuada para professores, oficinas, monitoria na visita. É que tem vários projetos né como o Busão da ciência que é itinerante e que pode entrar, por exemplo, como interativo, então acho que em relação ao que eu citei temos tudo aqui.

6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Os profissionais envolvidos são os professores, técnicos e alunos da Instituição 1 e em relação às ações nós temos várias principalmente no Ensino de Química. Nós temos o ENESQUIM, que é promovido pelo departamento de Química, tem a OCMEA que é um evento oferecido pelos departamentos de matemática, biologia, Química e física né? Tem as Olimpíadas de Química que atinge os alunos do ensino fundamental, do ensino médio de Química. Tem a realização do PIBID de Química que age diretamente nas escolas da educação básica. Tem o projeto do Busão de Ciência que é um projeto itinerante de levar à ciência a população mais carente tanto na, como vai ter agora a ciência na feira né? Que é um dos projetos também implantado dentro do projeto do Busão. Temos também a Semana da Graduação que tem exposição de todos os cursos da universidade com o intuito de despertar para o público de fora o interesse em fazer esses cursos aqui na instituição. A Semana de Extensão que é uma semana onde você tem um, você pode divulgar os projetos de extensão e as ações desenvolvidas na universidade e tem também o Seminário de Educação e Contemporaneidade o Educon que ocorre em outra Instituição, mas também com atividades aqui na Instituição 1.

**Apêndice F (II) – Transcrição da Entrevista do Representante de Direção da Instituição 2 /
Colaborador II**

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

Muito bem. Sinceramente eu desconheço um conceito formal pra a Educação Não Formal. Imagino que sejam todos os métodos de educação que estejam fora do que digamos é o padrão do que se ensina nos cursos de pedagogia, mas é uma intuição apenas.

2. A instituição promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

Outra vez vamos recorrer ao trocadilho, formalmente não. Eu acredito que vários dos meus colegas devem fazer tentativas em sala de aula é, em disciplinas práticas e tentativa no sentido de trazer pros seus alunos mais informações através de métodos que não são oficiais. Porém justamente por isso por ser não formal em sua natureza tudo isso é feito de forma informal né? Então nós temos algumas tentativas que eu conheço de coletas de departamento, onde a gente, por exemplo, não é na área de licenciatura, mas eu sou de outro departamento e em uma certa disciplina a gente tenta as vezes que os nossos alunos façam projetos que efetivamente sejam funcionais obviamente eles não tem o conhecimento pra isso e obviamente a gente tenta, o colega que dá essa disciplina ele tenta ensinar isso pra eles de uma forma intuitiva sem os métodos e os recursos formais que normalmente são necessários para que eles possam aprender que... Então é uma tentativa um exemplo isolado, mas que pelo que eu escuto os colegas falando, imagino que aja um esforço nesse sentido, mas não registrado, não documentado.

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pela instituição?

Eu imagino que na grande maioria das vezes são os próprios alunos da instituição. Os alunos de graduação da instituição. É exceção a isso devem ser os projetos envolvendo PIBIC JÚNIOR, que eu imagino que na sua grande maioria os orientadores devem recorrer a algum tipo de, de ensino não formal porque, os conteúdos trabalhados aqui pelo menos nas áreas de exatas, não são na sua grande maioria de conhecimento dos alunos do ensino médio que é o público alvo do PIBIC JÚNIOR então assim como os alunos de introdução a engenharia elétrica que tão acabando de entrar e fazem projetos que eles não têm formação pra isso. Eu

imagino que esses projetos de PIBIC JÚNIOR eu particularmente eu nunca tive orientados nesse sentido, mas se os tivesse eu fatalmente teria que recorrer a algum tipo de forma de ensino não formal para que eles pudessem fazer algo de útil, com o conhecimento que eles têm no atual nível de ensino que eles estão.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

Eu acredito que não. Se existir alguma coisa desse tipo quem poderia lhes dizer seria os chefes de departamento caso eles façam uma prática que apesar de ser interessante, ela não é formalmente recomendada também, mas ela bastante interessante o meu departamento fez durante algum tempo isso se perdeu já não fazemos mais que é ao termino do semestre fazer uma avaliação do que ocorreu no transcurso do semestre que acabou, então quando esse tipo de coisa é feito normalmente os docentes que recorreram a algum tipo de método não formal para tentar melhorar a capacidade de aprendizado dos alunos, eles reportam isso nessas reuniões, eventualmente são registradas em ata ou não. Não posso lhe garantir então essa seria a chance. Ou então se forem no caso de projetos mesmo como esses projetos PIBIC JÚNIOR que eventualmente na elaboração de relatório final ou até mesmo no próprio projeto que os docentes submete talvez estes métodos estejam elencados fora isso acho muito difícil que tenha uma outra fonte exceto eventualmente alguma página pessoal do docente onde ele expresse isso.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o senhor pode citar quais são as ações oferecidas pela instituição (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Objetivamente não me recordo. Eu ceei que dentro da, da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia promovida pela Fapitec vários departamentos da instituição abrem seus laboratórios pra visitas de alunos além da professora A do departamento de física ela tem um projeto chamado Cienart onde ela faz um grande esforço nesse sentido. Nós também temos um projeto dentro da linha de popularização da ciência onde a gente utiliza é a minha área de trabalho eu trabalho com a robótica e dentro da robótica existe uma subárea chamada futebol de robôs, então a tentativa no nosso caso especifico é de juntar futebol que é um esporte bem

difundido e muito popular no nosso país afinal dizem que é o país do futebol com a questão de que toda criança quando assiste filme de ficção científica se empolga com os robôs e tal e é uma tentativa de juntar essas duas coisa através do métodos com custo zero já que é por simulação pra tentar ver se a gente desperta nos alunos a curiosidade o interesse por carreiras na área tecnológica. Esse esforço a gente fez esse ano a gente teve o campeonato em 2010 repetiu de novo esse ano em 2013 e vieram mais de setenta alunos para o nosso curso de formação aqui na competição se inscreveram vinte e quatro equipes, doze participaram de fato e nesse sentido a gente tem conseguido algum resultado. É uma forma de mostrar para eles como coisas, aparentemente chata, não em Química, no caso é em matemática como trigonometria, é álgebra essa coisa. Podem ser usadas para coisa divertidas e eles muitas vezes quando finalmente percebe a: é pra isso que isso serve? Então a essas abordagens são interessantes por causa disso, além disso, eu ceei que alguns departamentos aqui têm esses laboratórios principalmente os que trabalham mais com isso como a biologia, o pessoal da medicina onde eles têm alguma coisa exposta de forma continua e, além disso, muitos laboratórios aqui são visitados por alunos das escolas que querem vir, tal, mas não é um processo regular é sistematizado exceto na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia que realmente há um esforço nesse sentido.

6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

É além da professora A, tem os meus colegas nesse caso quem talvez pudesse lhe dar os melhores esclarecimentos que esteve mais a frente, mais de perto organizando foi o professor B do departamento de engenharia elétrica meu colega e deixe me pensar se eu ceei de mais alguém tem uma professora da matemática que tem... Não lembro o nome dela que ela tem um projeto também nessa linha de popularização da ciência. A professora A também ela tem ligação não só com o Cienart, mas eu não ceei se você conhece a CCTECA. Além disso, nosso departamento também em oportunidades anteriores tentamos um projeto junto com o pessoal do Colégio de Aplicação e talvez o Colégio de Aplicação tenha alguma experiência interessante pra partilhar com você.

**Apêndice F (III) – Transcrição da Entrevista do Representante de Direção da Instituição
3 / Colaborador III**

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

Bem é, eu acho que são ações que, ações não digamos assim ações não propedêuticas, ações formais estabelecidas e que a instituição oferece juntamente no caso da instituição com suas coordenadorias, a gente faz ações a nível de: basicamente extensão que também leva né? Ao conhecimento, ou seja, facilita o processo de ensino aprendizagem, acho que é por aí.

2. A instituição promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

Promove, promove aqui nós temos né? Os cursos superiores então à gente têm algumas ações, alguns projetos nessa linha de extensão. Professores envolvidos com os alunos né? Nós temos o micro estagio, visita técnica tanto para o nível técnico quanto para o superior. É: nós também temos projetos de pesquisa que também queira que não queira é:: ajuda muito né? No conhecimento é você sabe que pesquisa é pesquisa né? E pesquisa leva pra extensão que depois essa pesquisa vai servir para atender o público, porque se você faz uma pesquisa e ela fica na prateleira essa pesquisa num tá legal. Então nós temos aqui, quer dizer começamos né de maneira incipiente, mas a coisa tá ganhando corpo né? Porque tudo também depende de recurso financeiro isso é evidente e hoje estamos começando a ter recurso para que a gente aplique nessa linha não formal digamos assim.

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pela instituição?

Olha nos temos tanto o próprio aluno, como bolsista, e também nós temos é: ações que visam o público externo a exemplo de... Aquelas pessoas vulneráveis, vulneráveis em questões socioeconômicas, de bairros periféricos como o coqueiral e já fizemos como Coqueiral ações muito boas e também a Terra Dura.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

Eu não posso lhe afirmar se sim nem não essa pergunta. Porque eu não faço bem parte dessa área então eu posso dizer a você assim eu não tenho a:: não tenho dados né para lhe afirmar

posso dizer que sim e ser não e posso dizer que não e ser sim entendeu? Mas assim o que eu ceei é que essas ações que a gente desenvolve são ações que ao final trazem bons frutos, ou seja, são ações muito boas, são ações exitosas isso eu posso afirmar nós temos conhecimento ao afinal do processo são ações muito exitosas.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o senhor pode citar quais são as ações oferecidas pela instituição (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Posso. É: atividades itinerantes né? Cursos para população né? Essa, pelo menos essa duas ações eu posso afirmar a você com certeza né que eu como professor da instituição a gente termina sabendo acompanhando isso eu posso afirmar com certeza que nós temos esse tipo de ação para essas comunidades, principalmente as comunidades carentes. Nós temos aqui também um outro programa que vai nessa mesma linha um Programa Chamado Mulheres Mil, um programa que começou aqui em Sergipe e hoje é a nível nacional, mas começou em Sergipe é que o MEC, depois abraçou e expandiu para todos os institutos.

6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Tenho. A professora C e D. C ela é uma pessoa muito ligada a essa área se você tiver oportunidade de entrevista-la vai ser muito bom pra você ela é do turismo e está como coordenadora do Promil (Programa Mulheres Mil) ela tem muita experiência nessa área.

Apêndice F (IV) – Transcrição da Entrevista do Representante de Direção Instituição 4 / Colaborador IV

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

A educação não, qualquer tipo de educação ela é importante para o aluno porque desenvolve o potencial de conhecimento a Educação Não Formal pra mim é uma forma do aluno ter acesso à educação sem ter a condição de estar em sala de aula.

2. A instituição promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

Olha a Educação Não Formal, eles trabalham na parte de: principalmente na questão dos materiais alternativos, mas não é uma questão abrangente é os grupos da rede estadual de ensino eles trabalham muito na construção de materiais alternativo que possam ser desenvolvidos em pequenos experimentos principalmente no ensino fundamental.

- É essa a atuação da universidade, na área de Educação Não Formal junto a esses materiais alternativos?

Alternativo e a clientela que não frequenta a sala de aula. Não frequenta a sala de aula e que não tem condições de aprender, mas querem aprender utilizando pequenos recursos, certo?

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pela instituição?

São... A gente trabalha muito com o pessoal da área de expansão, aquelas escolas da zona de expansão: Nossa senhora do Socorro, e os municípios como Glória, ai tem Glória, tem Lagarto, Estância, mas eu queria lhe registrar não é uma questão abrangente, que seja consolidada. São pontuais.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

Não se realiza relatórios. Só a elaboração de relatórios pra que a gente possa diagnosticar as necessidades e investir na questão do aprimoramento. Só isso. Até porque não é uma questão de deixe eu, colocar um termo, não é uma questão que a gente tenha um público já definido

pra instituição entendeu? Você tá falando aqui de uma forma de educação pra uma forma geral, eu too lhe respondendo no âmbito do que eu conheço da instituição.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o senhor pode citar quais são as ações oferecidas pela instituição (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Olha: normalmente, elas fazem visitas, visitas de campo, tem a questão também que eu conheço que é a questão de exposições principalmente na parte de alfabetização, é visita a campo e fóruns, só isso.

6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Seria o pessoal da educação. O pessoal que trabalha com as práticas pedagógicas.

**Apêndice F (V) – Transcrição da Entrevista do Coordenador do curso de Química
Licenciatura da Instituição 1 / Colaborador V**

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

Até então eu não sabia é esse conceito num é? Mas eu entendo que seja algo, que seja... Que seja fora das:: paredes da sala de aula né? Ou seja, não é aquele contato direto professor aluno toda aquela metodologia, acho que é uma coisa que seja feito fora, por exemplo, projeto de extensão, por exemplo, né? Trabalhar com o teatro da Química, trabalhar com oficinas seria pra mim depois que eu conversei com você porque até então eu não entendia dessa maneira assim eu acho, você entendeu?

Até então eu não entendia dessa maneira. E o senhor entendia como?

Eu não sabia o nome Educação Não Formal eu ia direto na etimologia da palavra o que é que é não formal é uma coisa que não é... Assim como pode dizer não formal é aquela coisa que aquela coisa que é informal que você não tem a obrigação da falar certinho usar uma metodologia certa ou coisa assim né? Mas aí pelo que a gente viu o que eu vi depois eu entendo que seja algo assim que seja meio que saindo das fronteiras da sala de aula né? Sair daquela metodologia professor-aluno, aluno-professor, que são coisas feitas fora num é eu acho que eu entendi isso.

2. O departamento promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

Bem, eu vou ser bem específico no departamento ao qual eu coordeno né? O curso que eu coordeno que é o de Química né? No curso de Química, Licenciatura em Química da Instituição 1 alguma das ações que nós podemos citar são: Busão da Ciência né? Que é um projeto desenvolvido e foi elaborado pelo professor K e vários outros professores da área de Química, física, biologia em que leva é... A ciência. É uma ciência itinerante né? Que leva essa ciência pra povoados, pra regiões mais distantes daqui. Outro exemplo também que eu posso dar de ação é... O da Show da Química né? O do Show da Química é uma maneira de mostrar com um pouco de cor a estudante e ao público de forma geral os conceitos da Química de maneira mais é... Mais acessível, com dramatizações, exemplos, shows pirotécnicos, cores essa coisas. Então assim essas são ações que eu me lembro pelo menos no meu departamento são essas, certo?

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pelo departamento de Química?

Geralmente são estudantes né. É:: só que esses estudantes variam de faixa etária e de formação também tem aluno do ensino médio, ensino básico né? Então de modo são estudantes. Estudantes de escolas públicas geralmente é na maioria das vezes o público alvo são alunos de escolas públicas e contempla várias faixas etárias e várias séries.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

Olha essa é uma boa, uma boa pergunta. Bem deve ter sim, mas nos órgãos de fomento que financiam essas ações né? Por exemplo, o Busão da Ciência que é o CNPq junto com a Fapitec faz esse apoio, provavelmente deve pedi um relatório né? Agora o que é interessante é que isso, por exemplo, não é discutido no departamento seria interessante ter esses números, ter essa, esse quantitativo né? Mas a princípio não e discutido no âmbito do departamento não, mas existe uma avaliação essa avaliação provavelmente são os órgãos de fomento que financiam essas atividades.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o senhor pode citar quais são as ações oferecidas pelo departamento de Química (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Tudo isso ai são ações de educação não formais? Bem exposição permanente eu creio que sim, exposições temporárias também sim. Só que aqui eu já vou parti não só para o departamento e sim para instituição nas coisas que eu vejo: exposição permanente, temporárias, atividades itinerantes sim, é o exemplo do Busão da Ciência é que sai daqui da instituição... Formação continuada de professores existe algumas ações, oficinas um exemplo aqui é a OCMEA pega dois dias aqui da instituição que traz alunos das escolas né? Pra cá, para os alunos da aqui da Química e de outros cursos apresentam oficinas de vários temas relacionados né? Ao que eles estudam. Módulos interativos, creio que sim, monitoria na visita os alunos responsáveis pelas apresentações.

6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

No departamento hoje quem trabalha muito com isso são os professores envolvidos no caso na extensão. Quem tá mais envolvido nisso são os professores de ensino. A gente, os professores dão um apoio, mas quem encabeça essas atividades são os professores da área de Ensino de Química né? Vou dar um exemplo pra você o Busão da Ciência o professor K, por exemplo, o Show da Química hoje o professor 1 e a OCMEA, que eu acho que são os três grades exemplos do departamento são os três professores de ensino que encabeçam isso agora existem um apoio do departamento né os professores ajudam dentro das suas possibilidades por que, é:: são características dos professores nós temos professores que trabalham muito nessa parte de extensão e outros trabalham mais na pesquisa científica cada um se identifica mais com uma área, esse tipo de ação são os professores da área de ensino mesmo.

**Apêndice F (VI) – Transcrição da Entrevista do Coordenador do Curso de Química
Licenciatura da Instituição 2 / Colaborador VI**

Coordenador 1

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

Bom... Seriam formas de levar não só a: o ensino, mas também a pesquisa a ciência né para os leigos ou as pessoas que não estão diretamente ligadas à instituição ou algum centro educacional né? Específico.

2. O departamento de Química promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

Nos últimos anos a gente vem tentando é: aproximar mais a universidade do:: ensino médio e também da:: comunidade de uma forma geral. As iniciativas são poucas porque como é o início do processo a gente vem tentando desenvolver ações que realmente surtam efeito. No último ano em 2012 a gente realizou a quarta edição do quarto Encontro Sergipano de Química, né? No qual a gente conseguiu trazer pra universidade né? Aproximadamente trezentos alunos do ensino médio a gente teve todo um dia de oficinas temáticas envolvendo alunos e professores do próprio departamento né? E a princípio foi um início de: dentro desse processo de Educação Não Formal bastante interessante a gente tem professores bastante ativos dentro dessa área o professor 3 a professora 4 é: e eles vem desenvolvendo ações nessa linha específica principalmente o professor 3 que recente aprovou um projeto junto a CAPES de educação itinerante e eu acredito que ele vai ter bastante sucesso dentro dessa linha de trabalho.

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pelo departamento de Química?

É como eu informei nesse início de processo a gente tá focando mais no: nos alunos do ensino médio já que serram os nossos alunos futuros, a gente vem tentando disseminar né? Não só a educação e a ciência, mas também o gosto pela Química dentre desses alunos no futuro a gente pensa em desenvolver atividades mais pro público leigo através de exposições itinerantes, é eventos, workshops em shopping, alguma coisa nesse sentido.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

Não. Nesse primeiro momento a gente vem é tentando implementar o processo como tá muito recente a gente ainda não teve esse tipo de preocupação, mas acredito que essa vai ser uma, uma ação esperada assim que o processo se firmar, mais fortemente.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o senhor pode citar quais são as ações oferecidas pelo departamento de Química (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Pois é: como eu acredito a nossa primeira ação deva ter acontecido em 2012 como o ENSEQ, o quarto ENSEQ quando a gente fez é: essa inserção do público do ensino médio dentro da universidade até então os três eventos anteriores não tinha esse tipo de interação com a chegada do professor 3 ao departamento a gente ganhou bastante nesse tipo de trabalho é:: e pelo que eu fui informado recentemente ele aprovou e tá sendo apoiado pelo departamento para desenvolver um projeto de educação itinerante através de visitas da capital ao interior.

6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

No primeiro momento basicamente a chefia do departamento que atua como coordenador de curso à frente agora o professor E está à frente do departamento deve continuar com as ações mais os professores do nosso corpo docente que encontram-se mais ativos na área são os professores da área educação, basicamente o professor 3, a professora 4 e agora ingressando um pouco mais a professora F e a professora G.

**Apêndice F (VII) – Transcrição da Entrevista do Coordenador do curso de Química
Licenciatura da Instituição 2 / Colaborador VII
Coordenador 2**

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

A Educação Não Formal é aquela que ocorre num espaço diferente da escola normalmente, e como eu já disse lá na outra pode ocorrer também no espaço da escola, mas que não tem... Pra mim Educação Não Formal não segue um rigor pré-estabelecido na Educação Formal isso é bom pra mim é ótimo. Porque eu acho que um dos empecilhos da:: das nossas mazelas na Educação Formal é essa coisa presa, amarrada, em estrutura pré-estabelecida. A legislação diz que a gente tem flexibilidade, mas se a gente é propor um projeto onde não se estabeleça o que se vai ensinar e como se vai ensinar e como se vai avaliar isso não é aprovado.

2. O departamento de Química promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

Olha é:... Eu acredito que essa Educação Não Formal eu só posso falar mais pela área da educação em Química entendeu? Essa Educação Não Formal está dentro dos projetos que os professores da área de Ensino de Química promove, por exemplo, a gente tem um projeto agora coordenado pelo professor 4 que é a Química Itinerante. Então eu acho que a Química ela promove agora isso não significa que as outras áreas do conhecimento não vá promover essa Educação Não Formal, mas eu não posso afirmar, por exemplo, a gente tem projetos na área de poluição e que não adianta eu promover, os pesquisadores desenvolverem suas pesquisas se não conscientiza a população sobre o que é ou o que causa essa poluição, por exemplo.

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pelo departamento de Química?

Olha como eu já disse a minha área é muito mais de ensino de que Química. São... Está vinculada aos alunos da educação básica e vamos dizer assim, por tabela a população porque a gente tem trabalhado no sentido de que os alunos ao receberem isso eles sejam multiplicadores dos conceitos e dos e das relações que a gente trabalha. Então eles poderão discutir com os seus pais, nas suas casas, aquilo que eles aprenderam, mas eu não posso garantir também que isso aconteça de fato. Pois as minhas pesquisas não são recentes sobre

isto são todas da década de 90 e eu posso afirmar que naquela época se discutia, porque a gente tinha uma continuidade, mais consistente com o mesmo público e aí a gente na fala deles era colocado eu questioneei meu pai ou eu chamei a atenção da minha mãe para esse fato.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

No caso daqui a gente quando envolvem alunos da formação inicial, os alunos de licenciatura sob nossa orientação eles vão aplicar seus projetos e após a gente sempre pergunta quais foram às observações. Qual a sensação que eles tiveram. Onde eles perceberam aquilo que eles colocaram. Qual a reação dos alunos da população, que ele trabalhou recebeu os experimentos.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o senhor pode citar quais são as ações oferecidas pelo departamento de Química (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Nesses anos só a Química Itinerante.

6. Quais são os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Que eu saiba, eu (4) e o 3.

**Apêndice F (VIII) – Transcrição da Entrevista do Coordenador do curso de Química
Licenciatura da Instituição 3 / Colaborador VIII**

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

Bom eu, na verdade nunca havia escutado né? O que seria Educação Não Formal, pelo termo não formal é o que não seja é que esteja no projeto pedagógico do curso, que creio né, que não seja formalizado na verdade então aqui, por exemplo, na Licenciatura em Química da instituição a gente tem a parte das atividades complementares que tá inserida, tipo projetos de extensão, pesquisa, fórum de matriz então eu acho que contemplaria essa Educação Não Formal.

2. O departamento de Química promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

Então, essa Educação Não Formal se for né o que eu penso a gente tem o programa de bolsa de iniciação à docência que é um projeto de extensão que a gente aprovou pela CAPES e aí a gente tem na área de matemática, Química e física, são as três licenciaturas.

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pelo departamento de Química?

São os estudantes da educação básica: estudantes e professores da educação básica.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

Olhe avaliação não, mas a gente é mensalmente a gente faz uma reunião com todos os envolvidos nesse projeto e aí a gente discute assim os pros e contras, o que devemos melhorar, o que deve tá sendo contemplado entendeu? E através desse projeto os alunos também participam de congressos de eventos, é por aí.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o senhor pode citar quais são as ações oferecidas pelo departamento de Química (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Anualmente a gente tem o Simpósio de Licenciatura em Química da instituição e nessa ocasião os alunos apresentam banners, apresentação orais de projetos, que eles desenvolvem ao longo do curso... Deixe eu ver curso pra população, cursos ainda não, a gente não tem curso que complete os alunos e os professores da rede básica, monitoria temos monitoria também alguns alunos fazem essa atividade de monitoria.

6. Quais os profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal?

Aqui em Química são dois professores e 20 bolsistas. Uma sou eu (5) e o outro é o professor H.

**Apêndice F (IX) – Transcrição da Entrevista do Coordenador do Curso de Química
Licenciatura da Instituição 4 / Colaborador IX**

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

A educação não, qualquer tipo de educação ela é importante para o aluno porque desenvolve o potencial de conhecimento a Educação Não Formal pra mim é uma forma do aluno ter acesso à educação sem ter a condição de estar em sala de aula.

2. O departamento de Química promove ações no campo da Educação Não Formal? Em qual ou quais áreas?

No departamento da Química, não é significativa a Educação Não Formal. No departamento da Química ela é invisível.

3. Quem é o público alvo das ações no campo da Educação Não Formal, promovidas pela instituição?

São... A gente trabalha muito com o pessoal da área de expansão, aquelas escolas da zona de expansão: Nossa senhora do Socorro, e os municípios como Glória, ai tem Glória, tem Lagarto, Estância, mas eu queria lhe registrar não é uma questão abrangente, que seja consolidada. São pontuais.

4. É realizado algum tipo de avaliação, com os professores e/ou responsáveis, durante ou após as ações no campo da Educação Não Formal?

Não se realiza relatórios. Só a elaboração de relatórios pra que a gente possa diagnosticar as necessidades e investir na questão do aprimoramento. Só isso. Até porque não é uma questão de deixe eu, colocar um termo, não é uma questão que a gente tenha um público já definido pra instituição entendeu? Você tá falando aqui de uma forma de educação pra uma forma geral, eu too lhe respondendo no âmbito do que eu conheço da instituição.

5. Alguns exemplos de ações no campo da Educação Não Formal são: exposição permanente e/ou temporária, atividades itinerantes, cursos para a população, módulos interativos, monitoria na visita. Com base nestas ações o senhor pode citar quais são as ações oferecidas pela instituição (considerando os anos de 2011, 2012 e 2013):

Olha: normalmente, elas fazem visitas, visitas de campo, tem a questão também que eu conheço que é a questão de exposições principalmente na parte de alfabetização, é visita a campo e fóruns, só isso.

6. Profissionais envolvidos nas ações realizadas no campo da Educação Não Formal: nome e quantidade.

Seria o pessoal da educação. O pessoal que trabalha com as práticas pedagógicas. Na Química né? A professora I é um espetáculo na parte formal. O professor J, pode até dar alguma informação, mas a Educação Não Formal ela é invisível.

Apêndice F (1) – Transcrição da entrevista do Professor 1 _ Instituição 1 / Colaborador**1****1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?**

Educação Não Formal, eu entendo que seja a educação feita fora do:: âmbito institucional, aquela que não é reconhecida pelos, pela parte governamental aquilo que não é mantido pela, pelos governos seja na esfera municipal, estadual ou federal a educação feita pelo povo, pro povo.

2. Como o (a) senhor (a) classifica seu grau de interesse por ações campo da Educação Não Formal? Nenhum, pouco, médio, grande, muito grande, explique sua resposta!

Não digo que é muito grande não eu acho que é razoável eu tenho me dedicado bastante a essa atividade de, de divulgação científica, mas eu ainda careço de muita leitura, de referencial teórico para poder, avançar mais.

3. Para o (a) senhor (a) há alguma semelhança entre a Educação Formal e a Educação Não Formal?

Se há uma semelhança, acho que não infelizmente ou felizmente, transformaram a Educação Formal em algo tão rígido, ruim, que a Educação Não Formal tá sobressaindo, tá se tornando prazerosa a Educação Formal tinha que ser prazerosa e não está sendo a questão da:: Educação Não Formal ela tem um caráter muito lúdico, não só, mas tem um caráter lúdico em determinadas atividades idas ao, a museu e isso é prazeroso né? O que era pra ser o formal né? Bom é isso aí.

4. O que evidência as ações no campo da Educação Não Formal?

Acho que a grande característica da Educação Não Formal é a busca de alternativas pra falar de ciência pra quem não, pra quem não tá no mundo da ciência acho que a grande tentativa de eu encontrar meios pra falar sobre ciência, que acontece na Educação Não Formal eu acho muito interessante, que na Educação Formal isso não tem o mínimo cuidado.

5. O (a) senhor (a) promove ações no campo da Educação Não Formal? Se sim, com que frequência o (a) senhor (a) costuma realizar estas ações considerando os anos de 2012 e 2013? São ações permanentes (projetos) ou casuais (datas e/ou períodos

específicos)? A instituição em que trabalha incentiva a realização destas ações? Se sim, quais ações e com frequência, se não, por quê?

Minha cara eu vou até antes disso, desde de 2001 eu trabalho com alguma coisa voltada para essa Educação Não Formal eu venho de um laboratório na Instituição A em que nós fazíamos uma atividade chamada Laboratório Aberto, essa atividade tem até hoje. Onde nós, onde nós recebíamos alunos da rede pública principalmente pra atividades diversas é a experimentação, e tudo mais com o passar do tempo, depois de um certo tempo eu fui pra Instituição B isso já em 2008. Em 2008 quando eu cheguei tinha um projeto chamado, bem parecido com o que tem aqui na instituição, chamado Caminhão da Ciência o caminhão da ciência eu abracei esse projeto, eu achei uma proposta muito interessante e começamos a desenvolver meia dúzia de experimentos e levar pros incões, do oeste do estado é tive o prazer de conhecer pessoas que eu não imaginava jamais ter ouvido falar em átomos, moléculas também escutei muita gente me falar de várias coisas, saberes populares que eles têm que eu fiquei extasiado, eu acho que isso foi muito importante pra eu continuar nesse projeto. Trabalhei dois anos e meio nesse projeto, conheci muita gente, conheci muito saberes, falei muita, muita Química pra eles, talvez uma Química que nem fosse necessária, mas eu too aqui na instituição e too envolvido com projetos de extensão acho que isso é necessário, eu achoo que a instituição incentiva sim, é tanto que saiu algum dinheiro, pouco mais saiu tem o reitor que tá inclinado a nos ajudar eu acredito que a instituição, eu não ceei se de forma ordenada e correta, mas a instituição tenta e nós professores tentamos aqui acho que a tendência é a gente conseguir efetivar mais visitas e fazer essa divulgação científica ocorrer melhor de uma melhor forma.

6. O (a) senhor (a) sabe se as agências de fomento, tais como: CNPq, CAPES, FAPITEC, FINEP entre outras, costumam incentivar e/ou financiar ações no campo de Educação Não Formal?

Olha eu acho que hoje, sinceramente eu acho que hoje tá tendo até um bom dinheiro pra essas atividades porque como eu te disse se eu estava desde 2001 e eu vi meia dúzia de projetos no país acontecerem, é e hoje eu vejo em 2013 que nós temos caminhões e busões da ciência por esse país eu acho que aumentou bastante né? Essa questão de, na verdade não é que a divulgação eu não vejo que a divulgação científica se fez mostrar pra esse povo, eu acho que esse povo tá olhando pra divulgação científica como uma forma de mostrar alguma, algum feito, alguma coisa, mas eu acho que é uma mera questão política no momento entendeu? Mas que eu acho que a gente deve aproveitar isso daí.

7. Para o (a) senhor (a), qual (is) a (s) principal (is) dificuldade (s) para realização de ações de Educação Não Formal? (Em termos de divulgação, apoio e/ou formas de atrair público para as atividades no campo da Educação Não Formal).

Minha cara pesquisadora, atrair público é o menor, eu acho que não é nem problema atrair público num é problema, qualquer povoado que você for na região, qualquer lugar você vai tem gente pra assistir basta meia dúzia de palavras divulgando o grande problema é:: acho que vou ser até um pouco contraditório a parte governamental tá até dando um certo dinheiro pra esse projetos, mas ainda sim é o dinheiro se tivéssemos, é o dinheiro, porque se tivéssemos bolsas aqui, temos um projeto que não tem bolsa pra aluno, tem de ficar os alunos como voluntários a instituição dá bolsa permanência, bolsa, bolsa entra na instituição, bolsa sai da instituição, bolsa isso, bolsa aquilo, mas pra essas ações até agora não tem tido bolsa. O reitor ele falou alguma coisa de bolsa, mas até agora não saiu há um empenho, mas eu acho que ainda muito na fala, mas não em ações e aí o trabalho não se concretiza muito bem, por uma questão de cadê num tem muita gente pra trabalhar nisso não o número de pessoas ainda é muito reduzido, porque toda vez que nós temos uma atividade de divulgação científica aqui, a gente tem que correr atrás dos alunos que podem ir, e aí há uma rotatividade de aluno, o aluno que foi no primeiro não pode ir no segundo, entendeu? Há uma coisa que é salutar aqui no grupo de professores, pelo menos na Química, muito muito integrado voltado pra esse projeto. Professor hoje, eu tenho uma atividade tal dia o professor tem uma prova marcada, por favor, num ceei que lá, os professores até acabam marcando as datas, então a gente tem um apoio, o apoio institucional via reitoria ou essas partes mais de cima ainda tá tímido, embora tenha as falas, mas o apoio dos professores aqui tem ajudado muito para que essas ações ocorram.

8. Qual o seu grau de envolvimento ao desenvolver as ações no campo da Educação Não Formal: orienta, monitora ou envolve-se de outra forma?

Há eu faço tudo ai, tudo isso ai eu faço.

9. Quais os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da ação no campo da Educação Não Formal? (Elas podem ser definidas como descritas abaixo):

- **Interativas (requer a atenção e a manipulação do visitante);**
- **Demonstrativas;**
- **Dinâmicas;**
- **Outros (quais):**

De todo as: as formas a gente tentar ter as atividades, mas o que, o que a gente acaba fazendo um pouco menos é que o povo, é que a plateia manipule né? Porque, acho que não é questão que eles tenham que manipular, a grande questão da divulgação científica num tá no fato da pessoa do, da plateia manipular tá no fato de quem manipula o material, o equipamento, o experimento manipule de uma forma que seja bem visual, de uma forma que os fenômenos é: sejam observados, mas o principal tá na fala o principal da divulgação científica tá na forma o qual você pega o conhecimento científico elaborado, acadêmico e transforma numa linguagem em que uma pessoa da comunidade possa entender e possa no mínimo surtir, no mínimo ativar a curiosidade dele, e pra isso a interação ela é extremamente importante o experimento, o fenômeno, o que quer que seja aí é um meio num é pra que ocorra a interação entre quem tá ali informando e quem tá recebendo a informação e a transposição disso tem que ser muito bem feita.

10. Para o (a) senhor (a) como se dá o processo de aprendizagem a partir das ações no campo da Educação Não Formal?

- Os conceitos são apresentados de forma simples e clara;
- A interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva ao conceito;
- O conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes.
- Outros:

Olha, é que é complicado falar nisso, eu acho que dificilmente ocorre aprendizagem nesses momentos até porque é divulgação e na divulgação científica dificilmente ocorre aprendizagem, ainda mais quando, quando há um quando se provoca alguns fenômenos que tem conflitos cognitivos que quando você tem um conflito cognitivo você tem que informar, passar o conhecimento pra pessoa que é pra ela se restabelecer desse conflito. Na Educação Não Formal não há tempo pra isso, num tem como você ter um tempo, você vai lá passa uma manhã, uma tarde e às vezes você provoca uma série de situação de fenômenos em que a pessoa leva tempo pra maturar e entender aquilo, ele leva a informação e se ele tiver uma base mínima pra tentar entender essa informação aí gera um conhecimento, aí ele chega um conhecimento, se não fica pela informação a Educação Não Formal não é que ela não passa o conhecimento, a Educação Não Formal ela depende muito da base que a pessoa tem pra receber a informação.

11. Quais são as pessoas ou profissionais que podem atuar em ações no campo da Educação Não Formal?

Principalmente alunos da graduação principalmente porque isso contribui pra formação deles, é acho que o professor da instituição é vital, mas os alunos é o esplendor disso tudo por que não trata de levar simplesmente conhecimento científico pra comunidade, além disso, a formação desses alunos é muito importante porque quando esses alunos participam dessas atividades eles é, eles começam, eu acredito que os alunos começam a entender que o conhecimento científico acadêmico ele não é produzido pra ficar dentro das paredes da universidade e não é? Não é a questão das publicações, dos artigos, publicar artigos em revista não transpassa os portões da universidade, satisfaz ego de acadêmico, mas de fato a ciência não chega ao povo.

12. Qual a contribuição que o (a) senhor (a) atribui às ações no campo da Educação Não Formal para o ensino de Ciências (Química, Física, Biologia e/ou Matemática) na educação básica? Justifique.

Naquela fala de que a pessoa tinha que ter uma base pra que a informação seja processada e que mais adiante se torne um conhecimento, é... Então, diante daquilo que eu falei ela é importante porque eu acredito que ela seria uma, seria ceei lá, seria a energia de ativação digamos assim pra um processo de aprendizagem, sabe? Sem esse cliq, a pessoa não aprende e pro ensino de ciências isso é muito importante num é? O aluno vai pruma feira, prum: prum museu e ver determinadas coisas chega super curioso, por exemplo, tem um museu aqui em Canindé de pinturas, das pinturas minerais, porque elas são classificadas de pinturas minerais, o que faz, quais são os componentes, quer dizer você foi prum museu você obteve uma informação e aí você vem atrás dessa informação, então a Educação Não Formal ela é extremamente importante nesse processo aí. Ela deveria ser um tipo de educação, acho que esse termo não formal não deveria nem existir, seria uma outra forma de educação.

13. Quais são os espaços mais apropriados para se desenvolver ações no campo da Educação Não Formal?

Ferias livre.

14. Sua instituição recebe incentivos para o financiamento das ações no campo da Educação Não Formal ou para um espaço permanente das mesmas?

Recebe, recebe quando você tem alguém que vai atrás, como alguns professores, e aí coloco a frente o nome do professor K, quando alguns vão atrás e mandão um projeto, um projeto bem escrito ele é avaliado e aí esse dinheiro vem, mas é uma ação que sai de dentro pra fora, pra que de fora venha esse dinheiro esse dinheiro não tá vindo de fora gratuitamente, essas ações elas não são ações é: espontâneas de lá. Quer dizer tem muito mérito de quem esta aqui pra ir buscar esse recurso se você analisar de que alguém saiu daqui e foi lá buscar esse recurso e tá trazendo isso e mostrando ciência pro povo há uma, há um incentivo, mas enquanto política não há, entendeu?

_ Entendi se não tiver iniciativa de um professor internamente aqui, esse incentivo também não chega. Se depender apenas das políticas públicas, pra que esse dinheiro, esse auxilio chegue aqui, para depois que chegue aqui, vocês realizem as ações.

_Não. É esse país acha que tá formando, que tem, esse país acha que tá... Na verdade tá formando professores ruins e os bons que formam não tão querendo ir pras instituições, não tão querendo ir pra escolas aí o governo vem com essas ações pra educação pra formar professores, pra formar professores e aí rola projeto dentro dessa instituição é pro docência pra cá, PIBID pra lá, é um cesad, um monte de projeto aí, mas aí isso vem de fora pra dentro da instituição porque é uma necessidade, num é? Talvez as ações completamente equivocadas mas há necessidade de um, num tem professor na sala de aula entendeu, mas a Educação Não Formal não é vista como uma possibilidade pra educação, então não entra.

15. Como explicar/justificar afirmações do tipo: “a Educação Formal é mais importante que a Educação Não Formal” ou mesmo que “a Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal”?

Eu acho que eu falei isso um pouco, é a educação intitulada não formal ela é extremante importante pra que as pessoas, vá buscar conhecimento então elas se integram eu acho que estão em campos distintos num é? A aprendizagem de fato, vamos deixar essa de Educação Formal e não formal, a aprendizagem ela ocorre de fato quando você consegue internalizar as informações e processar essas informações de forma a entender determinadas coisas num é? Há um tempo, tem uma demanda de tempo pra que isso ocorra o que dificilmente ocorre com as ações de, não formais, entendeu? Eu acho que é uma questão de complementariedade, não de formal e não formal a questão formal é porque, se você pensar que formal é mantido aqui nas escolas, institucionais e tudo então museu é institucional, ceei lá é mais de

complementariedade, eu acho que estão em campos distintos, um gera um, um processo de conhecimento, o outro apresenta informações, é basicamente isso.

16. O que o (a) senhor (a) sugere para melhorar (dinamizar) a relação escola- espaços/ações no campo da Educação Não Formal?

Formação, pro professor é aquilo que eu te falei é extremamente importante você ter alunos envolvidos com essas ações aqui é, enquanto a gente estiver formando professor, vou tomar uma pronuncia errônea que eu vou falar agora, isso não existe no ponto de vista da língua portuguesa, mas existe do ponto de vista da escola, enquanto você tiver professor dador de aula, meramente mecânica, o professor que dá aula de forma mecânica, formando professores pra dar aulas mecânicas, vai funcionar a Educação Formal ou não formal, não vai adiante então a gente precisa formar professores pra trabalhar com essas atividades, pra conduzir um experimento, pra conduzir esse experimento de uma forma que seja prazerosa, ações com a comunidade, a instituição ela tá aqui pra gerar conhecimento e melhorar a vida das pessoas e a Educação Não Formal ela é um caminho pra isso.

Apêndice F (2) – Transcrição da entrevista do Professor 2 _ Instituição 1 / Colaborador**2****1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?**

Olha a Educação Não Formal ela compreende as ações em que a gente desenvolve fora, fora não pode estar relacionado né? Com os cursos e: formais de educação, mas que são em espaços com propostas não tão exatamente relacionadas, por exemplo, a um curso nós vamos dizer assim que um curso que tem início, meio e fim, por exemplo, um curso de formação pra bacharelado um curso de formação para licenciatura então esses são cursos que a gente denomina de formal né de Educação Formal, como a gente tem também educação básica né Educação Formal em que dão vamos dizer aqueles certificados né de cursos que são concluídos né nesse sentido e a Educação Não Formal são os outros cursos em que a gente tem outras discussões né? Ou discussões também que envolve discussões que são trabalhadas na Educação Formal, mas que não são dentro daquele currículo específico da Educação Formal né colocada como educação básica, educação superior educação infantil né? Que tá na educação básica.

2. Como o (a) senhor (a) classifica seu grau de interesse por ações campo da Educação Não Formal? Nenhum, pouco, médio, grande, muito grande, explique sua resposta.

Muito grande porque desde a minha graduação né quando ou fazia licenciatura eu já trabalhava com Educação Não Formal? E:: tanto: depois também? Sempre trabalhei com Educação Não Formal e meu interesse é grande e eu posso considerar que quando eu trabalhei na Instituição C eu também trabalhava com Educação Não Formal tanto quando fui aluna tanto quando fui professora mais eu destaco mais quando eu fui trabalhar na Instituição D porque lá a gente tinha a própria Instituição tem uma: uma proposta pedagógica de inserção na comunidade então nós consideramos ações mais efetivas na Educação Não Formal a gente trabalhava muito mais com pequenos produtores, muito mais com movimentos sociais também trabalhávamos com questão dos índios, da população ribeirinha então movimento sem terra também então é um foi um momento meio até que de aprendizagem e fortaleceu ainda mais o meu interesse pela Educação Não Formal por esses espaços de aprendizagem.

3. Para o (a) senhor (a) há alguma semelhança entre a Educação Formal e a Educação Não Formal?

Na realidade acho que elas têm uma relação né? Porque relação são espaços de aprendizagem né? E nós não temos toda a população dentro do espaço da Educação Formal então nós temos necessidade de trabalhar a Educação Não Formal né e: ao mesmo tempo também fortalecer a Educação Formal então eu acho que tem uma relação uma com a outra uma de dar conta desse grupo que não tem acesso não está na Educação Formal e outra de fortalecer as ações da educação né formal também então a Educação Não Formal ela tem é: dois objetivos ao meu ver assim ou duas metas a ser atingidas que são os dois públicos né? Os que estão na Educação Formal que necessitam tá complementando fortalecendo né essas ações e até dando acesso a conhecimentos que a Educação Formal não dá muitas vezes e também pra aquele grupo que (não tem acesso à Educação Não Formal é uma forma perdão) não tem acesso à Educação Formal aí é uma chance também de obter conhecimentos.

4. O que evidência as ações no campo da Educação Não Formal?

É a característica pra mim a característica é porque não está dentro do que se denomina Educação Formal né é à característica específica. Agora: elas podem ter muitas características né? Porque a gente dentro pelo menos as pessoas né os profissionais se sentem mais vamos dizer que mais livres né pra:: propor metodologias diferenciadas, escolher públicos diferenciados né trabalhar com temas que muitas vezes pelo próprio... Engessamento né da Educação Formal não possíveis de trabalhar né temas e também populações então isso vai é evidenciando algumas ações que a gente não consegue, não consegue fazer na Educação Formal até pelo fato de ela ter um certo engessamento né e limitação também da Educação Formal.

5. O (a) senhor (a) promove ações no campo da Educação Não Formal? Se sim, com que frequência o (a) senhor (a) costuma realizar estas ações considerando os anos de 2012 e 2013? São ações permanentes (projetos) ou casuais (datas e/ou períodos específicos)? A instituição em que trabalha incentiva a realização destas ações? Se sim, quais ações e com frequência. Se não, por quê?

Bem a primeira pergunta promovo né? Sempre fiz isso né já uma característica até a gente brinca conversa dentro da instituição dentro das Instituições né que tem professores que tem características mais extensionista mais de pesquisador e tal e eu denomino que eu tenho uma característica extensionista e depois pesquisador né porque eu realmente eu tenho: vamos dizer como opção ideológica mesmo de trabalhar com esses espaços com esse tipo de

educação né então aí em relação à frequência é:: boa parte do que eu faço ou melhor dizendo a maior parte do que eu faço tá relacionado né depois do ensino né a Educação Não Formal né e as ações são permanentes né então deste que eu comecei a trabalhar aqui então falando mais da ação em Sergipe em 2006 né no:: mesmo mês eu já propus um projeto né relacionado a extensão que onde dentro da Instituição cabe né a Educação Não Formal e desde então não tenho parado né então a frequência é: sempre e num tem como dizer que é:: assim... E sempre que tenho oportunidade eu estou dentro da escola com palestras né ou a convite pra participar de eventos ou:: por exemplo em algumas organismo não governamentais... Em tudo assim eu sempre estou envolvida nisso tão chamando hoje mesmo eu recebi um telefonema de uma escola que vai fazer uma participação na bienal e já me convidou pra tá participando também pra tá ajudando pra tá vendo como é que a gente pode fazer então é frequente tanto que eu termino por às vezes fica ou... Falo que o meu espaço de trabalho é muito mais fora da Instituição do que na própria Instituição as pessoas até estranham às vezes no início que pouco me vem aqui, mas podem saber que estou trabalhando né que eu não estou aqui, mas estou trabalhando e muito. Em relação à instituição na realidade a gente tem o seguinte dentro da Instituição o que eu percebo que primeiro é: como a gente diz né dentro da Instituição à Educação Não Formal ela está mais relacionada à extensão é primeiro a gente tem uma concepção de não valorização da extensão né? Então até pela própria instituição até incentivar em pontuação de currículo né mesmo nós sabendo que socialmente e até cientificamente é muito relevante à extensão, mas há pouca valorização então do pesquisador que se dedica também a extensão ele perde muito enquanto currículo né? E na própria instituição é:: também não há essa valorização tão grande nós observamos agora uma mudança no parâmetro de pontuação que agora tá se colocando já algumas coisas assim mesmo que pontualmente que já começar a pontuar dar ponto pra algumas coisas no currículo que tá relacionado à extensão pelo menos a gente ver um movimento e um discurso do reitor né de valorizar essas ações também né de que valorizar isso que também é importante né do ponto de vista do discurso né? Na prática a gente tá no caminho porque a gente então começou agora eu considero também que o... A pessoa que nós temos hoje na extensão como pró-reitora é uma pessoa que tem um entendimento e tem uma um compromisso com a extensão então percebo eu acho que:: vai melhorar isso então assim eu acredito né? Espero que melhore tá agora em termos de recursos financeiros a gente não tem tirando a bolsa Pibix né que é só a bolsa a gente não tem nem um recurso financeiro nós não temos mais nada que ajude né que dê suporte pra extensão se realizar então tudo que a gente faz em relação a extensão inicialmente

é do próprio bolso é pedindo no comércio é pedindo ajuda você sabe né? Então assim nós não temos apoio financeiro enquanto instituição tirando a bolsa PIBIX né que é muito valiosa e tudo bem, mas não é suficiente a gente não faz extensão não dá conta de fazer diversos projetos só com o bolsista né até pro bolsista também trabalhar ele precisa ter condições né então dentro da instituição é há muito ainda que se fazer tanto em relação a concepção do que é extensão tanto em relação a importância dela e também de dar condições pra que se desenvolva ações né de extensão como tem em outras instituições que tem isso mais forte tá?

6. O (a) senhor (a) sabe se as agências de fomento, tais como: CNPq, CAPES, FAPITEC, FINEP entre outras, costumam incentivar e/ou financiar ações no campo de Educação Não Formal?

É há uma:: por parte do CNP a CAPES né a Finep tem saído editais né não como tanto quanto a gente gostaria e que dê tanto acesso assim mas tem saído editais que:: visão o que chamam de popularização da ciência né mais voltado a divulgação da ciência né a Fapitec ela tem sido assim bastante importante dentro do estado em relação aos programas de popularização da ciência que se enquadram dentro da Educação Não Formal então eu falo que a Fapitec eu considero que a Fapitec tem uma tem tido uma função muito importante dentro do estado em relação à Educação Não Formal principalmente no campo das ciências naturais né os editais de popularização da ciência, tem os editais também de olimpíadas né? Então a Fapitec tem ajudado muito nisso só que ainda não é suficiente né então a gente tem melhorado, mas não é o suficiente até temos preocupação porque nós soubemos que a Fapitec perdeu uma... Boa quantidade da verba aí né e:: o recurso né que é passado pra Fapitec e nós temos a preocupação que isso né os desdobramentos dessa perda de recurso caia exatamente na questão da Educação Não Formal na questão dos projetos de popularização.

7. Para o (a) senhor (a), qual (is) a (s) principal (is) dificuldade (s) para realização de ações de Educação Não Formal? (Em termos de divulgação, apoio e/ou formas de atrair público para as atividades no campo da Educação Não Formal).

Olha eu acho que a primeira dificuldade é aquilo que eu comentei antes primeiro é a concepção dentro da instituição dentro das instituições do que seja extensão e de valorização desse trabalho tá? Eu acho que o primeiro problema é esse porque muitas vezes a gente se pergunta assim enquanto pesquisador eu estou atrasando meu currículo porque eu estou fazendo extensão né? A gente faz mais por uma questão ideológica mesmo de acreditar de

querer mudança social então a primeira questão é a concepção da importância da extensão né porque a gente termina assim até nessa questão hoje de subir na carreira... A extensão ela não conta muito então a gente dedicar a extensão é mesmo uma questão ideológica a gente não ganha à gente na verdade agende perde status no currículo a gente não ganha a gente perde porque o tempo que você tá organizando as ações de extensão porque envolve muito tempo tem que ser muito cuidadoso com o que vai trabalhar porque você vai tá trabalhando com um outro público então você envolve muito tempo mais sensibilidade mais cuidado então você termina perdendo em termos de currículo né de status de tempo pra produzir arrumar seu currículo melhorar seu currículo né? Então a primeira dificuldade que eu vejo é essa concepção né da extensão e a importância da extensão aí a segunda dificuldade como eu disse antes é a questão do financiamento da extensão eu acho que é o segundo... Essa duas coisas facilitaria muito a questão da divulgação eu não acho muito difícil a questão da divulgação eu pelo menos não enfrento dificuldade todos os trabalhos que:: eu tenho feito em relação a extensão a divulgação não é muito difícil porque a sociedade ela está: esperando ela está ansiosa ela quer ela procura inclusive assim eu tenho direto recebido recados, quando não ligam quando não mandam e-mail cobrando ó quando vai acontecer tal evento, quando vocês vão tá vindo aqui a gente recebe muito convite então em termos de divulgação eu acho que a gente não tem tanta dificuldade porque a sociedade precisa e a sociedade também cobra ela quer isso tem essa abertura tem essa predisposição as ações de Educação Não Formal então não vejo muita dificuldade a não ser a financeira em que a gente né pra melhorar nossa divulgação o paio é isso o apoio financeiro é o que falta né? A questão de atrair público para as atividades no campo da Educação Não Formal eu num ceei eu não vejo dificuldade porque não enfrentei né pelo contrário né muitas das atividades é que a gente tem feito à gente tem que cortar um pouco porque o público é muito grande né então eu falo que várias ações que eu faço, mas tem algumas delas que terminaram se destacando eu falo que cresceu tanto o público cresceu tanto o projeto que hoje num sou eu que coordeno o projeto, o projeto chegou um momento que coordena minha vida profissional então em vários momentos eu tive que reorganizar minha meu planejamento do ano por causa do projeto né porque era muita gente pra atender, aí que aconteceu uma greve que isso então em relação a público eu não vejo dificuldade em conseguir público pelo contrário tá tendo muito público e a gente não da conta em funções de financiamento de por mais gente pra trabalhar essa coisa toda então não vejo dificuldade nesse sentido por mim mesmo é a questão da concepção mesmo de extensão, ou

melhor, da Educação Não Formal da: da importância disso né e do apoio financeiro né a gente precisar ter pra realizar as ações.

8. Qual o seu grau de envolvimento ao desenvolver as ações no campo da Educação Não Formal: orienta, monitora ou envolve-se de outra forma?

Eu acho que me envolvo de toda forma eu desde faço a coordenação geral né do projeto... Monitoro, carrego:: caixas é: vou pedir patrocínio () na mão vou na escola divulgar também junto com os alunos as vezes sozinha dou as entrevistas eu faço tudo acho que quem se envolve na Educação Não Formal e realmente quer então é o que eu digo até pros meninos quando entram olha aqui a gente tem que fazer tudo porque se a gente não fizer tudo não acontece o projeto né? Então desde ser a coordenadora geral a que carrega caixas a que ajuda a lavar o laboratório pra: como foi à primeira vez que aconteceu um dos nossos eventos lavar o laboratório pra poder acontecer né às oficinas, por exemplo, eu faço tudo num tenho... Né a mesma que vai lá pros encontros mais vamos dizer mais elitizados né que discuti isso que vai discuti os próximos eventos ou as próximas datas dos eventos agendados então eu vou eu faço desde o que tá na mais elitizada ou que por alguns consideram a mais elitizada eu acho que é não é nada de mais eu ter que carregar uma caixa eu ter né que se é pra acontecer ali o projeto a gente faz tudo desde limpar pegar a vassoura pegar a criança que tá perdida ali na mão e levar no lugar eu faço tudo meu envolvimento é em todos os níveis eu considero e ajudo outros colegas também que fazem trabalhos de extensão e quando eles pedem ajuda é desde a ajuda de cuidar de uma: sala vip desde: de ser a coordenadora de alguma coisa desde ser aquela que vai ajudar num lanche num tem um num tenho nem nada que eu posso dizer assim num faço é tudo que precisar o que precisar estamos ali.

9. Quais os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da ação no campo da Educação Não Formal? (Elas podem ser definidas como descritas abaixo):

- **Interativas (requer a atenção e a manipulação do visitante);**
- **Demonstrativas;**
- **Dinâmicas;**
- **Outros (quais):**

É eu: particularmente eu não trabalho muito com as demonstrativas tá eu no campo da demonstração não é muito meu campo de interesse eu acho que ele termina sendo restrito eu sou mais na questão de: da interação e da ideologia mesmo né? De ações que realmente você

tenha envolvimento com o público que você interação que você dialogue e de preferência que sejam ações contínuas né que a gente tenha né mesmo que em determinados momentos necessidade de ações pontuais, mas de preferência que a gente tenha ações contínuas e estabelecer um vínculo com o participante eu mim lembro muito que eu trabalhei muito com a questão da educação ambiental também nesse campo da Educação Não Formal e a gente falava assim que: tem que ter o olho no olho né então pra mim à Educação Não Formal ela envolve muito essa interação olho no olho conversar você sentar com a pessoa ter tempo pra isso então por isso termina exigindo um pouco mais por isso que eu falo que a Educação Não Formal pra mim exige mais então eu penso muito nessa questão interativa dialógica de respeito ao outro e muito do contato olho no olho o máximo que puder, é a educação feita pelo povo também do povo e para o povo né bem nesse sentido mesmo né.

10. Para o (a) senhor (a) como se dá o processo de aprendizagem a partir das ações no campo da Educação Não Formal?

- Os conceitos são apresentados de forma simples e clara;
- A interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva ao conceito;
- O conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes.
- Outros:

Eu acho que ele é muito diversificado né? Porque no campo da Educação Não Formal a gente tem muitas ações né que podem ser desenvolvidas então, por exemplo, se você tá trabalhando com a questão da educação ambiental né na perspectiva mesmo de sensibilização então são ações mais... São ações que digamos assim são mais voltadas a trabalhar com percepções com a sensibilização então é uma ação muito diferente de você trabalhar, por exemplo, quando você quer fazer uma oficina, por exemplo, de Química né aí que você vai trabalhar com conhecimentos anteriores que você vai trabalhar também com as relações possíveis entre esses conhecimentos e os conhecimentos científicos pensando em trabalhar o conhecimento é escolar também se você vai trabalhar, por exemplo, com a relação entre cultura, por exemplo, diversidade então aí você já tem uma outra metodologia né? Então é: eu não eu tenho dificuldade em dar uma resposta porque no campo da Educação Não Formal dos projetos de extensão... Eu já trabalhei muito com educação ambiental hoje não too tenho oportunidade porque eu não dou conta de tudo né? Ninguém dá, mas eu trabalho muito com a questão da diversidade né que a educação com as relações étnico raciais se a gente preferir colocar dentro

lá do que diz o MEC né? E também tem essa questão da divulgação científica né então pra cada um você vai ter uma metodologia diferenciada então você vai ter formas de trabalhar e também dependendo o público também que você vai, por exemplo, se eu vou pra praça se eu vou pra feira:: é pra feira então ou mesmo na escola quando a gente chama os pais pra virem então é uma metodologia em que você: vai trabalhar com os conhecimentos também do cotidiano mais de forma que seja o conhecimento também daqueles pais dos pais daqueles alunos em que você vai dialogar com ele né e trazer algumas outras informações não no sentido também eu trabalho muito que o que converso com os meninos eu trabalho muito no sentido de jamais negar o conhecimento: popular o conhecimento tradicional o conhecimento cotidiano mais sim pensar no sentido de ampliação dos conhecimentos né então você já tem seus conhecimentos né as pessoas todas as pessoas tem seus conhecimentos então nós só vamos ampliar esses conhecimentos então hoje nós estamos aqui pra dar mais algumas informações né? Pensando nesse sentido de formação mais ampla do cidadão então são diversas metodologias que a gente pode trabalhar né então eu não conseguiria dizer é essa é aquela porque depende de qual trabalho de extensão que eu estaria fazendo né, do objetivo e do público então é:: aí que eu acho que é o cuidado que a gente tem que ter não adianta, por exemplo, eu ir pra praça eu ir trabalhar com uma... Eu ir trabalhar com a Educação Não Formal pensando em não com os alunos das escolas e, por exemplo, com os pais com a pessoa que tá passando ali e querer trabalhar com formulas com num jeito o que num faz sentido pra eles... Né para que o que: que vai ajudar né então você tem que ter uma metodologia que traga né o dia-a-dia ou o cotidiano que você discuta isso diferente se você vai trabalhar com uma turma, por exemplo, de terceiro ano do ensino médio que eles são também interessados também no conteúdo propriamente dito né aí você já vai pensar num outra metodologia né se você vai trabalhar com os indígenas né, por exemplo, a gente vai fazer um trabalho agora de extensão que já fazemos né trabalhos de extensão, pesquisa e ensino aqui em Sergipe, mas a gente tá procurando agora no mês de outubro né ir pra outra região do país fazer um trabalho desse então os meninos já são se preparando porque é totalmente diferente né? Então nós vamos já pensar qual metodologia será feita né como que vão aí tem estudar sobre o povo sobre como vai ser feito vai que a gente em vez de ir lá fazer um trabalho de educação a gente faça o contrário né a desinformação né então eu acho que tem muito isso é o público que a gente vai trabalhar né qual o objetivo que a gente tem então aí não dá pra classificar cada uma né.

11. Quais são as pessoas ou profissionais que podem atuar em ações no campo da Educação Não Formal?

Aí também eu acho que é uma pergunta complexa eu não ceei se a pergunta é complexa ou eu que sou:: complexa demais né eu penso assim... Todas as pessoas podem atuar no campo da Educação Não Formal eu penso que desde o:: a pessoa que tem formação o graduado o mestrado o doutorado que tem pós-doutorado como também as pessoas que não tem formação vamos dizer instrução escolar mais específica eu digo isso, por exemplo, assim dando um exemplo pra ver se eu ilustro a gente teve uma proposta de um curso uma vez que a gente tinha professores né dando curso acompanhados, por exemplo, do pajé né ou acompanhado de uma pessoa que tinha muito conhecimento popular de plantas medicinais ou que ele pudesse por exemplo um agrônomo acompanhar uma pessoa que era um pequeno produtor né pra dialogar os conhecimentos né fazer aquele diálogo realmente do conhecimento da academia com o conhecimento popular como eu vi isso então eu acho que todo mundo é possível então por exemplo no campo de discutir algumas coisas da saúde da própria questão de:: assim por exemplo a gente pode trabalhar com as parteiras trazer as parteiras é eu too buscando agora me aproximar por exemplo do: das resadeiras me aproximar um pouco do pessoal da umbanda do candomblé porque essas pessoas todas tem coisas a nos ensinar né? Então eu acho que todas podem praticar depende muito do que a coordenação do projeto da concepção que se tem de educação da concepção que o coordenador tem de quem ele pode trazer como é quando eu cheguei aqui a gente teve um::... O primeiro conflito que eu tive conflito no sentido assim de desafio a superar foi o entendimento da instituição de que aluno não podia ministrar curso minicurso oficina então foi o primeiro conflito que eu tive dentro da instituição que eu falei não esse projeto e já tinha acontecido o projeto e todos adoraram, mas na hora do certificado foi né teve essa questão não, mas os alunos não podem receber eu falei como não se eles que ministram a não a gente vai dar vamos dar um:: certificado de monitor eu falei não, num serve porque quem ministrou foram eles o professor só orientou então é a concepção também de quem pode né fazer curso se o aluno foi bem preparado foi orientado ele também ele foi ministrante inclusive agora a gente tá tendo um:: atraso na entrega de uns certificados porque é: pelo Sigaa e lá não previa aluno ministrante né aí com:: essa nova reitoria com essa pessoa que também a professora L que eu acho que é uma pessoa que tem uma concepção interessante de extensão desses espaços né não formais de educação aí propôs essa mudança batalhou lá e a gente tá conseguindo mudar no Sigaa também isso né então eu acho que as pessoas que podem todas as pessoas que estiveram preparadas e as vezes até eu

acho que é mais fácil falar das que não pode, pra mim é mais fácil falar porque a:: nós temos as vezes algumas pessoas que... Não ceei por quais motivos que tem até uma formação um grau de instrução bom, mas que vai fazer uma atividade né relacionada à Educação Não Formal, mas não tem respeito ao conhecimento do outro não tem ao que é popular ao que é tradicional né? Ao que é o conhecimento cotidiano é eu acho que essas pessoas não deviam fazer né é a minha opinião né em relação isso às vezes tem pessoas vamos dizer assim que não tenha a sensibilidade necessária né? Não too dizendo que eu tenha né eu acredito que eu tenho, mas não quer dizer que derrepente eu também não tenha né também tem isso a gente também tem que se questionar, mas a gente consegue perceber que tem algumas pessoas que não tem essa sensibilidade essa escuta sensível esse olhar no olho esse cuidado com o outro que é exigido na Educação Não Formal né então mesmo que seja mais instruído possível né ceei lá seus cinco seis pós doctor lá, mas às vezes não:: não tem vamos dizer as habilidades necessárias pra trabalhar com a Educação Não Formal.

12. Qual a contribuição que o (a) senhor (a) atribui às ações no campo da Educação Não Formal para o ensino de Ciências (Química, Física, Biologia e/ou Matemática) na educação básica? Justifique.

Olha eu acho bastante relevante dependendo do caso eu até acho que tem determinados momentos que a Educação Não Formal possibilita construir conceitos que na Educação Formal não se constrói que como eu falei a:: a Educação Formal ela ainda está muito engessada e principalmente a educação básica né o ensino de ciências né tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio ela tá muito engessada e muito assim comandada pelo livro didático né então é uma coisa assim que pro aluno não é interessante não tem vínculo com o cotidiano então o professor tem que fazer uma ponte muito grande em relação a um espaço e o outro e na Educação Não Formal a gente já tem esse objetivo já vai com essa meta né então as vezes termina contribuindo pra construção de conceitos né ou de relações entre os conhecimentos que estão ali no livro né que o professor as vezes até trabalhou e dia-a-dia dele no cotidiano né então eu acho extremamente relevante a outra contribuição que eu acho é o fato da a gente divulgar a ciência agora eu acho que em relação a uma divulgação científica crítica também eu acho que a gente tem que divulgar a ciência mas divulgar que ela é construída dentro dum contexto sociocultural né histórico produzida por homens portanto tem o seu lado positivo e seu lado negativo né quais os usos que nós fazemos do conhecimento científico como o conhecimento científico contribuiu e contribuí pra discriminação por

exemplo que é algo que tá muito distante das discursões da ciências e que se a gente for ver na história da ciência na história do ser humano né nosso histórico a ciência contribuiu muito pra discriminação e isso a gente não aborda a gente termina não discutindo né então eu penso que é:: a Educação Não Formal tem muito a contribuir em relação a isso eu acho muito importante tá então e há muitas possibilidades.

13. Quais são os espaços mais apropriados para se desenvolver ações no campo da Educação Não Formal?

Aí eu vou eu vou viajar (risos) eu viajo demais nesse sentido eu sou muito sonhadora né e as experiências também as propostas que a gente já fez eu acho que não tem nem hum espaço não seja possível fazer desde a própria instituição a escola a:: uma penitenciária um hospital uma aldeia... Não tem num tem restrição pelo contrario né então assim a gente pode fazer um curso dentro de uma chalana e pegar o rio São Francisco aí fazer um curso de Educação Não Formal então pode fazer dentro a não tamos querendo conhecer aí são as excursões sobre sexualidade a gente pode fazer um trabalho junto à parada gay eu viajo nisso né pena que a gente não tenha tempo pra fazer tudo que quer né que pensa e que sonha então... Assim os espaços assim eu acho que não tem espaço mais apropriado aí depende dos objetivos que se tem e do que se quer então qualquer espaço é possível trabalhar a Educação Não Formal é lá junto com a resadeira é lá dentro dum terreiro é dentro de uma igreja pra mim não tem espaço é objetivo que você tem o que você quer naquele momento né qual o objetivo que tem aquele projeto o público que você quer alcançar né ou que que você quer alcançar junto aquele público então... Em qualquer lugar pra mim o que importa é o objetivo que a gente tem né é a gente construir essas condições né naqueles espaços porque às vezes dependendo do público que a gente vai trabalhar o espaço seja espaços é que a gente jamais pensaria seria mais importante, por exemplo, o hospital né então eu mi lembro, por exemplo, que quando a gente começou o projeto aqui a OCMEA eu até:: fiz a proposta dela ser itinerante né, mas naquele momento o professor M muito sabiamente me disse colaborador 3 eu gostaria de conversar com você sobre isso porque nós estamos começando a instituição nós temos que:: é:: consolidar a instituição nós temos que mostrar a nossa instituição e a OCMEA pode ser um dos projetos que vai ser o espelho da instituição então vamos manter a OCMEA aqui na instituição não vamos tirar daqui não então assim é naquele momento eu compreendi que pensando também no objetivo de consolidar e divulgar a nossa instituição manter a OCMEA na instituição ajudou nisso porque aí as pessoas vieram pra instituição né então as crianças,

os alunos os professores vieram pra essa instituição aí conheceram essa instituição então acho que ele foi muito sábio quando ele cortou assim cortou não né porque ele não impôs né ele me ajudou a parar de voar né um pouquinho porque eu sonho muito porque eu já queria ir pra o interiorzão e já queria andar pelos municípios com a OCMEA cada ano num município e ele sabiamente falou não vamos tentar consolidar a instituição vamos trazer as pessoas pra nossa instituição e acho que ele foi muito sábio nisso ele conseguiu né divulgar nós conseguimos também né com outros trabalhos também divulgar a nossa instituição porque a gente trouxe as pessoas pra cá né então aí por isso que eu falo depende muito do objetivo mas todos os espaços são possíveis né e dá pra gente sonhar muita coisa assim.

14. Sua instituição recebe incentivos para o financiamento das ações no campo da Educação Não Formal ou para um espaço permanente das mesmas?

Na realidade eu não ceei dizer se vem recurso não, não vêm recursos específicos tudo é por edital tá e:: aí depende muito né a questão de aprovação ou não por exemplo o último edital nós tivemos uma vez que a gente mandou um edital pro MEC... Que nós colocamos um projeto né institucional considerando a instituição né que era um projeto de instituição eu lembro que foi aprovado, mas é aquilo às vezes não é que aprovado, mas significa não significa necessariamente que o dinheiro vem né porque é tanta gente né então é:: e agora aconteceu o mesmo uma outra colega mandou um outro projeto também foi aprovado mas o dinheiro não tá dentro da parcela que o MEC né vai tá mandando né então a gente não tem um... Algo assim muito assim não tem algo seguro relacionado a:: um financiamento tirando a bolsa Pibix a gente não tem nada né e o que a gente recebe é como eu disse é quando a gente concorre a edital da Fapitec né? Só que a Fapitec não dá conta da demanda a demanda é muito alta né então, por exemplo, eu falo assim a Fapitec tem um papel muito importante nas ações aqui de extensão, mas o recurso que a gente né... Na realidade gasta a Fapitec paga vamos dizer trinta por cento do que a gente precisa né isso porque a gente sempre consegue o texto maior que a Fapitec financia né é muito importante o que a Fapitec contribui né, mas a gente tem muito a escarces de: recurso pra isso pra atividade de extensão a gente já teve ajuda do centro Dom José de Castro Brandão via né a Unicef então a gente tem que voltar esse dialogo porque a gente tem que tá buscando fora e é o que eu falo que as vezes a gente perde muito tempo né com isso né se nós tivéssemos uma via né direta né de financiamento que desse suporte nós não temos nem espaço né pra:: pra assim nem espaço físico né as coisas do projetos de extensão elas vivem de um lado pro outro porque não tem lugar para colocar o que

eu sempre tenho conversado com os diretores é que a gente tem que ter um espaço aqui que seja um espaço de congregar pelo menos os projetos de extensão pra gente guardar o que a gente conseguiu até agora adquirir e a gente não tem lugar pra isso também então não tem nem espaço físico.

15. Como explicar/justificar afirmações do tipo: “a Educação Formal é mais importante que a Educação Não Formal” ou mesmo que “a Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal”?

É a primeira frase eu acho que é uma questão mesmo de concepção vamos dizer equivocada das duas educação educações aí no caso né e a segunda tá muito relacionado a:: tudo volta a questão de concepção né eu penso que a Educação Não Formal ela pode complementar a educação é formal ela pode ter esse papel também como ela também pode ter um papel desvinculado da Educação Formal que é aquilo que eu comentei a gente pode é:: propor atividades de Educação Não Formal pra pessoas que não estão na Educação Formal né então ela vai tanto complementar pra quem já está lá né pode ampliar as possibilidades de aprendizagem de quem está dentro do contexto da Educação Formal mas como também pode possibilitar conhecimento pra quem não está inserido na Educação Formal então pode ser isso e mais ainda na minha opinião porque ela é muito mais ampla do que complementar a Educação Formal eu acho que ela teria que tá também trabalhando com as pessoas que não estão na Educação Formal.

16. O que o (a) senhor (a) sugere para melhorar (dinamizar) a relação escola- espaços/ações no campo da Educação Não Formal?

Primeiro financiamento primeiro é o financiamento que querendo ou não a gente não faz nada sem financiamento né e segundo eu penso também que:: os currículos né dos cursos não só de formação de professores como de todos os cursos de graduação eles teriam que ter mais explícito dentro deles o que: que vai ser feito de Educação Não Formal também porque ele pode estar sendo as atividades complementares mesmo né o que dentro, por exemplo, é que se a gente for pensar na característica do pesquisador da formação do professor pesquisador extensionista então a gente tinha que ter dentro do próprio currículo já a proposta de como a gente vai articular ensino-pesquisa-extensão que aí é articular Educação Formal-Educação Não Formal e a pesquisa né? Então a gente tem que ter uma reformulação dos currículos também de graduação pra articular essas diversas maneiras de educar né essas diversas formas

de construir né consciência sensibilização de construção mesmo do ser humano então eu acho que o segundo ponto seria essa questão mesmo curricular da a gente inserir dentro da proposta da instituição da proposta dos currículos mesmo de graduação como que nós vamos fazer a extensão como que nós vamos fazer a Educação Não Formal por que quando a gente faz a formação principalmente de professores a gente discute se limita a discutir o espaço da escola o espaço de Educação Formal e esquece de discutir as possibilidades que tem de Educação Não Formal é:: eu lembro que eu tava conversando essa semana né na internet com um ex-aluno meu lá da instituição D e que ele por exemplo ele não trabalha em escola ele trabalha numa ONG né eu tenho vários alunos que trabalham em ONGs né assim então mais pra eles trabalhar nisso ele tem que ter um mínimo de conhecimento e a instituição também tem que se dar conta que o espaço de educação o espaço que nossos alunos estarão trabalhando não é só o espaço da sala de aula ele também tem possibilidade de trabalhar no terceiro setor ele tem possibilidade de trabalhar nas ONGs nesses movimentos porquê tem possibilidade de trabalho ali mas pra isso ele tem que ser formado dentro da instituição ele tem que ter acesso a esses conhecimentos né e aí a gente se limita a escola não que não seja importante mas se limita a isso e o aluno não ver essas possibilidades de trabalho que tem e cada vez mais é principalmente com essa crise que a gente vive entre a questão ambiental a questão cultural dos movimentos culturais cada vez mais vai abri campos né vai ter necessidade de pessoas que trabalhem nesse terceiro setor que trabalha com essa questão dessa educação que não é a educação da escola num é educação é:: da universidade são outros espaços de discussão do ser humano de formação espaço de discussão da discriminação espaço de formação de por exemplo comunidade com a terra de trabalhar com pequeno produtor de discutir a educação ambiental é discutir o movimento homofóbico então a gente tem tanto espaço pra trabalhar só que a escola não faz isso a instituição não faz isso então a gente saí com uma formação reduzida né minimizada que eu acho nesse sentido então eu acho que a gente tinha que dinamizar muito isso aí tanto vai é... É melhorar eu acho a atuação enquanto escola porque aí o professor também na escola vai ter também condições de trabalhar com outros espaços e trazer pra sala de aula como também ele ter condições de trabalhar com:: nesses outros espaços também se não for na escola ele não tiver acesso a escola porque nem todo vai ser concursado vai passar num concurso vai ter vaga pra todo mundo mas tem vagas em outros locais também né.

Apêndice F (3) – Transcrição da Entrevista do Professor 3_ Instituição 2 / Colaborador**3****1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?**

Bom, é eu acredito que qualquer forma de educação, de atividade que a gente realize fora, fora da instituição, da instituição ou até mesmo fora da escola seja em praças, em pátios, em grandes centros, eu acho que podemos considerar como uma Educação Não Formal.

2. Como o (a) senhor (a) classifica seu grau de interesse por ações campo da Educação Não Formal? Nenhum, pouco, médio, grande, muito grande, explique sua resposta:

Olha eu posso classificar como grande né? Apesar que essa definição de Educação Não Formal, não, não tá bem estabelecida em minha mente é:: o conceito de Educação Não Formal ainda a gente, claro que a gente precisar reelaborar, ou até melhorar nossas concepções agora essa possibilidade de aproximação e de aumentar o: é ações de Educação Não Formal com atividades práticas, com oficinas é eu considero bastante importante e estou bastante envolvido nesse tipo de ação de levar ações da instituição para as escolas, não ceei até que ponto isso vai se caracterizar ou não como Educação Não Formal, mas isso aí eu tenho feito.

3. Para o (a) senhor (a) há alguma semelhança entre a Educação Formal e a Educação Não Formal?

Sim eu acho que há semelhanças há semelhanças nas pessoas que estão envolvidas no: em todo processo, acho que deve haver semelhanças na organização do trabalho pedagógico eu acho que tanto a Educação Formal como a não formal exige muito planejamento do professor é não só do professor, mas de todos os envolvidos, a gente acredita que o objetivo de qualquer prática nesse sentido é a melhoria da aprendizagem é aprender melhorar as concepções é do público alvo com relação aos conceitos científicos, com relação à capacidade que os alunos têm de tomar decisão a própria formação para a cidadania então, acredito que a organização desse trabalho pedagógico, o planejamento das ações e o público alvo tem, eu acho que tem bastante semelhança sim.

4. O que evidência as ações no campo da Educação Não Formal?

Bom eu acho que evidência é que nos temos muito a percorrer é, nós temos muitos, muitos problemas ainda é de defasagem de aprendizagem em áreas tanto nas áreas é:: específicas das

ciências naturais da Química, da física e da biologia, mas também em áreas básicas né? Em conteúdo básicos como o próprio português, a própria matemática a gente vê uma, uma limitação muito grande no aprendizado de alguns conceitos e que a gente vem observando também é uma desestrutura muito grande das escolas, da própria estrutura da política pública, os próprios a organização do trabalho do professor nas escolas e isso com certeza é isso está presente a gente consegue perceber isso quando a gente vai realizar essas ações, a gente percebe as limitações de aprendizagem dos alunos, nós percebemos que ainda existem locais que não têm professores de determinadas áreas do conhecimento, é algumas escolas nós temos conhecimento que chegam professores apenas no final, é das aulas então isso tudo quando a gente vai até a escola quando a gente vai propor alguma ação a gente procura conversar com os alunos, procurar ver como é a relação dele com a Química procura ver como é a relação dele com a aprendizagem e a gente vem percebendo várias limitações seja com relação à aprendizagem de conceitos básicos que são ensinados durante todo o processo de escolarização, na educação básica seja, na própria falta de estrutura organizacional das escolas no nosso estado, no estado de Sergipe.

5. O (a) senhor (a) promove ações no campo da Educação Não Formal? Se sim, com que frequência o (a) senhor (a) costuma realizar estas ações considerando os anos de 2012 e 2013? São ações permanentes (projetos) ou casuais (datas e/ou períodos específicos)? A instituição em que trabalha incentiva a realização destas ações? Se sim, quais ações e com frequência, se não, por quê?

Bom, eu vou começar primeiro pelo último questionamento então acho que, é a instituição na verdade não há um estímulo próprio da instituição, há uma cobrança nesse sentido né? De você realizar acho que ações é de Educação Não Formal, principalmente vinculadas às ações de extensão e alguns projetos mantidos pela instituição de como eu vou falar sobre esse conceito de Educação Não Formal o que a gente vem realizando hoje é um projeto chamado Química Itinerante é buscar a aproximação de nossos alunos aqui da Licenciatura em Química com os estudantes da educação básica através da organização e da apresentação de oficinas temáticas, essas oficinas temáticas são organizadas em torno de um tema estruturador, né? Que possibilita a contextualização do conteúdo químico e além de uma pluralidade de metodologias que estejam presentes nessa oficina temática por que, porque a gente tem alguns referenciais que discute que essa pluralidade de metodologias pode contribuir, é para o aprendizado se essa ida a escola é caracterizada como Educação Não Formal eu ainda não

tenho bem esse conceito bem estabelecido, mas é o que a gente vem fazendo é isso é buscar uma aproximação com estudantes da educação básica principalmente na escola que eu acho que é o local mais adequado porque a gente não acredita em algumas atividades tipo atividade de demonstração ou algumas mostras científicas que acontecem de forma muito confusa nas escolas, com muito barulho, com muita falta de organização, então por isso nossas atividades quando a gente realiza na escola a gente busca fazer na própria sala de aula pra que tenham condições mínimas adequadas para que haja um diálogo entre alunos que estão envolvidos com a proposta e os próprios estudantes da educação básica. É no ano de 2012, a gente realizou algumas ações nas escolas é dentro do âmbito do PIBID no âmbito do PIBID a gente realizou essas oficinas em escolas da grande Aracaju esse ano com, o Química Itinerante, a gente tá fazendo ações não só nas escolas, não não só nas escolas de Aracaju como também escolas do interior, nós estamos levando um número de seis, sete, oito ou dez oficinas por escola e na primeira visita que a gente fez esse ano no município de Pedrinhas nós atingimos um público alvo de quase trezentos alunos, no ano de 2013, com relação a 2013 também uma outra coisa que a gente vem fazendo é nós temos dois eventos aqui em extensão do departamento um evento do departamento de Química que é o Encontro Sergipano de Química e um evento que é o a Escola de Verão em Educação Química que é coordenado pela professora 5 e que é líder do grupo de estudos em educação Química dentro das ações desses dois projetos de extensão, são congressos realmente, que tem a apresentação de trabalhos científicos, tem palestras, mesa redonda nós também temos buscado essa aproximação com estudantes da educação básica e nós ofertamos nas duas últimas edições: 2012 o Encontro Sergipano de Química e agora 2013 a Escola de Verão, vinte oficinas temáticas dez em cada um dos momentos para estudantes também das escolas públicas é uma coisa que já aconteceu aqui no passado, mas que a gente retomou agora 2012, 2013 e a gente está ao máximo tentando buscar essa aproximação com as escolas, com os estudantes da educação básica e nós já tivemos ai aproximadamente é pouco mais de quinhentos alunos participando dessas duas atividades aqui na instituição.

_ Então nesse momento o foco das ações está mais voltado para os alunos da educação básica, mas tem alguma iniciativa ou se pensa em fazer alguma coisa voltada para população como um todo ou inicialmente não?

Olha pra agora não pra gora não o nosso foco agora é como os estudantes, porque a gente tá com muita preocupação com relação primeiro ao distanciamento que há: desses alunos com a

Química porque na verdade ele não consegue perceber a presença da Química no dia-a-dia e com relação também a defasagem de aprendizagem que estes estudantes chegam na educação básica, na instituição melhor dizendo e uma outra preocupação nossa é que já há estudos que mostram que... Como qual o motivo que os alunos escolhem a Licenciatura em Química ou uma área científica vinculado a Química ou outra área é a afinidade com a disciplina então a gente tenta desmistificar um pouco esse ensino da Química para possibilitar que mais alunos ingressem na área de Química e especificamente o nosso foco tentando motivá-los a serem professores de Química, a engessar no curso de Licenciatura em Química.

6. O (a) senhor (a) sabe se as agências de fomento, tais como: CNPq, CAPES, FAPITEC, FINEP entre outras, costumam incentivar e/ou financiar ações no campo de Educação Não Formal?

Com certeza a gente, nosso próprio projeto que nós temos buscando essa aproximação com estudantes da educação básica é nós temos financiamento da Fapitec no caso da, das ações de extensão que a gente realizou aqui a gente colocou como justificativa essa ação de aproximação com a educação básica, o projeto também foi aprovado pela CAPES nós sabemos que o CNPq também estão apoiando é projetos com essa iniciativa de Educação Não Formal, inclusive nós temos professores que, temos contato com professores que desenvolve ações nesse sentido o próprio a própria ação que ocorre na instituição lcom o professor K que tá coordenando a gente conhece o projeto sabe que tem financiamento do CNP então e acho que a tendência é ampliar né? Porque há uma carência em áreas científicas na Química, na física e biologia não só para atuar na indústria, mas também professores nas Instituições de Ensino Superior como também na educação básica, acho que essa preocupação é constante e eu acho que só tende a aumentar o financiamento em torno desse tipo de ação.

7. Para o (a) senhor (a), qual (is) a (s) principal (is) dificuldade(s) para realização de ações de Educação Não Formal? (Em termos de divulgação, apoio e/ou formas de atrair público para as atividades no campo da Educação Não Formal).

Bem como o:: a nossa ideia central agora não tá é, como está sendo atender esses alunos da educação básica e até mesmo quem sabe professores porque a gente tem uma quer também fazer isso com professores, mas dentro das principais dificuldades que eu vejo é mais na questão de organizar as atividades do número de pessoas envolvidas para orientar esses trabalhos é como eu falei anteriormente eu acho que a organização do trabalho pedagógico e a

organização da ação do que vai ser mostrado a população, ou ao estudante seja lá quem for, tem que ser planejada e esse planejamento ele requer bastante tempo, requer tempo, ele requer conhecimento específico na área, ele requer conhecimento pedagógico, é ele requer disponibilidade de tempo pra tá orientando então esse tipo de ação, então o número de pessoas envolvidas com esse tipo de projeto, ainda é muito reduzido, é muito pequeno nós por exemplo temos quatro professores aqui da área de Ensino de Química na nossa instituição, mas praticamente, esse tipo de aproximação com a educação básica ele vem sendo realizado apenas por dois professores então o que é que a gente observa que é um número reduzido o que a gente pode tentar fazer é buscar um dialogo maior com os professores de outras áreas do conhecimento pra que a gente possa efetivamente ampliar o número de orientadores nessas ações e com certeza elevar a qualidade do... Do projeto.

8. Qual o seu grau de envolvimento ao desenvolver as ações no campo da Educação Não Formal: orienta, monitora ou envolve-se de outra forma?

Acho que a gente faz de tudo um pouco eu acho que a gente orienta, a gente se envolve, a gente está presente no momento das apresentações nós vamos até a escola matricular os alunos que queiram participar da ação, é:: então a gente acompanha desde o planejamento da ação até sua execução e até a coleta de dados pra tentar entender um pouquinho quais são os impactos dessas ações, tanto na formação do futuro professor, quanto na melhoria nas concepções dos estudantes que estão vivenciando o projeto então nós dizemos que fazemos de tudo um pouco.

9. Quais os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da ação no campo da Educação Não Formal? (Elas podem ser definidas como descritas abaixo):

- **Interativas (requer a atenção e a manipulação do visitante);**
- **Demonstrativas;**
- **Dinâmicas;**
- **Outros (quais):**

Eu posso classificar como interativas, né? A gente busca esse envolvimento, do aluno com a... É com o estudante que tá lá é realizando a ação como é que a gente faz isso eu costumo dizer pros meus alunos sempre que a gente tem que começar uma aula ou uma oficina sempre com um questionamento porque eu acredito que isso possibilita o estímulo, a curiosidade possibilita o despertar do interesse do aluno para aprender a:: determinado conceito, além

disso garante uma postura mais reflexiva dos estudantes frente as exposições dos conceitos é:: o aluno ele é levado no caso das oficinas a manipular materiais, a realizar experimentos, a realizar é utilização de softwares, participar de jogo didático né? Participar dos debates como é que ele participa desse debate, buscando questionamento, buscando ouvir o aluno né? Isso eu acho que é essencialmente importante então consideramos com uma relação bastante interativa evidentemente como os alunos tão começando ainda esse processo é um processo inicial é: existe uma dificuldade ainda de saber como lidar com essas ações e de como realmente é dar voz ao aluno, como mediar todo esse trabalho de realmente possibilitar que os alunos manipulem os materiais, porque a gente disponibiliza o material, mas muitas das vezes o que a gente observa é que o aluno quer apenas demonstrar o experimento e o que a gente defende não é isso é que o aluno da educação básica ele faça o experimento, ele manipule os matérias até para que desenvolva algumas competências e habilidades.

10. Para o (a) senhor (a) como se dá o processo de aprendizagem a partir das ações no campo da Educação Não Formal?

- Os conceitos são apresentados de forma simples e clara;
- A interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva ao conceito;
- O conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes.
- Outros:

Olha eu acredito que esses dois itens é a interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva ao conceito, né? E o conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes eu acho, eu acredito que esses dois é pontos são contemplados no momento das ações, porque primeiro que a gente busca realmente fazer essa identificação das concepções prévias dos estudantes é não só no momento da aplicação, mas antes da aplicação da oficina o que a gente discute aqui com os alunos é que eles busquem identificar é resultados de pesquisa sobre aqueles temas que eles vão abordar em sala de aula então ele fazendo isso quando o aluno é busca identificar esses resultados de pesquisa ele já tem mais ou menos uma ideia de quais são as concepções alternativas que o estudante da educação básica apresenta sobre o conceito que eles vão abordar então a gente contempla esse questão e pede para eles também vão tentando fazer essa reconstrução das concepções deles no momento das ações, das atividades seja do experimento, seja do jogo didático, seja de outra é ação que está, que tá ocorrendo no momento da aplicação das oficinas.

11. Quais são as pessoas ou profissionais que podem atuar em ações no campo da Educação Não Formal?

Acredito que profissionais de diversas áreas do conhecimento, é difícil envolver o próprio processo burocrático eu acho que das próprias profissões não só da carreira docente, mas como de outras profissões é vão limitar esse maior envolvimento, esse contato com outros profissionais, mas acho que profissionais de diversas áreas engenheiros, é pessoal da área de saúde, é professores, os próprios estudantes da licenciatura, acho que todo mundo tem como dar a sua contribuição e se envolver nesse tipo de ação cada um olhando sua especialidade, contribuindo para é um projeto de melhor qualidade cada vez mais.

12. Qual a contribuição que o (a) senhor (a) atribui às ações no campo da Educação Não Formal para o ensino de Ciências (Química, Física, Biologia e/ou Matemática) na educação básica? Justifique.

Como até já falei anteriormente, nós vivemos uma situação meio que caótica nas escolas de educação básica no estado de Sergipe, eu fui professor da educação básica além das próprias limitações inerentes à própria prática do professor, que o professor quando termina a graduação não sai formado por completo é preciso estimular a formação continuada então além das próprias limitações do professor há uma desestrutura muito grande nas escolas do estado de Sergipe as políticas públicas não garante que o professor vivencie a escola, não garante que o professor produza seu próprio material, não garante que o professor atenda pais de alunos, por que não há tempo pra isso o professor sai de uma escola imediatamente vai pra outra e conseqüentemente o acompanhamento que é dado ao aluno da educação básica principalmente na escola pública é num espaço de tempo muito curto, não é? E você fica com pouco tempo para fazer esse planejamento de melhor qualidade de suas aulas devido à falta de estrutura da carreira docente, ao planejamento dessa carreira então assim como há várias limitações eu acredito que a chegada dessas ações na escola contribui e muito para que os alunos possam melhorar suas concepções porque, o que a gente vem observando é que a gente chega na escola e pergunta ao aluno o que é Química, você pergunta ao aluno qual é o assunto que ele está estudando e ele não sabe qual o assunto que ele está estudando então a gente tem que atacar um pouco mais esses problemas, identificar o porque né desses problemas ainda não só em algumas ideias que nós já temos por experiências, mas atacar mais esse problemas para tentar, quando a gente realizar as ações contribuir mais ainda para a evolução das concepções desses iniciantes.

13. Quais são os espaços mais apropriados para se desenvolver ações no campo da Educação Não Formal?

Olha eu acho que qualquer lugar que oferecer uma oportunidade um ambiente é de silêncio, é que não seja um ambiente, por exemplo, próximo a uma avenida movimentada, numa praça próximo a uma avenida movimentada, você não tem como fazer esse tipo de ação um ambiente que é: tenha a possibilidade de você levar os recursos que são necessários para o desenvolvimento da proposta e que não tenha ruídos, que não tenha interrupções na ação, eu acho que pode ser considerado um ambiente adequado então eu vejo a sala, o espaço estilo a sala de aula, como um espaço adequado, mas pode ser um auditório, pode ser é o local em que tenha realmente a acessibilidade o material necessário.

14. Sua instituição recebe incentivos para o financiamento das ações no campo da Educação Não Formal ou para um espaço permanente das mesmas?

Com relação a, ao financiamento sim há um incentivo né? Pelos órgãos, acho que não é um incentivo é que deve ser dado pelo órgão é como já existem os editais é nós professores buscamos participar desses editais, elaborar projeto para participar desses editais com relação a espaço ainda é um pouco como é que eu posso dizer a gente precisar estruturar melhor esses espaços nós temos praticamente apenas as salas de aulas até em uma conversa recente que eu tive com os professores aquilo que a gente poderia fazer tanto o pessoal da Química, física e biologia porque não precisava ser só uma aula, pra Química, uma sala só pra Química, física e biologia era ter uma, uma sala na instituição específica pra a gente receber os estudantes da educação básica, porque essas oficinas, por exemplo, elas poderiam ter um cronograma então na segunda você vai ver oficina da Química na cozinha, na terça feira você vai ver oficina da, é alguma oficina relacionada à física, na quinta feira você já volta a oficina da Química então se a gente tivesse esse espaço, ir agendando esse espaço com as escolas ou a própria população pra vir até a instituição eu acho que seria mais viável com uma sala com recursos de matérias para experimento, uma sala com recurso multimídia, acho que isso seria muito importante aqui na instituição.

15. Como explicar/justificar afirmações do tipo: “a Educação Formal é mais importante que a Educação Não Formal” ou mesmo que “a Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal”?

Acho que queira que não queira a Educação Não Formal tá presente é em varias formas na vida do estudante, seja traves da mídia, seja através, eu acho que principalmente hoje com os meios de comunicação da própria internet, eu acho que ao assistir também a uns determinados programas eu acho que a Educação Não Formal acaba chegando é até a população... Acho que as duas formas de educação é, são importantes tanto a formal porque eu acho que a Educação Formal vai tá contemplando aqueles conhecimentos básicos que a gente precisa ter pra, até pra evoluir em alguns, em algumas áreas do conhecimento como também a Educação Não Formal acho que entra com essa ideia de complementariedade, mas que tem também seu papel importante na aprendizagem e no desenvolvimento do cidadão.

16. O que o (a) senhor (a) sugere para melhorar (dinamizar) a relação escola-espacos/ações no campo da Educação Não Formal?

É uma boa pergunta essa que você tá fazendo porque acho que são vários fatores né? Eu acho que é a instituição apoia mais esse tipo de ação no sentido de valorizar o professor que desenvolve esse tipo de ação porque o que a gente sabe, acho que não é só a Instituição 2, são as Instituições de Ensino Superior de uma forma geral o que a gente observa muito hoje apesar do meu pouco, apesar do pouco tempo ainda que tenho na carreira docente, principalmente no ensino superior o que a gente observa é que o professor é muito valorizado, ele é mais valorizado enquanto pesquisador do que enquanto professor então é, o que é que acontece a preocupação maior muitas das vezes dos profissionais que estão na instituição é em melhorar seu currículo, sua produção, porque isso é que vai lhe dar nome enquanto que as ações de extensão e as ações de Educação Não Formal elas vão ficando em segundo, terceiro plano e apenas alguns dos professores se envolve com esse tipo de ação isso é um problema a ser enfrentado né? Porque eu acho que tem que valorizar essas ações de extensão e eu digo sempre que fazer ação de extensão é muito mais complexo do que fazer artigo e publicar artigo, porque envolve uma série de fatores eu acho que é rever a valorização dos profissionais que estão envolvidos com esse tipo de ação é: acho que rever também as estruturas da carreira docente tanto no ensino superior como na educação básica, porque o importante seria que o professor da educação básica ele atuasse como um coautor na produção dessas ações ele fosse também né? Ele ajudasse na elaboração do projeto, porque ele é quem vai vivenciar essa ação lá com o aluno então ele poderia também dar um suporte melhor e até criticar realmente o projeto se for necessário pra que esse projeto ele melhore sempre então eu acho que, dar garantias fornecer garantias para um envolvimento maior do professor do

ensino superior com o professor da educação básica, porque essa tríade: professor do ensino superior, da educação básica e aluno da licenciatura ela é bastante discutida e defendida, mas ela é difícil de ser colocada em prática geralmente o professor da educação [] fica realmente de forma passiva, ele não participa da elaboração do projeto, ele não participa da produção de material, ele apenas recebe as informações quando recebe então esse é um problema que a gente tem que enfrentar essa parceria então é: acho que o professor que se envolve nesse tipo de ação na educação básica devia ser mais valorizado, devia ter uma redução acho que, na sua carga horária, porque ele tá envolvido queira que não queira com outra proposta então isso passa pela uma nova concepção de qual é a função do professor, o professor não é só um dador de aulas e acabar com essa história de imaginar que qualidade de aula é só o professor na sala de aula sem saber muito, sem saber o que é que o professor tá fazendo então tem que oferecer condições pra que ambos, professor do ensino superior e com formação continuada busque esse diálogo e busque construir novos olhares sobre a Educação Formal e também sobre a Educação Não Formal.

Apêndice F (4) – Transcrição da Entrevista do Professor 4_Instituição 2 / Colaborador 4

1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?

A Educação Não Formal pra mim é a que acontece pode acontecer, fora do espaço da escola sem que exista uma programação pré-definida, com uma ementa pré-definida.

2. Como o (a) senhor (a) classifica seu grau de interesse por ações campo da Educação Não Formal? Nenhum, pouco, médio, grande, muito grande, explique sua resposta!

Eu considero médio porque as minhas ações estão mais associada à formação inicial da licenciatura apesar de que eu já fiz ações de: para despertar o interesse pela Química, certo? Então essas que eu fiz pra despertar o interesse pela Química eu considero que seja uma Educação Não Formal e porque eu considero educação, educação por que além de incentivar os alunos na questão da Química eu demonstrei pra eles, através de experimentos, de fala, de atividades o quanto a Química esta presente na vida do cidadão.

3. Para o (a) senhor (a) há alguma semelhança entre a Educação Formal e a Educação Não Formal?

Eu acho muito semelhantes com a diferença de que, uma eu já disse né? Mais vou repetir, a diferença de que a Educação Formal ela existe seguindo um protocolo de atenções, estabelecido no projeto político pedagógico dos cursos e a Educação Não Formal depende do contexto que você esteja, mas os princípios da ciência que a:: gente discute são os mesmos.

4. O que evidência as ações no campo da Educação Não Formal?

O que evidência uma ação no campo da Educação Não Formal é a não obrigatoriedade de cumprir uma ementa você discute aquilo diretamente, que está no contexto das pessoas que estão envolvidas nesta educação [não] formal isso não significa que na Educação Formal eu não faça isso não discuta estas questões, mas eu discuto estas questões segundo o que se estabelece no projeto político pedagógico e na Educação Não Formal isso é mais livre deveria acontecer também na formal à gente ter liberdade, só que se a gente mandar um projeto ou se a gente estabelecer um projeto político pedagógico sem estabelecer o que vai ser ensinado entendeu o projeto não é aprovado e nem aceito, inclusive pelo MEC.

5. O (a) senhor (a) promove ações no campo da Educação Não Formal? Se sim, com que frequência o (a) senhor (a) costuma realizar estas ações considerando os anos de 2012

e 2013? São ações permanentes (projetos) ou casuais (datas e/ou períodos específicos)? A instituição em que trabalha incentiva a realização destas ações? Se sim, quais ações e com frequência, se não, por quê?

Eu acho que eu... Já promovi muito mais do que promovo hoje, porque essas ações que eu considero não formais elas estão dentro de projetos, e esses projetos têm como objetivo é colocar os alunos da licenciatura numa ação de sala de aula, muito mais do que numa ação das necessidades do contexto da população então vamos dizer não é tão não formal então são projetos que, isso eu fiz muito na:: década de 90, eu trabalhei muito em ações, íamos até pro interior, são ações que ocorrem agora eu não me recordo mais eu tenho tudo registrado, certo? Eu acho que uma instituição ela dá espaço sempre para que a gente execute tanto ações formais e não já que o eixo a gente tem o nosso eixo de educação é fundamentado no tripé ensino, pesquisa e intenção.

6. O (a) senhor (a) sabe se as agências de fomento, tais como: CNPq, CAPES, FAPITEC, FINEP entre outras, costumam incentivar e/ou financiar ações no campo de Educação Não Formal?

Olha eu não ceei precisar quais destas daqui, mas eu já tive projetos financiado pelas CAPES, para você ter as ações, por exemplo, a questão do conhecimento da ciência, a divulgação da ciência, a popularização da ciência é financiado, mas eu não participei desse projeto então eu faço divulgação da ciência independente de... Financiamento se não me falhe a memória a CAPES e a Fapitec são duas que financia esse tipo, mas eu não posso afirmar, com precisão eu acho que se a gente quer popularizar a ciência, tornar a ciência uma coisa cultural no país a gente precisa da Educação Não Formal.

7. Para o (a) senhor (a), qual (is) a(s) principal (is) dificuldade (s) para realização de ações de Educação Não Formal? (Em termos de divulgação, apoio e/ou formas de atrair público para as atividades no campo da Educação Não Formal).

Olha na época que eu fiz eu não tinha dificuldade nenhuma de realizar essa Educação Não Formal que foi na década de 90, sempre teve espaço eu acho que você faz qualquer projeto qualquer ação que vai contribuir para o conhecimento, essas dificuldades são fáceis de serem vencidas por você ter o poder de mostrar para as pessoas a importância do que você vai fazer nessa Educação Não Formal para melhoria da qualidade de vida do indivíduo.

8. Qual o seu grau de envolvimento ao desenvolver as ações no campo da Educação Não Formal: orienta, monitora ou envolve-se de outra forma?

Eu faço tudo. Eu oriento, eu monitoro, eu elaboro e eu executo.

9. Quais os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da ação no campo da Educação Não Formal? (Elas podem ser definidas como descritas abaixo):

- **Interativas (requer a atenção e a manipulação do visitante);**
- **Demonstrativas;**
- **Dinâmicas;**
- **Outros (quais):**

Eu acho que elas são... Interativa, em algumas situações, porque a gente queria mostrar aos alunos os fenômenos que ocorrem na natureza por uma ou pelo menos no contexto do dia a dia deles como, por exemplo, o que pode acontecer com eles quando usavam produtos químicos de limpeza de forma inadequada, demonstrativas, porque em algumas situações dado a não a habilidade de executar determinadas tarefas que envolvam produtos químicos a gente precisava demonstrar dinâmica, porque a gente sempre procurou ouvir e discutir a partir desse contexto, dessa opinião, em algumas situações, a gente tenta inicialmente da uma fundamentação que hoje se chama de contextualizar para que a pessoa entenda o que a gente vai fazer. Então eu acho que essas três primeiras satisfaz, sempre satisfaz e satisfará minhas ações seja na Educação Formal ou na Educação Não Formal.

10. Para o (a) senhor (a) como se dá o processo de aprendizagem a partir das ações no campo da Educação Não Formal?

- **Os conceitos são apresentados de forma simples e clara;**
- **A interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva ao conceito;**
- **O conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes.**
- **Outros:**

Olha pra mim os conceitos devem ser apresentados de forma clara e simples, mas usando uma linguagem científica, certo? Outra coisa que eu acho importante e eu observei e cria muita expectativa é quando envolve a interação com os fenômenos a partir da experimentação que foi mais o caso meu, do que da observação, certo? Apesar de que quando eu fiz demonstrativa teve o lado também da observação, mas não é observar por observar, é observar por

compreender e o conceito trabalhado a partir das concepções, por isso que disse que era dinâmica interativa porque a gente ouvia sempre, e a partir dessas discussões a gente tentava adequar, porque como eu já falei se eu não estabelecer o que eu vou fazer o projeto não seria financiado. Olha dentro do que estabeleci o que eu poderia fazer para tornar interativo, é compreender quais as concepções que as pessoas tinham sobre o uso, por exemplo, como eu já falei de produtos de limpeza, produtos químicos de limpeza.

11. Quais são as pessoas ou profissionais que podem atuar em ações no campo da Educação Não Formal?

Eu acho que toda a pessoa que tem conhecimento, competência, tenha competência sobre um determinado tema pode fazer isso, na Educação Não Formal, muito mais do que na Educação Formal, porque na Educação Formal você tem um rigor, deve ter um rigor mais amplo de técnicas, de abordagens, de conteúdo, de profundidade de conteúdos, enquanto que na educação [não] formal isso não precisa ser tão profundo quanto na formal.

12. Qual a contribuição que o (a) senhor (a) atribui às ações no campo da Educação Não Formal para o ensino de Ciências (Química, Física, Biologia e/ou Matemática) na educação básica? Justifique.

Eu acho que essa ação no campo não formal pode despertar o interesse pelas ciências no meu caso específico apesar de que a gente percebe ao logo do nosso trabalho que os alunos têm uma, considera a Química como se diz popularmente um bicho de sete cabeças isso talvez por culpa nossa na Educação Formal a gente passa essa ideia de que aprender Química é trabalhar com fórmulas, nomes esquisitos, num é só trabalhar é decorar, formulas muita matemática enquanto que eu considero que, na educação [não] formal eu não preciso de formulas, nem preciso de matemática eu preciso de compreensão dos conceitos e como esses conceitos estão dentro de um contexto do cotidiano das pessoas.

13. Quais são os espaços mais apropriados para se desenvolver ações no campo da Educação Não Formal?

Bem todos os espaços que eu trabalhei foram na: foram os espaços das escolas da educação básica, mas eu acho que no contexto atual, onde você tem muito mais estruturado as comunidades ela pode ocorrer nesse contexto.

14. Sua instituição recebe incentivos para o financiamento das ações no campo da Educação Não Formal ou para um espaço permanente das mesmas?

Que eu saiba não porque os incentivos são, estão muito mais associados a projetos de iniciativa dos docentes, do que uma ação permanente certo? Um financiamento permanente dentro das rubricas estabelecidas pelo MEC para as despesas dentro da instituição de ensino superior.

15. Como explicar/justificar afirmações do tipo: “a Educação Formal é mais importante que a Educação Não Formal” ou mesmo que “a Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal”?

Eu acho que eu não considero que a Educação Formal é mais importante do que a Educação Não Formal, por que elas são dadas em contextos diferentes, em realidade diferente, com clientelas diferente, com objetivos diferente então eu acho que Educação Formal é uma educação, que inclusive tem que mudar muito né? Ela se encontra no meu ponto de vista ainda amarrada, atrelada, a coisas pré-estabelecidas e a educação [não] formal não. A Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal, eu acho que isso são coisas que não tem nada a ver, pra mim eu acho que são coisas independentes quer dizer, num tem nada a ver entre aspas, depende do contexto tanto ela pode ser complementar a Educação Formal porque eu posso ter alunos interessados por essa ação formal em Química pela contribuição e pela observação e pelo despertar dele numa ação de uma Educação Não Formal né? Então isso é muito relativo pra mim tudo depende de um contexto, porque educação a gente trata com pessoas e pessoas têm comportamentos diferentes e muitas vezes não são controladas, como são os fenômenos químicos, físicos e biológicos.

16. O que o (a) senhor (a) sugere para melhorar (dinamizar) a relação escola-espacos/ações no campo da Educação Não Formal?

Compromisso político e social por parte das instituições de ensino quando eu falo todos os componentes da Educação Formal, como das comunidades onde há necessidade de que a gente esclareça através de uma Educação Não Formal então essa relação escola espaços, ações no campo eu acho que ela é de fundamental importância, a todos precisa que as pessoas é queriam receber essas informações, então no meu caso eu só trabalhei no espaço escola certo? Porque... Talvez porque sempre envolvi os meus alunos da formação inicial então,

foram situações onde essa relação, pra mim é fundamental não pode haver Educação Formal ou não formal se não houve essa relação.

Apêndice F (5) – Transcrição da Entrevista do Professor 5_ Instituição 3 / Colaborador**5****1. Para o (a) senhor (a) o que é a Educação Não Formal?**

Seria algo que não estaria formalizado no projeto pedagógico do curso, mas seriam atividades realizadas pela própria coordenação né? Para que os alunos acrescentem estas atividades a sua formação, né verdade?

2. Como o (a) senhor (a) classifica seu grau de interesse por ações campo da Educação Não Formal? Nenhum, pouco, médio, grande, muito grande, explique sua resposta:

Muito grande.

3. Para o (a) senhor (a) há alguma semelhança entre a Educação Formal e a Educação Não Formal?

Eu acho que sim porque se a gente for levar em consideração aquilo lá, da licenciatura, ambas visam à aprendizagem do meu licenciando né? Ambas sendo que a Educação Formal eu creio que é o que eles têm que seguir, tem que tá lá eles tem que cumprir aquela carga horária para poder pegar o diploma e a Educação Não Formal, além de visar à aprendizagem do meu aluno ele vai escolher quais as atividades ele quer realizar se, quer realizar um projeto de pesquisa, se quer realizar uma extensão, se quer realizar uma monitoria e aí vai.

4. O que evidencia as ações no campo da Educação Não Formal?

Como assim, as ações.

_ Quais seriam as características (mais marcantes) que evidenciam qualquer ação nesse campo da Educação Não Formal?

Visar tanto a sua aprendizagem como a aprendizagem de seu público alvo né? Porque como a gente vai formar professores meu intuito é que eles aprendam e que façam aquele público alvo dele aprender o que eles querem passar.

5. O (a) senhor (a) promove ações no campo da Educação Não Formal? Se sim, com que frequência o (a) senhor (a) costuma realizar estas ações considerando os anos de 2012 e 2013? São ações permanentes (projetos) ou casuais (datas e/ou períodos

específicos)? A instituição em que trabalha incentiva a realização destas ações? Se sim, quais ações e com frequência, se não, por quê?

Aqui a instituição, incentiva né? Ela na verdade a instituição ela tem muita bolsa no último edital que sai na pró-reitora de pesquisa e extensão só de PIBIQ, PIBID, PIBEX foram noventa bolsas então ele incentiva bastante então a gente promove aqui com essas atividades complementares e com esses projetos de extensão a frequência os alunos vão geralmente de duas a três vezes por semana nas escolas estaduais e anualmente a gente faz o simpósio da licenciatura.

6. O (a) senhor (a) sabe se as agências de fomento, tais como: CNPq, CAPES, FAPITEC, FINEP entre outras, costumam incentivar e/ou financiar ações no campo de Educação Não Formal?

A CAPES financia que esse PIBID que a gente tem é via CAPES a Fapitec a gente tem aquele PIBIQ JÚNIOR na verdade não contempla alunos do curso superior e sim alunos do nível médio, mas esse ano a gente aprovou dois projetos pela Fapitec que aí a gente tá inserindo alunos da escola estadual nos projetos de pesquisa, então foram quatro bolsas que conseguimos para alunos da escola estadual.

7. Para o (a) senhor (a), qual (is) a(s) principal (is) dificuldade(s) para realização de ações de Educação Não Formal? (Em termos de divulgação, apoio e/ou formas de atrair público para as atividades no campo da Educação Não Formal).

Olha as principais dificuldades pelo menos nesse projeto que a gente tá, é uma das dificuldades, porém não é um empecilho são as greves que a gente tá se deparando né? A greve aí nos colégios estaduais porque aí quando a gente chega pra realizar essas intervenções, essas ações aí já é difícil conseguir alunos na escola às vezes o professor lá da escola, diz assim olha vocês vai ter um ponto na disciplina Química, mas assim é difícil pegar esses alunos no nível médio centrá-los e a greve quando a gente começa a realizar esse trabalho vem à greve aí a gente tem que parar porque as escolas muitas vezes não abrem.

8. Qual o seu grau de envolvimento ao desenvolver as ações no campo da Educação Não Formal: orienta, monitora ou envolve-se de outra forma?

Eu oriento, oriento e muitas vezes eu too lá presente também com os meninos vendo o que eles estão desenvolvendo.

9. Quais os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da ação no campo da Educação Não Formal? (Elas podem ser definidas como descritas abaixo):

- Interativas (requer a atenção e a manipulação do visitante);
- Demonstrativas;
- Dinâmicas;
- Outros (quais):

A gente faz tanto interativas né? Os nossos alunos eles desenvolvem práticas de laboratório né? Ou seja, tão interagindo com os alunos da escola, demonstram e fazem também muitas vezes dinâmicas através de uma peça de teatro, de uma amostra científica, que os alunos botam a mão na massa, eu acho que é um conjunto de todas, aí.

10. Para o (a) senhor (a) como se dá o processo de aprendizagem a partir das ações no campo da Educação Não Formal?

- Os conceitos são apresentados de forma simples e clara;
- A interação com o fenômeno, a partir da observação e da experimentação, leva ao conceito;
- O conceito é trabalhado a partir das concepções prévias dos participantes.
- Outros:

O conceito é trabalho a partir das concepções prévias, a gente parte das concepções prévias dos alunos e aí começa a desenvolver todo o conteúdo científico.

11. Quais são as pessoas ou profissionais que podem atuar em ações no campo da Educação Não Formal?

Eu acho que todos aqueles que têm interesse né? Tanto os professores das instituições de ensino superior, quantos os bolsistas dessas instituições assim como os professores da escola estadual.

12. Qual a contribuição que o (a) senhor (a) atribui às ações no campo da Educação Não Formal para o ensino de Ciências (Química, Física, Biologia e/ou Matemática) na educação básica? Justifique.

Então no caso da Química eu posso falar pela Química é como a gente falou a gente parte das concepções prévias dos alunos pra daí então passar o conhecimento científico né? Então é tem contribuído muito para a aprendizagem do aluno lá na escola é tanto que os professores da

escola eles têm relatado que o desempenho dos alunos tem aumentado, eles se tornam mais interessados pela disciplina, porque às vezes nessa forma né da Educação Não Formal eles estão colocando a mão na massa e aí ficam mais é, tem mais interesse, mais ativos e ficam com mais interesse né pela disciplina?

13. Quais são os espaços mais apropriados para se desenvolver ações no campo da Educação Não Formal?

Olha, os espaços eu acho que não tem aquele espaço mais apropriado não, tem aquele que esteja adequado para desenvolver a gente desenvolve a gente trabalha em duas escolas uma tem um laboratório muito bem equipado à outra não tem nada, mas assim dizer a... eu desenvolvo melhor naquela que tem laboratório não a gente desenvolve nas duas, a gente tenta adequar o local, né?

14. Sua instituição recebe incentivos para o financiamento das ações no campo da Educação Não Formal ou para um espaço permanente das mesmas?

Se a instituição recebe incentivo para, o financiamento das ações no campo da Educação Não Formal ou para um espaço permanente eu acho que a instituição ela não recebe incentivo, não.

15. Como explicar/justificar afirmações do tipo: “a Educação Formal é mais importante que a Educação Não Formal” ou mesmo que “a Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal”?

Eu acho que a Educação Formal nem uma nem outra é mais importante do que a outra eu acho que uma complementa como a outra a Educação Não Formal é ou deve ser complementar a Educação Formal eu acho que uma complementa a outra tanto a formal complementa a não formal como a não formal complementa a formal por que a gente não vai formar tipo um aluno só com conceitos científicos né? As disciplinas consideradas as matérias duras, mas ele deve vivenciar também a Educação Não Formal acho que isso tá com certeza ligado com a aprendizagem dele.

16. O que o (a) senhor (a) sugere para melhorar (dinamizar) a relação escola-espaços/ações no campo da Educação Não Formal?

Pra melhorar... Eu acho que assim pra melhorar depende de quem tá trabalhando né? Nessas ações eu não ceei como sugerir o que deve melhorar acho que os alunos e os professores envolvidos nessa Educação Não Formal eles sabem o que deve fazer como desenvolver,

porque assim a: gente tem que analisar que cada escola é uma escola, mas assim como melhorar depende das ações que está sendo realizadas.